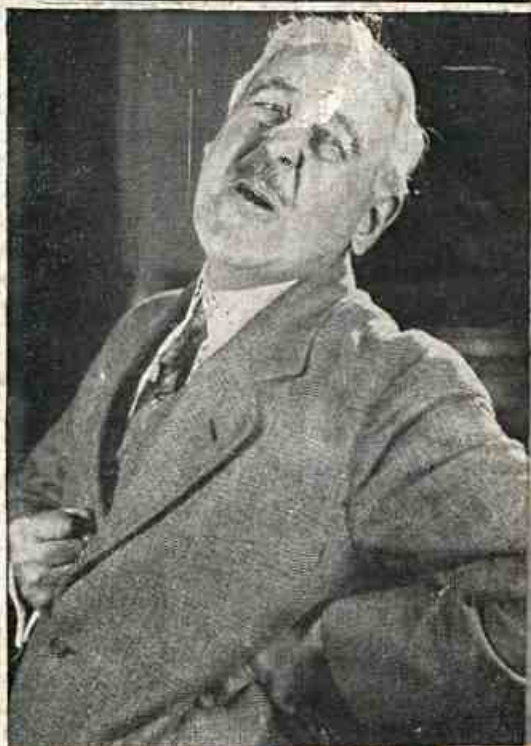
FON FON

ANNO XXIII —— N.º 44
Rio, 2 de Novembro de 1929
—— Preço: 1$000 ——

—Quando se agachava um momento ou fazia qualquer esforço —dôr na cintura!

E era tão intensa, que o mantinha prostrado numa cadeira por dias inteiros.

De um tempo para cá, porém, tem sabido evitar todos esses soffrimentos com a incomparavel

CAFIASPIRINA

Não é só allivio completo que elle obteve, pois, como este remedio contribue tambem para a eliminação do acido urico, o seu mal foi pouco a pouco desapparecendo.

Excellente, tambem, contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e rheumatismo; cólicas menstruaes, consequencias de noites em claro, excessos alcoolicos, etc.

O analgesico por excellencia para as pessôas debeis, porque

NÃO ATACA O CORAÇÃO NEM OS RINS.

O conto brasileiro

Um gesto Desastrado...

De GIL MOREL

"Meu querido: espero-te dia 10, ás 11 horas — *Elza*".

SERGIO, aniquilado, relia o bilhete escripto pela esposa.

Então Elza, a meiga e boa Elza, tinha um amante?

Sergio Percival, o banqueiro honrado, era um joguete ridiculo nas mãos da esposa?

E uma onda de odio subiu-lhe ao coração. Sentiu impetos de matar sem demora a mulher que desfizera cruelmente a mais bella, a unica illusão da sua vida arida de homem devotado a um trabalho fatigante.

Levantou-se agitado e accendeu um cigarro para coordenar as idéas que lhe desfilavam vertiginosamente pelo cerebro em fogo.

Aquelle bilhete, que encontrara por acaso no toucador de sua esposa, dava-lhe a prova de uma infamia sem desculpas.

Elza não poderia nem mesmo invocar a fraqueza feminina, uma explosão imprevista do instincto, ou cousa da mesma valia.

Aquelle chamado annunciava o adulterio frio e calculista.

E, passeando nervosamente pelo aposento, Sergio meditava no final inesperado de sua vida feliz.

Casára-se ainda moço, e via, ufano, a realização de todos os seus planos de ventura. Os negocios corriam-lhe favoraveis, dominára a fortuna, era amado pela esposa e via, orgulhoso, crescer o seu Carlos, filho querido para quem guardava as riquezas que conseguia no seu labor sem tregoas.

A lembrança do filho exasperou a dôr do banqueiro. Sentiu que precisava tomar uma resolução, para não enlouquecer de desespero.

Abriu a gaveta da secretária e apanhou o revolver.

A vista e o contacto da arma, fria e impassivel como a propria morte, acalmaram-lhe os nervos revoltados.

Não. A tragedia passional causava-lhe asco, e parecia-lhe muito banal.

As noticias berrantes dos jornaes, o escandalo, a prisão, e os commentarios da sociedade passaram-lhe pela mente.

Não soffreria tudo isso. "Aquella mulher" não valia tanto, e seu filho precisava ignorar a deslealdade da mãe.

Guardou a arma, sorrindo cruelmente.

Sua vingança devia ser mais terrivel: aquelle veneno estranho, que trouxera da sua viagem á Asia, não provocava a morte com soffrimentos espantosos, e sem deixar vestigios?

E Sergio Percival antegozou a vingança justa e calculada friamente como a traição covarde da mulher que o ludibriára.

Consultou o calendario. Dias seis. Quatro dias de espera...

Melhor. Aperfeiçoaria o seu plano.

Olhou para o bilhete. Dia 10... anniversario de seu casamento, mais um anno. Oito ou nove? Hesitou um pouco: oito? Não. Nove mesmo. Carlos ia fazer oito em março.

Um ruido qualquer sobresaltou o banqueiro.

Dirigiu-se ao toucador da esposa. O bilhete devia chegar ás mãos do "querido". O rival precisava assistir ao epilogo da sua obra mesquinha de D. Juan barato. Sorriu ao lembrar-se da hora combinada: 11 horas, então...

Elza tomava agua mineral durante as refeições. Os amantes iam almoçar juntos: ser-lhe-ia facil derramar umas gottas, bastantes, na jarra de crystal.

"Almoçar juntos", repetiu com sarcasmo. E elle, o tôlo, estaria, a essa hora, despachando papeis, attendendo a clientes aborrecidos...

Ganhou nervosamente a rua. Precisava espairecer um pouco, e não queria estar em casa quando Elza voltasse das visitas que fôra fazer.

Voltou tarde, como sempre.

Mal viu a esposa nos dias seguintes. Viviam separados quasi, pois seu trabalho o absorvia completamente.

Chegou, afinal, o esperado dia 10.

Sergio não foi ao escriptorio. Tomára as suas precauções: o pretexto seria uma viagem qualquer.

Esperou, pacientemente, escondido na bibliotheca.

Preparada a mesa para o almoço, Sergio aproveitou-se de uma ausencia da criada para derramar na jarra, cheia de agua, o conteúdo de um frasquinho de fórma original.

Voltou ao seu esconderijo, e esperou. Queria gozar o espectaculo cruel da morte de Elza. Rir-se-ia das suas contracções de dôr, dos espasmos finaes.

(Continúa na pag. 76).

O COMMENTARIO

LENDO os amplamente divulgados discursos politicos que se pronunciam todos os dias nas duas casas do parlamento, a gente não póde deixar de sentir-se invadida por uma funda sensação de sorpresa. Então, homens encanecidos no trato das questões publicas, homens envelhecidos no gôso das mais altas posições representativas e administrativas do paiz gastam horas seguidas a blaterar para que do seu palavreado não se aproveite nada?!

Nos seus discursos não medra uma idéa, não brilha uma luz, não se sente o perfume duma figura litteraria de bom gosto. Tudo gyra em derredor dos mais triviaes localismos e personalismos. A logica fugio. O bom senso moita. A cultura ainda não appareceu. E as discussões attingem á violencia por incapazes de attingir outra meta...

OS LADRÕES DE CEREJAS

Conto de LEON LAFAGE

O abbade Coumossian envelhecia em meio á quietude e á beatitude de sua parochia de Valbonnette.

Essa parochia ficava situada entre Avignon e o Pequeno Rhône, abrigada da brisa do inverno, ao pé de uma pequena collina perfumada de arvores aromaticas.

Não havia grandes peccados em Valbonnette: um tranquillo pontilhão por onde se ia ao purgatorio, para depois chegar ao paraiso e entrar no gozo da vida eterna.

A villa vivia em familia.

Passava-se, por exemplo, perto das cerejeiras de Granat, "o cantor", o gozava-se, á vontade, a mais linda especie do "gros cœur".

Si alguem tinha sêde, ao passar pelo jardim de Meturet, era só tomar da foice e cortar os figos, as ameixas, os pecegos e outras frutas saborosas, que havia no jardim e no pomar.

Frutas havia-as para dar aos animaes.

Ora, certa vez, revendedores despovoaram os vergeis e os pomares. Todos os philosophos e mexeriqueiros da roça, que semeavam, plantavam, ciscavam e trabalhavam para o proprio prazer, e mais os vizinhos e as aves tiveram um profundo sentimento, com aquella devastação. Os muros se recobriram de plantas bravas, trepadeiras espinhosas e escriptos prohibitivos.

Meluret aspergiu os seus bellos pecegos de uma mistura pharmaceutica. O medico acreditou que se tratava de uma epidemia de cholera-morbus. Depois houve rixas e processos. O prefeito declarou: "Saberemos pôr as coisas em ordem".

Valbonnette teve o seu guarda-campestre, um verdadeiro guarda: chapéo bicornio, placa, numero, facão ao lado.

Por desgraça, a villa tinha tambem três cabarets.

— Só o senhor, — disse, emfim, o prefeito ao cura, isto é, o abbade Coumossian — só o senhor poderia trazer um pouco de harmonia e honestidade a essa gente.

O cura poz em acção a sua tactica: misturou, ingenuamente, a promessa do céo á ameaça do inferno.

Ninguem mais ousou apparecer para roubar frutas. Ninguem mais se deu á tentação de uma só ameixa. Voltaram os velhos habitos.

Depois havia — e era em grande numero — aquelles que, de boa fé, contando com os amigos, não se queriam embaraçar com a complicação de arvores frutiferas no seu campo. Mas havia alguem que era desgraçado: Granat. Era Granat.

Cantor, bedel, sineiro, gostava do carrilhão de vidros, o vinho sem agua benta e as canções sem latim.

Tarde, embora, começava a ganhar uma bella fortuna, porque, só elle, na communa, era quem possuia um grande cerejal.

Elle o havia formado pouco a pouco, por amor ás plantas e dos entes; talvez porque o seu filho Justino, o "formigão", era um glutão, um comedor de primeira ordem.

Do fim de maio aos primeiros dias de setembro, as arvores, cada qual de per si, davam os seus frutos e enchiam a cesta dos mercadores. Mas os parochianos de Valbonnette não se queriam conformar em ser frustrados nas suas frutas saborosas. E Granat percebia, muito bem, que roubavam as cerejas que estavam á altura da mão.

Havia gente mais madrugadora do que elle.

— Queira falar, sr. abbade, nas suas prédicas, nos seus sermões, porque já não sou eu apenas o roubado. Furtaram os abricots de Meluret, as ameixas de Miquelette...

O cura deplorou e maldisse os larapios. Elle se revoltava deante da teimosia dos seus parochianos, indifferentes ás exhortações dominicaes. Elle temia, agora, a intervenção directa do céo. O Bom Deus estava cansado, finalmente, dos erros dos larapios de Valbonnette — dizia o sacerdote. Que lhe reservaria, a esse humilde povoado, a santa cólera de Deus?

Aconteceu que, durante o dia, e á noite mesmo — porque a lua era clara, muito clara — ouvia-se tocar o sino grande de Valbonnette.

Não era mais que uma badalada, de ordinario, uma pancada forte, grave, reprovadora, uma pancada de censura e de raiva, a qual, muitas vezes, impaciente e furiosa, se repetia com violencia.

As pessoas simples se admiravam e paravam, attonitas, deante do campanario.

Que haverá? Si os máus se adeantassem para ver o que se passava, encontrariam a porta do templo fechada.

Granat jurava não comprehender nada daquillo e o abbade Coumossian, que percebia, apezar de cabeçudo, esses sons inopinados, não estava longe de crer na intervenção celestial, com a qual ameaçava a maldade dos seus parochianos.

Notou que as queixas e as discussões diminuiam na villa. Granat podia vender todas as suas cerejas. Mas si bem que o nosso cantor tivesse razão para se rejubilar, tinha, no emtanto, os olhos fundos, cabeça baixa, e dormia a metade do dia.

— Vamos! — exclamava o cura — o meu cantor envelhece. O seu nariz se apaga, a sua voz definha, o seu passo vacilla. Que bom companheiro vou perder!

Assim dizendo, o abbade Coumossian passava ao lado do cerejal. Admirava a ordem, a riqueza, a variedade que nella se notavam: ambar de coração de pombas, rubis de griottes de Portugal, carmim veiados de purpura de Jaboulay...

"Com effeito, havia de tudo, no cerejal", em lindos tufos de folhas verdes. Meu Deus! Não era possivel saboreal-as?... Eram de Granat! E elle não as havia levado ao presbyterio?

Com auxilio da sua bengala de volta, o abbade puxou um ramo, que parecia uma corôa.

— Pan! — fez o grande sino.

O cura não ouviu nada e puxou outro ramo.

— Pan! Pan! — repetiu, severamente, o grande bronze.

— Que é isso — disse o abbade.

Mas, mesmo assim, colheu e comeu uma bella cereja.

O piedoso larapio deixou o ramo e cuspiu a semente. Depois, olhou em torno a si. — Ninguem! Mas, lá no alto, a immensa pupilla do céo o fitava.

Apressou-se em voltar á casa. Como passasse perto da fonte, ouviu gritos de duas gritadeiras comadres. (Era preciso que ellas gritassem para abafar o ruido da agua corrente).

— Roubaram alguem, sr. cura? Ouviu o sino? Vae recomeçar...

— Sim, mas não acredito em taes milagres...

Quando Granat, ao anoitecer, conforme era o seu habito, veiu receber ordens para o dia seguinte, o abbade Coumossian olhou-o com olhos de confessor:

— O senhor está bastante fatigado, sr. Granat... Isso ha muito tempo... Está muito fatigado...

— Ah, sr. cura, creio que é melhor confessar a verdade. Que deseja v. revdma.? E' preciso ajudar o bom Deus. Durante o dia é o meu filho que fica na torre da egreja — e elle tem um olho de lince! — á noite, sou eu que fico de vigia. Do alto, mesmo ao clarão da lua, todo o cerejal se via bem. Supponho que salvámos mais de quinhentos francos de cerejas, só esta semana...

Mas o cura não ouviu mais.

— Ah, ah! — fez elle. — E' Justino que está na escada durante o dia! Muito bem! Espera um pouco, que eu o apanharei a beber o meu vinho!

UFF! Que calôr está lá fóra!...

E' um prazer ao chegar em casa encontrar a familia num ambiente confortavel, livre do calor em excesso.

Após um dia cheio de trabalho é com satisfação que se vê approximar o momento de entrar em casa quando a mesma se encontra protegida dos excessos das estações. Si no verão, abrigada do calor. No inverno — confortavel.

Com a applicação do Celotex tão almejado conforto será realisado e ainda se encontrará protecção contra os ruidos exteriores.

COUPON *Queiram remetter-me o seu boletim sobre Celotex*

Nome ______________________

Direcção ______________________

F.F.

Celotex é fornecido em taboas com a espessura de 11 mm. largura de 1.22 mts. e comprimentos de 2.44 a 4.27 mts.

INTERNATIONAL MACHINERY COMPANY

RIO DE JANEIRO
RUA SÃO PEDRO, 66

RECIFE
RUA BOM JESUS, 237

SÃO PAULO
RUA FLOR. DE ABREU, 130-A

PORTO ALEGRE
RUA CAP. MONTANHA, 129

ENDEREÇO TELEGRAPHICO GERAL INTERMACO

Madame Paul

de Frederico Boutet

— São duas e meia... Meu Deus! Como passa o tempo!... Tenho que proseguir meu caminho. Até á vista, madame Paul.

— Até á vista, senhor Morin.

O cliente, um corretor commercial, que entrára para tomar alguma cousa gelada, pagou seu copo de cerveja, entrou novamente em seu carro, e se afastou. Madame Paul, uma mulher de quarenta a quarenta e cinco annos, de rosto fatigado sob seus cabellos escuros, onde repontavam alguns fios de prata, lavou o copo, collocou-o em seu logar e, atravessando a deserta sala sem enfeites, foi parar á porta. Fazia calor, e os primeiros pingos da chuva começavam a cahir sobre o caminho poeirento.

Nesse momento appareceu um homem que vinha pelo caminho que desembocava deante da estalagem e que, depois, se internava no bosque. Era um homem alto. Seu traje cinza, esfarrapado, mal lhe cobria as carnes. Trazia na cabeça um chapéo sujo, cahido sobre o rosto fraco. Sobre o rosto que parecia eriçado pela barba grisalha e hirsuta.

Ao vel-o atravessar o caminho, madame Paul entrou em seu estabelecimento. Dois minutos depois, o homem entrava tambem.

— Que deseja? — perguntou madame Paul.

— Quero comer e beber.

Ella estremeceu. O homem tirou o chapéo, e então madame Paul poude ver-lhe os olhos.

— Meu Deus! E's tu?

E dizendo isto, a mulher se deixou cahir em uma cadeira. Parecia que ia desmaiar.

— Aqui não ha mais ninguem além de ti, não é verdade? — perguntou o homem, em voz baixa.

— Ninguém além de mim... Meu Deus!... E's tu! Por que nunca me deste noticias de tua pessoa? Que fizeste nos doze annos que passaste longe de mim? Por que voltas agora?

O homem respondeu simplesmente:

— Esperei no bosque até que tivesse a certeza de que aqui não havia ninguem. Mas, dá-me primeiro alguma cousa para comer. Depois falaremos.

A mulher foi, correndo, buscar um pouco de carne fria, pão e cerveja. O homem devorou tudo aquillo em silencio. Ella o olhava. La[...] mas que não podia conter cor[...] lentamente por suas faces. Qu[...] o homem acabou de comer, ell[...] serviu uma chicara de café e [...] calice de cognac.

Só então o recem-chegado [...] ceu melhor.

— Como tudo isso faz ben[...] Ha mais de oito dias que nem [...] nem durmo a meu gosto. Q[...] dar-me outro calice de cogna[...]

— Estás na miseria? — perg[...] a mulher.

O homem abriu os braços par[...] lhe vissem melhor os farrapo[...] o cobriam.

— Basta que me olhes — dis[...] Mas, eu mereço tudo isso. Fo[...] minha culpa. Por que parti[...] que te abandonei? Não pense[...] agora o lamento, nem que ta[...] sinta remorsos na conscien[...] Quando penso que tive a sor[...] encontrar na vida uma m[...] como tu trabalhadora, honrad[...] mosa e tudo o mais, e que, [...] de dez annos de vida conjug[...] que seguíamos perfeitamen[...] accordo...

Ella teve um movimento [...] dignação.

— Dez annos em que seg[...] perfeitamente d eaccordo? [...] te!... Não sabes, acaso, que [...] pre me fizeste soffrer?

— Eram tolices. Ficavas [...] mada por nada...

— E nada foi, tambem, a[...] nares-me assim, sem dizer u[...] lavra? Abandonares-me com [...] crianças?...

— Aquillo foi uma loucura [...] loucura! Não ha outra palav[...] que possa explicar minha a[...] Mas bem castigado fui por [...] bastante lamentei minha ac[...] Succederam-me tantas des[...]

O homem estremeceu, ao [...] isto. Ouviram-se passos n[...] minho.

— Eu não queria que me [...] aqui, neste estado — prosegu[...] com ar intranquillo. Queres q[...] mos conversar na saleta?

Ella não respondeu, mas [...] a andar em direcção de um [...] no gabinete que dava para [...] dim. O homem levava na mã[...] garrafa de cognac.

— Como vão os negocios? — [...] guntou.

— Posso dizer que mais bem que mal. Quando te foste, não sei como consegui sustentar-me durante dias e dias com tres creanças e sem dinheiro. Suppuz morrer de angustia. Agora já reagi.

A mulher falava sem colera. Era bem verdade que nunca sentira indignação contra aquelle homem a quem tanto amára. Madame Paul olhava seu marido, em quem se viam, apesar da edade, apesar da miséria, apesar do abandono — se viam vestigios do que fôra. Que faltas e que vicios haviam impresso em seu rosto tão profundas rugas? Por que tinha elle essa expressão de terror, de inquietude, quando olhava para fóra?

— Que fizeste? — perguntou, de repente, madame Paul.

Elle estremeceu, e sua mulher pareceu notar que o rubor lhe havia subido ao rosto.

— Eu?... Não fiz nada... Vi uma pergunta!... Quando me fui, quando commetti essa loucura...

— Cala-te! — interrompeu ella, com violência. — Tu te foste deixando atraz de ti a suspeita vehemente de uma infamia!

— Isso não é verdade... Foram historias... Numa palavra: quando comecei aquellas loucuras, procurei fazer fortuna, comprehendes?, para voltar depois a pedir-te perdão. Mas não tive exito... Conheci máos individuos, gastei o pouco dinheiro que me restava e então não me atrevi a voltar. Mas agora, que estou velho, quiz rever-te, antes de morrer...

Ella não respondeu.

— Onde estão os meninos? — perguntou o homem.

— Celia casou-se com Bernardo, o carreteiro. Emilio está empregado, mas mora aqui. Eugenia é costureira. Cose durante o dia no castello... e o guarda-bosque a pediu em casamento. Casar-se-ão este inverno.

— Mas, quantos annos tem?

— Breve completará dezoito.

— E' verdade. Tinha cinco ou seis annos quando... De certo, não a reconheceria, si a visse. Tambem não reconheceria os outros. Dize-me: que sabem elles de seu pae? Com certeza me julgarão morto, não é verdade? E' melhor seria para todos, e notadamente para ti...

— Que pensas fazer? — interrompeu madame Paul.

— Não sei... Não poderia... Deves comprehender que nestes momentos é melhor que não me vejam. Tive questões... em Paris. Nada grave, eu te asseguro... Por umas joias... Talvez fosse melhor que eu ficasse aqui, até que isso se resolvesse...

Madame Paul empallideceu.

— Escuta — disse, após um momento de silencio. Ficarás si quizeres. Apesar de tudo o que me fizeste, não te direi que te vás. Mas é que ha meus filhos. Bem sabes que por aqui não te podes esconder. Todo mundo saberia, dentro de dois dias, que estavas de volta. O guarda-bosque te conhece, e dois gendarmes que estavam aqui quando te foste tambem te conhecem. Deves imaginar que, quando souberem que voltaste, os commentarios surgirão... Informar-se-ão, quererão saber. Então... Não é por mim, mas por nossos filhos... Por Eugenia, que está noiva e se vae casar... Elles não merecem ter contrariedades, nem dissabores... E si isso succedesse...

— Isso?! Que queres dizer?

— Que te virão buscar preso aqui — murmurou ella. — Não... Não me digas nada. E's o unico juiz. Não sei que é que arriscas; tu o sabes...

Ella se aproximou de uma gaveta, abriu-a, tirou alguma cousa de dentro, e, em seguida, voltou para junto delle.

— Toma! — disse. — Aqui tens dinheiro. Todo o dinheiro que tenho... Resolve, pois, o que vaes fazer. Si pódes ficar, si não ha perigo algum, está bem. Esta casa é tua, e, digam o que disserem, pouco ligarei. E's meu marido, voltaste... Mas, si não podes ficar, si ha algum perigo, então... Então, é preciso que sejas tu quem resolva. Reflecte, que eu de nada sei...

Madame Paul procurava falar com tranquillidade, mas tremia violentamente. O homem estava rigido, com o dinheiro apertado nas mãos. Madame Paul deixou-o um momento e entrou no compartimento vizinho. Depois de alguns minutos, ouviu-se o ruido de passos e ouviu-se o abrir de uma porta. Através dos vidros, madame Paul viu que o homem atravessava o jardim e sahia.

Depois, elle se internou na sombra do caminho que conduzia ao bosque.

Quando seus olhos já não puderam distinguir a silhueta miseravel do marido, madame Paul enxugou as lagrimas que lhe corriam pelas faces, e murmurou:

— Elle nunca foi um máo homem...

M. C.

Para o rei da Prussia

De ARTHUR DOURLIAC

"Trabalhar para o rei da Prussia!"

Todos sabem o que significa esse dictado.

Mas de onde vem elle?

Eis o que pouco se sabe — ou que talvez n ugnimessabaih shrdluin talvez ninguem saiba ao certo.

* * *

Ha, seguramente, seculo e meio, reinava na Prussia, que acabava de ser elevada á categoria de reino, Frederico Guilherme I; e, sobre a moda, reino muito importante, embora de caracter diverso, o famoso Lubin, barbeiro da côrte.

Da côrte de França, bem entendido. Não é a França que dá o tom, o bom tom, a moda, o bom gosto, desde que a França existe?

Ora, era mestre Lubin, o architecto desses edificios complicados, que exaltavam, ainda mais que os seu talons, a figura das nobres damas de então, e que tanto necessitavam de flexibilidade na mão como de segurança no golpe de vista.

Os perruqueiros tambem eram considerados como verdadeiros artistas. E só a associação de que faziam parte, é que tinha o direito de usar espada.

* * *

Entre os aprendizes do mestre Lubin se achava um joven, doce e timido como si fosse uma donzella. Chamava-se Leonardo.

Leonardo orgulhava-se da sua arte delicada e galante... e estava apaixonado pela filha do seu patrão, a bella Olivette, deliciosa senhorita de tez fresca e ar illuminado.

Essas duas paixões eram egualmente infelizes, uma vez que mestre Lubin havia declarado que, para se fazer seu genro, seria mistér tornar-se seu successor e, para isto, era indispensavel ter trabalhado numa cabeça coroada.

— Só ao meu genro concederei o privilegio de "perruqueiro de Sua Majestade". Só o "perruqueiro de Sua Majestade" será o meu genro, repetia elle.

Era um circulo vicioso.

* * *

Um dia, Leonardo recebeu uma carta de seu tio, sapateiro do seu estado, protestante da sua religião, e estabelecido em Berlim, depois da revogação do édito de Nantes.

Os seus negocios prosperavam e elle convidava o seu sobrinho para vir se installar perto delle, uma vez que as pessoas e as coisas da França eram tão apreciadas no estrangeiro, em virtude, sem duvida, do proverbio: "Ninguem é propheta em sua terra".

Leonardo hesitou um pouco...

Deixar a sua patria, a sua gentil Olivette, dava-lhe uma grande magua e uma profunda tristeza.

Mas, consultada, Olivette foi de opinião que elle devia partir.

A fina garota havia lido no jogo do pae, julgando que o moço não poderia, durante muito tempo, passar do seu segundo perruqueiro.

Elle seria forçado a capitular, sobretudo quando Leonardo voltasse com o titulo de "perruqueiro de Sua Majestade, o Rei da Prussia".

Assim, de accordo com a joven, guardou elle segredo sobre o objectivo da sua viagem. Pediu apenas uma licença ao seu patrão, illudido e despistado, e deixou as margens do Sena pelas de Sprée.

* * *

O seu tio não o havia enganado: elle tinha uma brilhante e aristocratica clientela, que partilhava com elle, um calçatudo, outro tratando do cabello de todos os elegantes da capital. E Leonardo, dentro em pouco, tambem estava em moda na famosa Berlim. Tão em moda como mestre Lubin em Paris.

Uma só coisa faltava á sua felicidade: pentear uma cabeça coroada, e juntar ao seu titulo este outro tão desejado: "perruqueiro de Sua Majestade".

Tambem qual não foi a sua emoção, quando a rainha o mandou chamar.

Sem duvida, a côrte de Frederico Guilherme não era a de Luis XV; mas, emfim, era uma côrte...

Leonardo dirigiu-se para palacio á hora indicada, o tricornio sob o braço, o busto esticado e a bocca em fórma de coração.

Foi introduzido nos salões do palacio...

Sob as suas mãos habeis, os cabellos, penteados, empoados, se elevaram em bandós graciosos, leves e solidos ao mesmo tempo, por cima da fronte de seus augustos clientes, admirados e encantados.

Leonardo recebeu forçados elogios dos mais lisonjeiros:

— Até parece que estamos em Versalhes! — declaram as dam[as] encantadas.

Era o supremo elogio.

Leonardo se preparava para retirar, quando uma voz rude soou, desagradavelmente ao seu [ou]vido, lançando esta phrase tão [...]periosa para o seu talento co[mo] para as augustas cabeças, con[fia]das aos seus cuidados:

— Que significa essa mascara[da?]

Era um typo magro, secco, rosto antipathico e ar furibundo. Elle trazia a bengala sob o br[aço] e o chapéo na cabeça.

Esse detalhe significativo, ju[nto] ao terror pintado em todos os [ros]tos e ao aspecto de todas aque[llas] altas cabelleiras, numa nuvem [de] pó, annunciava ao pobre per[ru]queiro o rei Frederico Guilherm[e, o] "rei-sargento", como se dizia.

Não era um principe comm[o] esse pae do grande Frederico. E [...] tal, elle nutria o seu filho de [...] secco, recusava o mais simp[les] adorno á sua esposa, trazia ve[stes] ordinarias e, durante o seu rein[ado] os mesmos botões de cobre que [...] descosiam de um velho unifo[rme] para metter em um novo.

A sua entrada produziu, por [...] uma sensação desagradavel.

A rainha balbuciou algumas d[es]culpas a proposito da recepção [do] embaixador de França e o de[ver] de render-lhe homenagens.

Frederico interrompeu-a, bru[tal]mente.

— Estás louca e suppões que [...]lero ver-te assim mascarada?

E voltando-se para Leonardo, [...] mudo e desconcertado.

— Fizeste aqui uma bella co[...] trata de reparal-a do melhor m[odo]. Rapa immediatamente essas [ca]beças tontas. E, quanto a ti, ma[...]me, ajuntou elle, voltando-se p[ara] a rainha, que procurava acalma[l-o], si não te trato como a tuas fil[has] é que seria inconveniente que u[ma] rainha da Prussia tivesse a cab[eça] raspada.

Preces e protestos foram egu[al]mente inuteis.

Foram obrigadas a obedecer [ao] rei perverso e brutal.

Quando a execução estava ter[mi]nada, o rei, impassivel, se diri[giu] ao executor, consternado.

— Todo trabalho merece reco[m]pensa — disse elle. — Que te [deve] a rainha?

— Dez florins, sire — respon[deu] Leonardo, hesitante.

— Dez florins! Na verdade, [mada]ma, não és generosa e esse ra[paz...]

Pó de ARROZ Lady

É O MELHOR
E NÃO É O MAIS CARO
SUPERIOR AOS ESTRANGEIROS

PERFUMARIAS LOPES
RIO–S. PAULO

A VENDA EM TODO O BRAZIL

Contra insectos — BORICAMPHOR

EMMAGRECER

tornar-se mais elegante o que se consegue com o

Thé Méxicain du Dr. Jawas

A obesidade destróe a belleza e envelhece antes do tempo. Para conservar a mocidade e a elegancia e ter a cintura fina e esbelta, tomem o Thé Mexicain du Dr. Jawas e infallivelmente emmagrecerão, sem nenhum perigo para a saude e sem regimen algum.

Tratamento vegetal, absolutamente innoffensivo.

A' venda em todas as Drogarias e Pharmacias.

A. NARODETZKI
18, BOULEVARD BONNE-NOUVELLE
PARIS

levaria para o seu paiz uma triste idéa de nossa côrte.

— Sire, eu suppuz — balbuciou a rainha, estupefacta, deante de tal censura.

— Serei mais pródigo e pagarei melhor os teus serviços, meu rapaz. Quanto te devo por teres executado as minhas ordens?

— Sire... o que agradar a Vossa Majestade — disse o perruqueiro.

— Levas vinte florins... Paga o teu serviço?

— Sim, sire — respondeu Leonardo, encantado, e inclinando-se até ao solo.

Para o rei da Prussia

(Continuação)

— Ah! ai!

As bengaladas cahiram sobre as costas do rapaz, emquanto o "rei-sargento" contava sem pressa.

— Um florim, dois florins...

E, pela primeira vez na sua vida, Frederico foi pródigo.

Leonardo, quebrado e moido de pancadas, apressou-se a voltar á França. Lubin acabava de morrer. Assim, teve elle a sua successão e a sua filha, a formosa Olivette.

Elle ficou muito em moda, e poude gravar na sua placa:

Perruqueiro das côrtes de França e da Prussia.

* * *

Elle havia pago esse direito muito caro. Mas guardou silencio sobre a sua desventura. E quando brincavam com elle, a proposito da brutalidade de Frederico, elle costumava dizer:

— Eu o achei muito generoso. Deu-me o livre de trabalhar para o rei da Prússia.

OS CREPUSCULOS DE PEKIN

DE ABEL BONNARD

Já disse como são lindos os crepusculos em Pekin, mas nunca vi nenhum que se pudesse comparar a este de hoje.

Eu estava em um desses logares que prefiro, á margem da villa mandchú, lá onde uma rua larga e direita vinha terminar — na torre do Tambor.

Não longe se ergue a do Sino. Mas esse nome de *torre* póde fazer confusão.

A torre do Tambor é bem um palacio alto e quadrado, onde se vê, no meio do edificio, o disco negro do Tambor se destacar no ar que o rodeia, como a pupilla de um olho enorme.

E' nesse quarteirão que os antigos mandchús das bandeiras, arruinados pela queda do imperio, vivem nas suas casas quasi vasias, onde se deixam afundar na pobreza, sem renunciar á sua desdenhosa ociosidade de gentishomens.

Eu visitava as lojas dos pequenos antiquarios, onde me deixava ficar, apezar do declinio do dia, porque é a hora em que essa occupação tem maior encanto.

Depois de ter respondido aos sorrisos finos e macios de um velho negociante, enterro-me num longo quarto, de onde a luz foge como um crêpe que se arregaçasse.

Mas cada uma daquellas coisas curiosas faz um grande esforço par retel-a: um ramo de coral, um pendantif de agata, uma flôr de nácar procuram prender uma scintillação e, brincando como fogos-fatuos com os olhos do observador, não cessam de attrahil-o para enganar.

Eu me divertia com esse jogo quando, voltando á porta, percebi, de repente, por cima do tecto fronteiro, um vasto polvilhamento de malva e de ouro, que me chamou a attenção para a belleza do crepusculo.

Corri á torre do Sino. Subi o primeiro degráo. E' ahi que repousa um enorme sino, que tem a sua legenda e que annuncia a Pekim as horas da noite.

Perto delle, cáe a longa barra de ferro, com a fórma de um duplo T, semelhante ao *belier* das antigas cadeiras e que, agora, á primeira vespera, quando o tambor da torre vizinha tiver batido e oito vezes, virá fazel-o vibrar, cento e oito vezes, numa exacta resposta.

Sem me demorar em olhal-o, cheguei até ao parapeito exterior.

O espectaculo do sol poente estava para terminar. Uma nuvem violeta se estendia ao fundo do céo, como uma téla de onde a luz, contrariada, espirasse em grandes revoltas, attingindo os seus raios outras nuvens esparsas. Por cima de mim, no vacuo immenso, percebo rapidos pontos negros que se succedem: eram gafanhotos.

Mas os corvos, pousados sobre a torre, voavam e voltavam ao mesmo logar.

Cada um delles ensaiava apanhar um insecto.

Muitas vezes elles o conseguiam da primeira vez; outras vezes, as suas revira-voltas e os seus movimentos imprevistos os indicavam que elles haviam falhado.

Assim que elles apanhavam os animaesinhos, voltavam ao seu pouso, as azas planas, para devoral-os e antes que a ave abordasse a biqueira do tecto, eu percebia a barra que o insecto fazia no seu bico.

Os corvos da torre vizinha, das muralhas, das portas e os de Pekin caçavam da mesma maneira, e isso me dava a idéa precisa da sua utilidade.

Entretanto, o crepusculo se apagava. As nuvens se haviam reunido em uma só massa de um azul de tinta, que opprimia o horizonte. Mas essa ameaça, muito longinqua, não alterava a doçura vizinha da tarde.

Em baixo, eu entrevia as arvores confusas, os pateos quadrados, as casas baixas onde começava uma vida mais restricta e mais familiar.

Algumas lampadas ainda apagadas repousavam como grãos de ouro no ar neutro e pallido. A cidade augmentava o seu ruido, não o rumor das nossas capitaes, mas o suspiro vago e leve de uma cidade sem carruagens. Um *brouhaha* de vozes e de gritos onde se distinguia sempre o rumor de um insecto, o *gong* baixo de um vendedor.

Ao pé da torre, brincavam as creanças do bairro, as quaes, de momento a momento, soltavam gritos estranhos.

Uma lua incompleta, de uma brancura fria e cerrada, subia rapidamente para as alturas do zenith, como para se apoderar de um throno vasio.

O sol não havia deixado no horizonte senão um clarão muito triste.

A accumulação das nuvens longinquas se havia tornado ainda mais espessa.

Uma tempestade concentrava e expandia o seu furor sem que se percebesse bem a sua extensão.

Eu não distinguia senão um blóco negro, de onde, a cada instante se deslocava um relampago...

ANNA LUCIA (São Paulo) — A sua collaboração foi entregue ao secretario. Sem duvida, elle aproveital-a-á.

STENIO DE SÁ (Pernambuco) — Sim, caro confrade. Recebi, com agrado, a sua collaboração. Vamos dar publicidade á *Evocação da Felicidade* que é positivamente, uma bella pagina literaria, original e reveladora dos bellos espiritos que ha na minha terra e que, até agora, eram desconhecidos por mim — excepto quatro ou cinco.

Ha no corpo da composição algumas estrophes que são admiraveis.

A chave de Araujo Filho é uma verdadeira chave de ouro.

E' possivel que esse interessante trabalho appareça em nosso numero de Natal, edição especial, e que está sendo ansiosamente esperado.

Foi para mim uma agradavel surpreza, a revelação que me fez de tão illustres poetas.

Parabens, caro confrade. E conte commigo naquillo que estiver dentro das minhas possibilidades literarias.

AGGRIPINO DO AMOR (Capital) — Ora viva! Está chegando o fim do anno. Dão-se as férias dos caixeiros, estudantes e amanuenses. E' claro, pois, que a nuvem de poetas se espêssa — á maneira de uma nuvem de gafanhotos.

Positivamente, é indispensavel arranjar um insecticida qualquer... Talvez pó da Persia me seja util...

Na avalanche de poetastros que me assediam, surge, agora, o insipido e ao mesmo tempo amoroso Aggripino do Amor. Aggripino do Amor! E' o nome do poeta... Imagine-se agora a arte do poeta *amoroso*...

Antes da arte, é-me grato publicar a missiva do vate. Leiamol-o:

"Prezado Yves: — Junto a esta, algumas linhas rimadas, para serem convenientemente julgados pela sua competencia. Não lhe peço complascencia, mas sim Justiça. Se merecerem cesta, não ponha duvida, que eu não me zangarei por isso. Mas se ao contrario, o amigo, achar que devem ser publicadas no Fon-Fon, será isso motivo de grande Jubilo para mim.

Agora, permitta-me prevenil-o do seguinte:

Não uso metrica. Apenas o rythmo para o meu ouvido. E' bem possivel, que no ouvido do meu caro destinatario, mais habituado do que o meu ás cadencias dos versos, a minha poesia não encontre a desejada accommodação, não lhe agradando portanto.

Se o presado Yves, quizer se dar ao incommodo de contar syllabas, previno-lhe que é tempo perdido, pois creio, não encontrará dois versos com o mesmo numero de syllabas.

E' mais ou menos feito "á moda futurista", muito embora eu não aprecie os artistas desse genero. Mas nos meus versos, apenas á falta de metrica é que chamo: futurista, porque o resto (modestia á parte), mesmo que o meu julgador não goste, não poderá condemnar a falta de sentido. Entrego-vos portanto ao seu livre julgamento e aguardando a sua breve resposta, peço-lhe desculpar-me da cacetada. — *Aggripino do Amor.*"

Ao chegar até aqui, fico perplexo de vêr que o senhor não me preveniu de que tambem não devia encontrar os seus versos no papel. E que bom, para mim, si não os encontrasse!

O sr. poeta notavel, me faz lembrar aquelle bohemio que se dizia pintor. Tendo annunciado uma exposição de pintura, teve o prazer de vêr a sala cheia de representantes das artes e das letras.

Mas nas paredes só havia télas em branco. Esperava-se que os quadros apparecessem. Mas nada!

A paginas tantas, alguem se lembrou de perguntar-lhe:

— Onde estão os quadros?

— Os quadros? — respondeu elle com a maior calma deste mundo — São essas télas em branco.

E com um cynismo adoravel:

— Eu cá não uso desenho nem tintas. As minhas télas são todas em branco.

Assim fez o senhor. Nos seus versos encontramos tudo. Menos poesia e talento.

O senhor, evidentemente, não é um poeta: é um "numero"!...

OLHOS VERDES (São Paulo) — Sou extremamente sensivel á gentileza que teve para commigo, offerecendo-me aquellas delicadas violetas delicadas como a sua alma de élite.

Diz V. Exa. que me devo recordar de sua pessôa. Podia ser insincero, affirmando que sim. Mas não me lembro de V. Ex. Mesmo porque, segundo creio, nunca lhe fui apresentado.

Por isso mesmo, achei muita incoherencia no seu presente, conquanto represente uma fina cortezia.

Diz que esteve aqui, mais de uma semana. Levou saudades da terra carioca. E para matar essas saudades, ou reavival-as (?) me envia um lindo e carissimo ramo de violetas, acompanhado de uma carta azul, "escandalosamente perfumada."

Não comprehendo a logica de semelhante attitude. Acaso symbolizarei as coisas cariocas, que lhe produziram tão intensas saudades? Mas como pode isso se dar se nem sequer V. Ex. me fez uma visitinha, aqui na redacção, o que, aliás tantas outras paulistas têm feito?

Em todo caso, si a sua intenção foi personificar em mim as coisas que viu aqui no Rio, eu me sinto glorificado com isso — com esse grandioso symbolismo; apenas desejo que, ao formular a minha imagem, ao idealisar o meu typo, não lhe surja no cerebro illuminado o schema de um bonde de Catumby, o perfil do obelisco da Avenida, nem o esboço do Pão de Assucar, nem o canal do Mangue, nem a Estação Pedro II, nem o morro da Favella, nem cavallo de Pedro I, ou outra qualquer coisa mais prosaica...

Por favor! Pense na praia de Copacabana, com as suas *sereias* humanas; na Quinta da Bôa Vista, nos jardins da rua Conde de Bomfim, nas nevoas da Tijuca, ou nos pardaes do Largo da Carioca.

Afinal de contas, todos nós, homens da penna e rimadores de versos, somos um pouco como os vadios pardaes: cantamos e não entoamos. Que diz com os seus *olhos verdes*, — que não vi nem por um oculo?

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitam, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 2-11-1929

Nome do consultante ....

....

Data da consulta ....

RAINHA (Capital) — Ahi está! Hoje, dia de chuva, dia em que a gente sente os nervos crispados e um "gosto amargo" de saudade no coração, como diria Garrett, uma carta como a de V. Ex., é uma bella surpreza. Maior ainda que a chuva de manjares esperada pelos israelitas... Maior ainda que si tivessemos a noticia da quéda do Pão de Assucar... Maior ainda que a sorte grande... que si vissemos um cégo de nascença no cinema... um surdo-mudo cantar a *Traviata*...

Mas vejamos essa preciosidade. Uma carta como a de V. Ex devia ser gravada em letras de ouro, aos pés da sua estatua, com uma inauguração pomposa, a que comparecessem bandas de musica, o mundo official, a juventude das escolas, os representantes das associações sportivas, e o nosso alto mundanismo.

Eis uma deliciosa missiva:

"Snr. Yves — Tenho lido com vivo interesse, todas as cartas publicadas e tambem as suas respostas, no "Saibam-todos".

Desde ha muito tive vontade de escrever-lhe, mas como sou muito timida, ainda me não tinha apparecido occasião.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Hoje, nem sei como resolvi pedir-lhe a informação seguinte:

Queria saber, que especie de informações me poderia dar.

Espero que não se recusará ao meu pedido, pois já sei que é muito gentil.

Peço a gentileza de responder para "Rainha", que fica-lhe muito grata.

Rio-12-929.

N. B. — Com certeza achará, que é impossivel uma rainha se dignar a escrever ao nr. Yves, não é?

— Mais uma vez, peço a sua resposta. Muito grata. — *A mesma*."

D. Rainha... Oh! desculpe' Majestade... Queira Vossa Majestade saber que este seu humilde vassallo está admirado, realmente, de vêr uma rainha... republicana brasileira escrever a um desclassificado plebeu. Mas não da intelligencia que V. Majestade revela.

Tinha graça que a missiva de uma rainha não fosse uma maravilha, como esta, — capaz de fazer sombra ás Sévignés...

Majestade! A especie de informações que lhe posso fornecer é de ordem puramente estatistica.

Exemplo: no Brasil ainda ha grande percentagem de analphabetos... Posso tambem informar que no *Sermão sobre a montanha* (*Evangelho*, S. Matheus, V. 3) ha esta phrase em latim: "Beati pauperes spiritu" — que significa: *Bemaventurados os pobres de espirito*...

Tambem me será difficil prestar a V. Majestade a seguinte informação: si intelligencia se comprasse, a coisa mais facil deste mundo seria acabar com os papalvos e os obtusos... Ha ainda outras especies de informações muito uteis. Uma dellas é esta: o Brasil, não é, como préga o *chavão*, um paiz essencialmente agricola. A prova é que não produz batatas, como seria de desejar.

Vê-se bem que ellas são poucas para quem as deveria plantar...

LUIZA (São Paulo) — A sua collaboração está muito infantil. Não serve para o nosso semanario. Como, porém, o seu trabalho está bem realizado, litterariamente falando, é possivel que possa fazer outro melhor e enviar-nos trabalho de mais folego.

A entre o começo do somno e o sonho um intervallo mais ou menos longo, completamente vago de pensamentos. E' como o ether entre duas atmospheras. Este intervallo e a morte são a mesma coisa, com a unica differença de que o primeiro é intermittente e a segunda é definitiva.

Ora succede que na transição entre o inicio do somno e o sonho, o cerebro ou cessa de funccionar para descanço ou funcciona ao inverso quando não regula.

Moleculas em orgasmo fervilhavam num raio de sol que da janella se projectava sobre o soalho. Corpusculos escuros atravessavam o raio, illuminando-se e desapparecendo no vacuo como um meteoro.

Inexplicavel mudança de fórma e de côr imprimiu ao raio um movimento de rotação, como se o Sol se delocasse de sua róta, e augmentou de largura illuminando o gabinete de uma luz amarellada, mas mortiça.

Uma escrevaninha preta, massiça, uma cadeira de braços, de espaldar alto e almofada roxa.

Sobre a escrevaninha uma pasta de couro e um apparelho bem parecido com um relogio de pulseira, tendo no lugar do mostrador um espelho e tres minusculos parafusos de um lado.

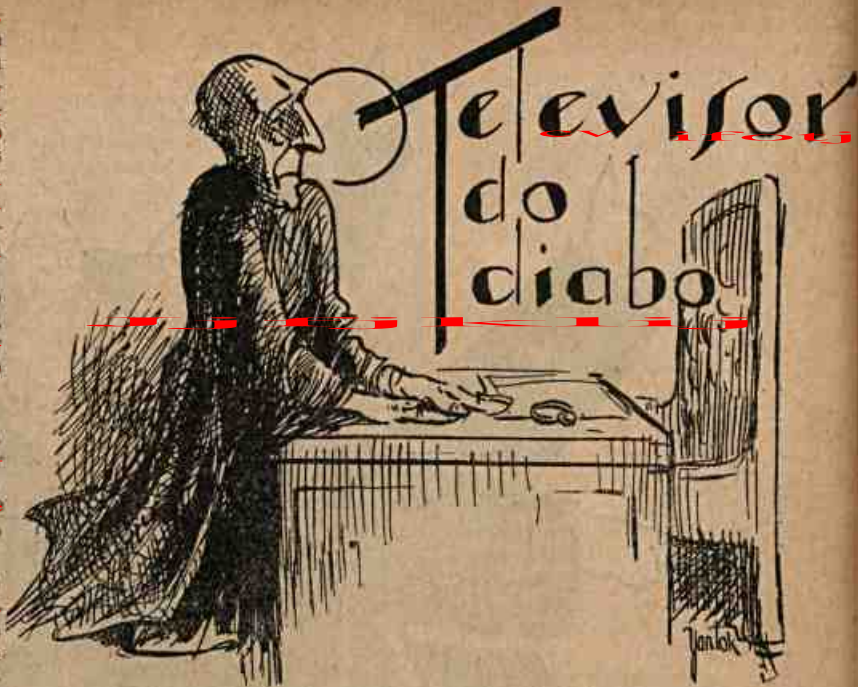
Sobre o assoalho, no meio do gabinete, um tapete completamente preto nas bordas, tendo no centro um triangulo branco.

O silencio é interrompido por um leve tic-tac monotono, mas isso não accusa a presença de relogio algum. A luz mortiça e amarella começou a bruxolear e a apagar-se, mas antes que se extinguisse, outra luz desta vez verde, difffundiu-se pelo gabinete.

O tic-tac cessou e bruscamente, o tapete, começou a erguer-se no centro e a medida que se erguia lentamente o triangulo branco ia tomando o aspecto de um rosto humano. Em pouco o tapete servia de capa a um personagem de estatura imponente, rosto magro, escanhoado, calvo, tendo apenas poucos cabellos grisalhos a cobrir-lhe as temporas. Nenhuma expressão no seu rosto. Apoiou ambas as mãos sobre a escrevaninha e, olhando para a cadeira de braço, como se estivesse falando a alguem, perguntou:

— Ha novidades, Pandór?

— Nenhuma, Exa.

— Que lastimo, ainda falta muito para completar o archivo. A proposito, Pandór, quando revistares os archivos, procura fechal-os cuidadosamente. Ha quem se aproveite disso para escapolir-se ou protestar que foi engano. Eu não me engano, já sabes.

— Não duvida, Exa.

A voz grave que respondia vinha da cadeira, mas não se via quem falava. Inexplicavel esta invisibilidade!

— E sobretudo, Pandór, não no deixes o televisor ao acaso sobre a mesa.

— E' verdade, Exa. Um esquecimento.

O bracelete com o espelho ergueu-se sustentado por uma mão

invisivel e abrindo-se uma gaveta nella foi posto, tornando a gaveta a fechar-se. Um segundo não se passou que o personagem que o interlocutor respeitava como Exa., deu a volta á escrevaninha e sentou-se na cadeira, immobilizando-se.

A luz verde foi lentamente se extinguindo e, embora pela janella se visse o sol esplender, o gabinete ficára completamente nas trévas.

Uma immensa galeria tendo as paredes cobertas de archivos de aço; innumeras gavetas, cada qual com sua etiqueta.

De vez em quando, uma gaveta se abria, ouvia-se uma phrase, um começo de protesto logo interrompido pelo fechar brusco da gaveta.

Cessou qualquer movimento. As gavetas fechadas, tudo voltou ao silencio.

Incomprehensivel aquella situação.

A atmosphera estava carregada, a luz mortiça mal deixava vêr a fileira de gavetas até o fundo.

Mas uma gaveta a um metro de altura começou a abrir-se lentamente. Outra ao lado, quasi no mesmo tempo, se ia abrindo até as duas ficarem inteiramente abertas.

Formas gelatinosas foram surgindo, definindo-se, tomando corpo e consistencia, até se tornarem duas pessôas vestidas com apurada elegancia, dois homens, jovens na apparencia.

O primeiro deu uma viravolta sobre os calcanhares e tomou a direcção dos fundos.

O segundo olhou fixamente a etiqueta da gaveta donde saira o outro e tomou a direcção opposta sumindo-se na escuridão.

De novo o gabinete. Luz verde. Na cadeira de braços, ninguem.

O segundo personagem estava procurando alguma coisa sobre a escrevaninha. Parou um instante, accendeu um cigarro e jogou o phosphoro sobre a pasta. Tirou uma baforada de fumaça e abriu uma gaveta. Tomou da pulseira e com displicencia de elegante collocou-a ao seu pulso esquerdo.

Sahiu pela janella saltando para o exterior com uma agilidade extraordinaria.

*

— Precisamente, minha senhora, estou ás ordens — disse Starken levantando-se e acompanhando madame Rosetta, a rica viuva, até a porta.

E accrescentou, risonho:

— Amanhã ás 8 horas estarei em sua casa sem falta.

Fechou a porta, immobilizou-se um instante e o espelho em frente reflectiu um rictus sinistro que contrahiu sua feição dura, rigida. Um fulgor nos olhos glaucos rapido como um relampago projectou-se sobre um calhamaço de acções ao portador de uma conhecida companhia.

O advogado Starken jogou no cinzeiro o cigarro que se lhe havia apagado entre os dedos e tomando do calhamaço abriu uma tampa secreta da poltrona, e introduziu-o no vão, tornando a fechar com muito cuidado. Em seguida soltou uma gargalhada que abafou ao meio, como o abafador do piano, e murmurou:

— Amanhã, Exma., duas horas depois de ter fumado um dos meus deliciosos cigarros, sua *preciosa* existencia voará para o Além, deixando-me seu *desconhecido* herdeiro.

Riu. Abriu uma gaveta e della retirou uma cigarreira de prata contendo meia duzia de cigarros.

— Eis ahi! Aperta-se uma molla e o cigarro espicha e se apresenta. Bella invenção! Seu *conteúdo*, então.

*

— Não está mal, não, — Esse Starken é uma mentalidade! — disse Swanty olhando o espelhinho da pulseira. — Tem muita subtileza para urdir as suas proezas. Amanhã 8 h., cigarro *delicioso*, existencia *preciosa* despachada para o Além duas horas depois, o conteúdo do cigarro, elle o desconhecido herdeiro. Tem verve, o patife.

Quem visse Swanty poderia jurar que era o irmão gemeo de Starken. As mesmas feições, os mesmos traços; os mesmos olhos. Só a expressão era differente. Juntos, ninguem os distinguiria um do outro.

Swanty ergueu-se da cadeira, com um movimento fez descer o punho sobre a pulseira, tomou do chapéo, da bengala e sahiu.

Na rua. Gente apressada.

Levanty entra num café. Sorve lentamente uma chicara de café e se aproxima de uma mesa vizinha, perguntando a um frequentador:

— Desculpe, sr. Krammer, pode me informar a cotação das acções da Koplian Company?

— 274 dollars.

— Muito bem. Tenho 200 para vender. Pode encarregar-se disso?

— Compro-as para mim, senhor Starken.

— Espere que vou buscal-as.

Swanty não corrigiu o engano, ao ser trocado por Starken.

Meia hora depois:

— Cá estão as 200 acções — disse Swanty voltando ao café.

— Eu não perdi tempo, sr. Starken — disse Krammer, — gosto

de negocios rapidos. Cá está o dinheiro. E' favor de contar, sim?

— Minha confiança em si, senhor Krammer, é quem conta. — Passe bem e bom proveito...

*

Dia seguinte. Pouco antes das 8 h. da manhã.

Starken está sorvendo seu café. Em seu quarto uma cortina se afasta, uma mão avança até o cabide de centro, toma de um bolso a cigarreira, della um cigarro com a ponta dourada (os outros não têm ponta dourada, por que?) e o substitue por um oltro, tabem de ponta dourada. Mas não é só isso. Os cigarros que não têm a ponta dourada tambem são substituidos por outros eguaes. Volta a cigarreira ao seu logar. Uma sombra esgueira-se e salta, pela janella. Que salto prodigioso! Starken veste-se e sáe.

— Hoje é o dia, esta é hora. Vamos.

*

— Aceita um cigarro, Exma... delicioso, como o que lhe offereci hontem?

— Obrigada, muito gentil, sr. Starken.

Da cigarreira saltou um cigarro com a ponta doura, que madame Rosetta tomou com seus dedozinhos de unhas rosadas e achou mesmo deliciooso.

Starken tomou outro cigarro e soltou umas valentes baforadas.

— Então, minha senhora, fica entendido que negociarei as suas acções logo que obtiver bôa cotação? — Tenho muitos negocios que me prendem e sinto não poder prolongar o prazer de sua companhia.

Despediu-se.

Como era linda a cidade. Um passeio de auto, um bom admoço, coisa de duas horas e *madame* tabem passeará para o Além.

*

Ergueram-no da calçada. Examinaram. Veiu a Assistencia. Morto Uma syncope. Nas algibeiras uma carteira com algum dinheiro, papeis, um cartão de visitas com o nome:

HAROLD STARKEN
advogado

E uma cigarreira. Todos os cigarros haviam sido fumados

Num café Swanty olhava attentamente para o espelho da pulseira.

— Não me enganei de ficha. E' elle messmo. Starken. Levam-no para o necroterio. O vicio do fumo. Madame ia sendo victima do cigarro, mas ficou sem as acções. Starken (ou eu) vendeu-as. Que patife! (eu ou elle?) Este senhor, S. Exa. o Diabo, tem um excellente televisor. Não me escapa occasião nenhuma. Vejo tudo.

Mas, quando Swanty ia acariciar o televisor, uma mão invisivel arrancou-o e outra segurou-o pelo gasganete, dizendo:

— Para o archivo um e outro.

— O outro quem é?

— Starken.

Swanty riu.

— Eu e Starken, meu caro Pandói, somos uma pessôa só. Você nos separou em duas gavetas differentes. Quando estou acordado sou Starken, quando durmo sou Swanty — Dupla personalidade, — uma annulla o que outra faz — Dois cerebros.

Max Yantok

Sob um chapéo de glycinias...

DE JACQUES DES GACHONS

ELLA é verdadeiramente deliciosa.

O seu enorme chapéo sem rebordo assemelhava-se a esses meio tonneis nos quaes se fazem nascer os loureiros-rosas nas portas dos cafés, das provincias. Era, como elles, pintado de verde-maçã. Uma corôa o ornava. Uma corôa de glycinias, cujos alfinetes livres, se moviam docemente a cada um dos movimentos da joven. Causava admiração que as pequeninas flores côr de malva fossem silenciosas e não emittissem alguma crystallina e mysteriosa musica.

Sob esse chapéo monstruoso, encantador, havia um cacho de cabello de ouro, de ouro verdadeiro, virgem e quente; uma fonte pequena, um nariz delicado, uma bocca formosa, um queixo bem feito e dois grandes olhos da côr dos alfinetes.

Tambem eram esses grandes olhos côr de malva que primeiramente se viam e admiravam em seguida.

A sua ingenuidade, a sua delicada candura encantavam um rosto de santa, condemnada ao moderno disfarce e contrangido a todas as mesquinhas obrigações da vida mundana.

Ella ia sózinha, num elegante "trotteur" beige, cuja tunica longa lhe dava ao andar uma graça semelhante a de certos insectos graciosos.

Hesitou em atravessar uma rua, fez uma parada num refugio, fechou e depois abriu o seu chapéo de sol, sem motivo apparente e se decidiu a partir novamente em que um auto passava.

Escapou de ficar debaixo delle. Levou a mão livre ao rosto para não vêr o que se ia passar.

Nada, aliás, se passou, porque o "chauffeur" freiou o carro a tempo. Atravessei a rua, por minha vez, um tanto emocionado. Não sei que curiosidade, não sei que inquietude me levou a seguir a linda transeunte.

"Pobre pequena, disse eu; é uma criatura de quem o destino fará um bom boccado... Ella parece estar mal preparada para a terrivel luta de hoje. Nunca vi olhos tão lindos com aquella bella côr de malva!..."

* * *

Entrei, após ella, numa confeitaria. Chapéos se levantaram á sua passagem. Mãos sem luvas se estenderam para as suas mãos. Eu já estava um pouco tranquillizado, a proposito da sua sorte.

Estava em uma terra onde tinha muitas relações. Ia refugiar-se em algum grupo amigo. Não lhe faltariam defensores, quando ella entendesse de sahir.

O acaso quiz que depois de uma volta elle viesse sentar-se a meu lado, numa outra mesa. Ergueu-se um murmurio e ouvi, pela primeira vez, a sua voz doce, uma voz de mel e de crystal, se assim se póde dizer. Não acho melhores termos de comparação.

— Estamos á vontade. Que felicidade!

— Carlos deve vir, disse alguem, uma das moças que occupavam as cadeiras em torno ao *queridon*, mas temos um bom quarto de hora.

— E depois, si elle nos aborrecer, o teu Carlos, nós o enxotaremos daqui, disse a joven dos olhos de glycinia. Mas, vamos comer primeiramente. Estou com uma fome de lobo.

Uma criada, que a conhecia, sem duvida, lhe trouxe, nesse instante, tudo o que ella desejava.

Fez-se um silencio.

Ficaram a vel-a devorar os doces, os confeitos, e a assucarar o seu chá, deitar o leite e mexer o liquido com a colher.

As suas tres amigas sorriam de admiração.

— Agora, disse a recem-chegada, eu as escuto. E que dizem do meu chapéo?

— E' lindo, disseram em côro, as amigas.

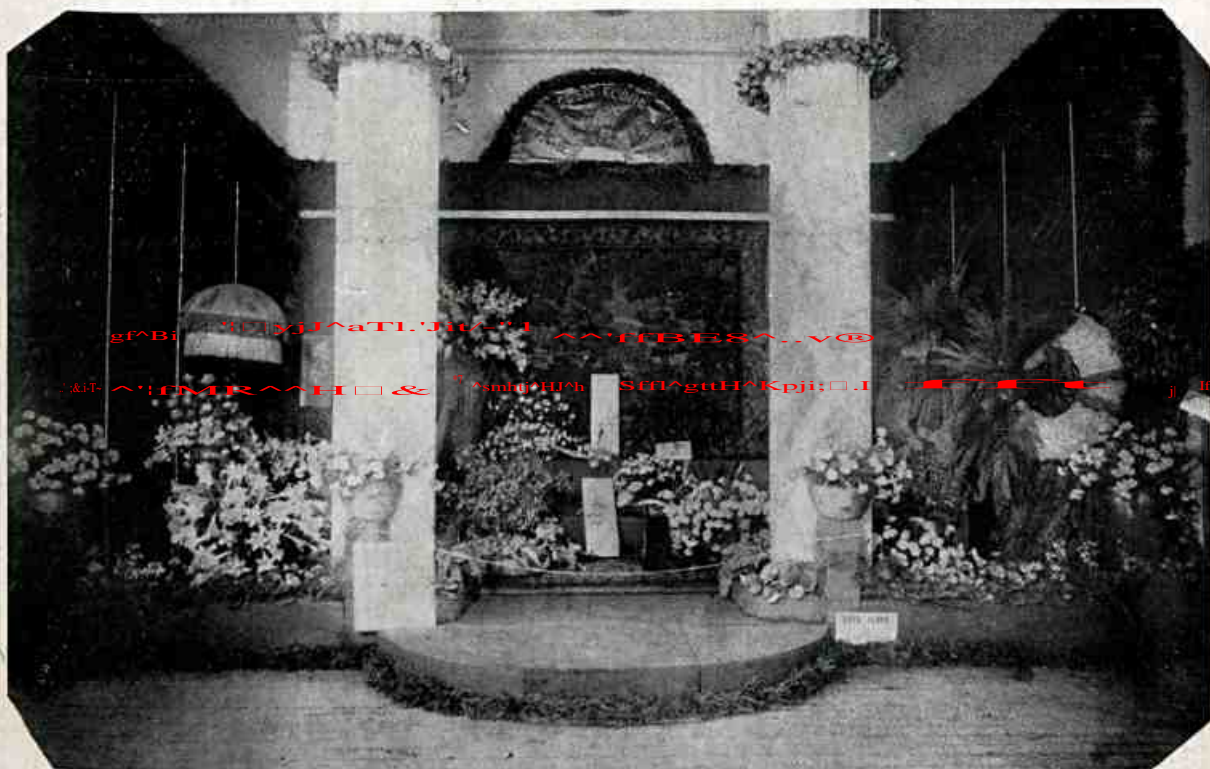
— Não é mesmo? E' sim, creio eu. Rolando soltou um longo suspiro, levantou um hombro e mordeu os labios. Disse eu, então: é um successo. Rolando é um bocó. "Você vae sahir com isso? perguntou-me elle, com um tremor na voz. — Sim. — Então você se permittir que eu a não acompanhe — Faço questão disso... — Muito bem! — Peço-lhe apenas que me mande o automovel, ás cinco e meia, rua Cambon. — Você o terá, sem falta, disse elle". O classico dialogo. Elle estava doido para me deixar só, e eu, encantada, de levar o meu chapéo em liberdade. Elle é um pouco pesado.

Quanto maiores elles são, mais leves deviam ser. E' um absurdo o que acontece. Não é tambem o que vozes pensam? Doze alfinetes! Francamente, não deviam pesar mais que um passaro vôando...

Mas Carlos não chega. A proposito de Carlos, sabem vocês o que aconteceu a Francisco, o seu caro Francisco, o seu deus, o seu modelo?

Elle se arruina. Havia gasto já uma fortuna; agora, elle se atira á aviação. Elle promette um premio; elle que nunca teve premios, vae distribuir um... Vocês vão ver que elle acabará por suppôr que inventou a direcção dos balões. Dizem que vae vender Saint-Lambert! Carlos é quem vae ficar curioso. E, palavra de honra, elle terá razão. Mas Francisco zomba desses amigos. Elle faz o tenebroso; atira dinheiro fóra com um gesto displicente. Deixa crescer os cabellos. Veste mal. Não é mais um homem. Está maduro para casar... Têm tido noticias de Armando? Vou dar-lh'as algumas. Armando parte para o Polo Norte. Vocês abrem os olhos? Bem entendido... Yvonne fica em Paris... Pobre pequena! Ella vae ser obrigada a sahir menos, a tomar um meio luto, esperando os acontecimentos, porque, entre nós, o Polo Norte é uma farça. Elle parte pa-

SEM duvida, a exposição de fructas extrangeiras, apresentadas pela firma DOLIANTI, IRMÃO & CIA. desta Praça, estabelecidos no Mercado Municipal, foi uma das mais bellas e sumptuosas que se possa imaginar.

Foram vistas alli, maçãs, pêras, uvas e ameixas de diversas variedades e procedencias, fructas que realmente attrahiram a attenção dos visitantes á «Exposição de «Horticultura», «Leite» e «Derivados», pela sua formosa exhibição. — As fructas norte-americanas, importadas pela firma supra, procedem da importante casa E. Waterman & C°. de New-York, e as fructas portuguezas, da antiga e conceituada firma Henrique Barbosa & C°. de Lisbôa. — O clichê acima mostra uma parte do mostruario apresentado.

A nossa arte floral está n'um apogeu de glorias, pois possuimos verdadeiros technicos em materia de confecções artisticas de flôres naturaes. Assim é que a «CASA FLORA», cujos proprietarios são os srs. Schlick & Nogueira estabelecidos á rua do Ouvidor n. 61 e Gonçalves Dias 67, soube dár a nota elegante na nossa EXPOSIÇÃO DE HORTICULTURA, apresentando lindo mostruario de seus trabalhos, o que mereceu a admiração geral do publico, e a preferencia da commissão julgadora, que lhe conferiu os primeiro premios. — A nossa photographia apresenta uma parte do bello mostruario, com que a «CASA FLORA» concorreu ao supra-citado certamen.

VARINHA DE CONDÃO

PENTEADOS MODERNOS — E' curioso notar-se como as varias industrias e profissões que cooperam para vestir e preparar a mulher obedecem á mesma directriz mysteriosa e soberana a que se convencionou chamar Moda. Desde o sapateiro até ao cabelleireiro, todos os artistas da belleza feminina agem com admiravel harmonia, quando alguma grande modificação desvia ou mesmo contradiz, que até então parecia elegante. Assim, emquanto os vestidos eram curtos, redondos, de talhe recto, os chapéos se mantinham quasi masculinos e os penteados era a *la homme*. Agora que os trajes buscam a fantazia, se complicam de rendas e babados, os chapéos são grandes, ou muito recortados. Os penteados tambem não podiam continuar tão simples e severos. Para as cinturas no seu logar natural, e as grandes capelines de palha, sente-se que os cachos não deviam deixar de reapparecer. E eil-os que resurgem com sua graça ingenua e faceira.

(Fig. B)

Os cabellos estão mais longos, e são dispostos de modo asymetrico, acompanhando ainda nisto o caracteristico dominante dos chapéos modernos. Ao contrario da estação passada, as mechas da frente são mais longas do que as de traz. Trazidas em ondulações chatas, para uma das orelhas, sobre esta formam rolos, ou cachos leves, sempre agrupados de um lado só; a outra metade da cabeça, mais lisa sendo apenas penteada como que "a golpe de vento).

Eis duas cabeças preparadas, uma por Henry Gemmy, outra por Robert Graude.

Na primeira (fig. A) os cabellos da testa repartidos, são levados para o lado direito da cabeça onde formam um rôlo.

A outra (fig. B) tem as mechas da frente mais longas, formando ondulações chatas sobre o rosto, depois descendo sobre a nuca e cobrindo as orelhas em cachos finos e desmanchados.

O PRETO, COR DA MODA — Ha, entre nós, as brasileiras, certa prevenção contra o preto. Será porque, na orgia alegre e exhuberante de nossa luz, de nossa natureza tropical, elle nos parece sombrio, triste demais e em desaccordo com o ambiente? Será um pouco de superstição? Talvez ambos os motivos. Não ha negar que nós temos certa predilecção pelas côres claras e vistosas. Ao mesmo tempo, pelo menos um casal conheço eu em que o esposo não gosta de vêr a mulher de preto. É agoirento diz... E é um homem... Agora imagine quanta senhora não rejeita a côr negra achando que lembra o luto!

Mas não têm razão. O preto é distincto, sobrio, discreto. Poucas côres são tão felizes quanto essa para as moças claras, principalmente si forem loiras. O preto tem immensa cotação, sempre, em Paris. Ultimamente então sua voga é coisa assente. Os figurinos mais chics lhe dedicam paginas inteiras. Assim, esses dois modelos foram tirados d'entre uns doze, todos especialmente idealizados para serem executados com tecidos negros.

O da fig. C é de taffetá chiffon negro com um

(Fig. A)

amplo babado em forma armado com franzidos miudos, o qual se enrola ampliando a saia. Alegra-o um gracioso e original peitinho de georgette branco e uma carreira lateral de botões de madreperola.

O da fig. D é de crêpe setim negro, a mais linda fazenda para ser usada nessa côr. Nesse modelo o crêpe setim é usado do lado brilhante, posto sobre um deanteiro da mesma fazenda pelo avesso fosco. Notem a gola, nova e interessante, revirando-se sobre o fundo que forma colete, e os punhos duplos.

PUDINGS — *Puding branco*: Tres quartas partes de uma chicara de maizena, um litro de leite, cinco ovos e assucar refinado. Batem-se as cinco g e m m a s com seis colheradas de assucar, junta-se pouco a pouco a maizena dissolvida num pouco de leite frio. Põe-se durante cinco minutos a ferver em banho-maria. Prepara-se uma fôrma untada interiormente com assucar derretido em ponto de bala. Depois põe-se nella o crême e leva-se ao fôrno durante meia hora. Retira-se e deixa esfriar, cobre-se com merengue que se prepara com as cinco claras dos ovos e volta o puding ao fôrno até ficar bem tostado.

Puding de chocolate: Uma colherada de maizena, meio litro de leite, duas colheradas de chocolate ralado e uma de assucar. Ferve-se o leite e retira-se do fogo. Dissolve-se a maizena num pouco de leite frio e depois junta-se-lhe o chocolate e o assucar. Bate-se tudo bem batido e ferve-se até que fique espesso.

Mod. C

Mod. D

Põe-se numa fôrma e vae ao fôrno.

PÉS ELEGANTES — Desde o tempo em que a linda e meiga Cinderella (a dos contos de fada sub-entende-se... e não eu) conquistou seu principe formoso á custa do lindo sapatinho esquecido no baile, esse complemento dos trajes femininos só tem feito crescer de importancia.

Já vae longe o tempo

Fig. B

em que um par de sapatos servia para qualquer vestido e para qualquer hora do dia. Agora constitue um crime de lesa elegancia sahir alguem de sapatos pretos com um vestido beije, de sapatos beije com uma *toilette* gris etc.

E tambem conforme a hora e o destino de nosso passeio devemos nos calçar.

As parisienses adoptam para o "footing", as matinaes excurções nos "magazins" ou no "Bois" os meios sapatos, muitas vezes de salto mexicano e aspecto esportivo.

Esse que minhas leitoras vêm na fig. B, é de cabrito marron com uma banda de tres applicações superpostas de pelica beije.

Já para as sahidas á tarde, os trajes "habillés" usados nos chás, vi-

Fig. C

sitas e cinemas etc. é de rigor o escarpin, segundo nos informam os figurinos mais autorizados.

Na fig. C, vê-se um de verniz preto com fina e o r i g i n a l incrustação branca formando os elos de uma corrente.

C I N D E R E L L A

OS MAUS VISINHOS

De ANNIE LE GUERIN

— Não, caro senhor, si bem que o não conheça ainda, o pae de Yvonne não se opporá ao seu casamento: o meu irmão confia plenamente em mim, e o senhor será bem recebido, quando, de volta de Paris, eu o levar á sua presença.

— A sua sympathia me é muito preciosa, minha senhora. Não sei como agradecer-lhe a bondade de contribuir de tal modo para que eu seja feliz.

— Fazendo a minha parenta digna da sorte que merece: venturosa.

— E' o meu sonho mais ardente.

— Ella é bem mais minha filha do que minha sobrinha. Tinha onze annos quando a sua mãe morreu. O seu pae m'a confiou, e eu não a abandonei mais um segundo.

— Si ella casar commigo, continuaremos ao seu lado: seremos dois a querer-lhe bem, madame, respondeu Régis Fontaine, beijando a mão que madame Prevals lhe estendia, em signal de agradecimento.

Ella o reconduziu através do vasto *hall* de hotel em que estava e onde se installára com Yvonne Drecourt, a sua sobrinha, para passar o verão, em Royan.

— Yvonne está no *golf*. Vá procural-a e traga-a para aqui. Prometti fazer uma visita a alguns amigos que possuem uma *villa* em Saint-Palais, e gostaria que ella me acompanhasse.

— Com muito prazer, madame. Agora mesmo, uma vez que me autoriza a voltar para cá.

*
* *

Régis conhecia muito o caminho do *golf*. Foi lá que, dois mezes antes, elle havia encontrado Yvonne. Vira-a no *tennis*, novamente. Amigos communs haviam feito a devida apresentação, e desde logo nasceu uma profunda sympathia entre elles.

Régis amava pouco o modernismo exaggerado, preferido pelas *jeunes filles* de hoje.

Alegre, sem affectação, amando o *sport* por si mesmo, e não pelos *flirts* que permittia se esboçasse, Yvonne havia depressa conquistado o coração do rapaz, pela sua graça isenta de coquetteria.

Vendo a sympathia mutua dos dois jovens, madame Prevals se havia discretamente informado da situação de Régis. Sobre a sua familia, não lhe deram senão excellentes informações. O joven Régis acabava de obter, no ultimo *Salon*, uma segunda medalha com um retrato de mulher, notabilissimo, e esse successo rapido deixava pressagiar uma bella carreira.

Ella estava certa de que o sr. Drecourt acolheria, com benevolencia, o noivado que ella lhe ia apresentar para a sua filha.

Director de uma importante fundição, no Loire, o pae de Yvonne dividia a sua vida entre as suas

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

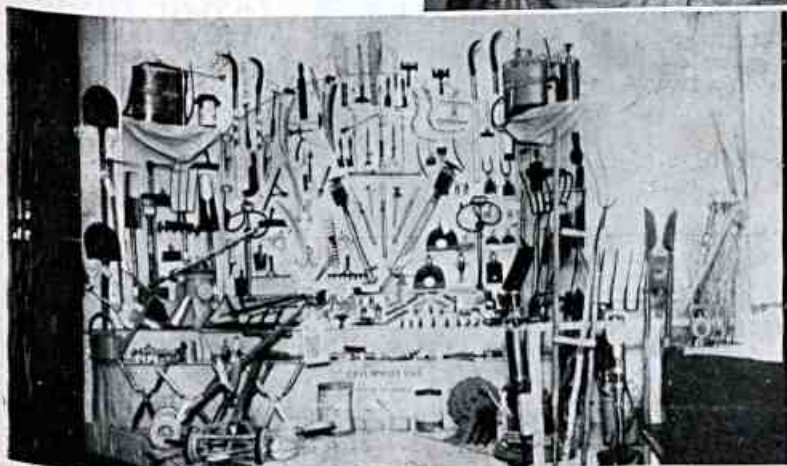
E' salutar por essencia
E puro e brando no effeito;
Traz no aroma a persistencia,
Não custa muito: — E' perfeito
E é da Myrta o grão mogol
O sabonete EUCALOL.

J. Dodier Filho.

Rua Buarque de Macedo 18.

Exposição de Horticultura, Leite e Derivados

ASPECTO geral do bem organizado mostruario, com que a importante fabrica de conservas CUNHA AMARAL & Cia., do Rio Grande (Est. do Rio Grande do Sul), concorreu a este certamen, por intermedio dos seus representantes n'esta Praça os srs. Arthur Gallião & Seixas, com escriptorio a rua 1º de Março, 8, 1º, andar. São artigos de sua especialidade, petit-pois, marmelada, fructas em calda, peixes em conserva, etc. Estão portanto de parabens os referidos industriaes, pela bella collecção de amostras que dignaram-se apresentar ao publico.

EXPOSIÇÃO DE HORTICULTURA, LEITE E DERIVADOS

DUAS das importantes secções da CASA «HORTULANIA» da firma C. A. Carneiro Leão, estabelecida á rua do Ouvidor, 77.

1ª Uma collecção de plantas e outras ornamentações.

2ª Collecção de ferramentas.

OS MAUS VISINHOS

(Conclusão)

usinas e a esposa com quem se consorciára, havia quatro annos.

Yvonne e a sua madrasta, não se sympathisavam. A vida toda superficial, o turbilhão de prazeres no qual a joven mme. Drecourt parecia comprazer-se apavorava Yvonne.

Assim, havia ella recusado o offerecimento que o seu pae tinha feito, recentemente, de vir installar-se com elles no sumptuoso appartamento que comprára na avenida Mozart. O sr. Drecourt ficára aborrecido com a recusa da filha; esta não o vira mais, depois que elle tomára conta do seu novo aposento, no mez de abril, porque, nessa occasião, ella estava, como todos os annos, em casa da tia, em uma propriedade que mme. Prévals possuia perto de Bordeaux. O seu casamento ia pôr fim a esse ligeiro conflicto e favorecer uma censura.

Estendida em um "rocking-chair", sobre o terraço do hotel, mme. Prévals esperava os dois jovens, que deviam vir pelo caminho que margeava a orla do mar de esmeralda. Ella os distinguiu depressa — logo que elles appareceram, animados, felizes, risonhos; com a mão, madame respondeu á saudação que Régis lhe fazia e ao bom dia que Yvonne lhe dava.

— Fizemol-a esperar, minha bôa tia. Durante o caminho, discutimos o arranjo da nossa futura installação.

— Muito bem! Seria bom que tratassem de conseguir um appartamento, primeiramente, pois isso não é coisa facil.

— Temos sorte, porque dispomos de um, disse Yvonne.

— Mas é maravilhoso! Como é isso, então? exclamou mme. Prévels.

— Porque desde o inverno passado, possúo um atelier, com appartamento, na rua Pierre-Guerin, e será um encanto, uma vez que não tenhamos vizinhos, disse Régis.

— Como é isso?

— Ha, por baixo do meu aposento, uma installação bizarra. Vi os meus vizinhos algumas vezes, e não os conheço de perto. Mas se contam coisas sobre elles... O marido parece ser mais velho do que a esposa. Elle cede a todos os seus caprichos, parece, e ella abusa da sua condescendencia. O seu salão é um verdadeiro *dancing*, e a frequencia é de jovens alegres, que riem alto, e, de tal modo, que escandalisam os meus modelos.

— Certamente, é uma coisa que aborrece, tal vizinhança. Mas fiquem contentes em encontrar um ninho de amor, o que não é facil nestes tempos...

— E' verdade! E será possivel evitar, em Paris, máos vizinhos. Dobraremos os tapetes e os estofos para não se ouvir o ruido do jazz-band, não é Yvonne?

— Mas, certamente! E sempre viremos para junto da senhora, minha tia, está ouvindo?

— Acabarei bemdizendo esses máos vizinhos, si tiver a visita constante dos meus sobrinhos. Mas os meus amigos me esperam em Saint-Palais, Yvonne. Sou forçado a separal-os, um momento. Venha jantar comnosco, hoje á tarde, meu caro Régis...

*

* *

Nunca o mez de setembro pareceu tão curto aos olhos dos dois jovens. Esperavam, para fixar a data do casamento, o consentimento do sr. Drecourt, que Yvonne devia encontrar em casa da tia, em Paris.

Foi, com effeito, a primeira vez em que saiu, após o seu regresso. A joven não se explicava a agonia que a dominava, emquanto o auto a levava á avenida Mozart. Ella não tinha razão de estar assim impressionada: á noticia do seu noivado, o seu pae, bem disposto á vista das informações que mme. Prévals lhe déra sobre Régis, respondera com palavras amaveis, e a filha se sabia anciosamente esperada por elle.

O auto parou, deante de um bello immovel, não ainda terminado, a julgar pela fachada. A entrada do largo vestibulo estava occupada por operarios, e um aviso interdictava a accesso.

Yvonne approximou-se e teve um sobresalto ao lêr: "Entrada provisoria pela rua Pierre-Guérin".

Rua Pierre-Guérin, a rua de Régis! Que queria dizer essa coincidencia? Contornou o angulo do immovel e ergueu os olhos attonita. A entrada trazia o numero dois e era, não havia duvida, o domicilio do noivo. A sua perturbação se accentuou, e foi com uma voz tremula que interrogou a porteira:

— O senhor e a senhora Drecourt, faz favor?

— No quarto andar, á esquerda, mademoiselle. O ascensor ainda não funcciona.

— Uma informação: não é aqui que mora o senhor Regis Fontaine?

— Sim. No quinto andar, á esquerda. Um appartamento está por cima do outro.

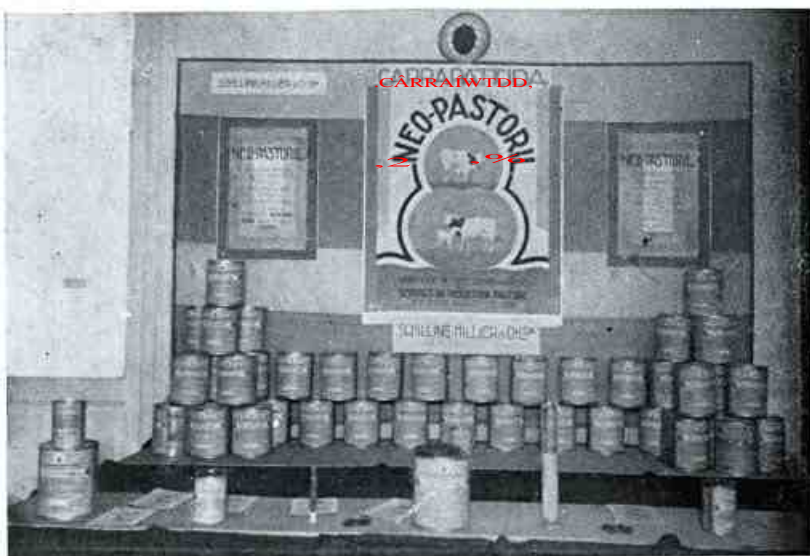
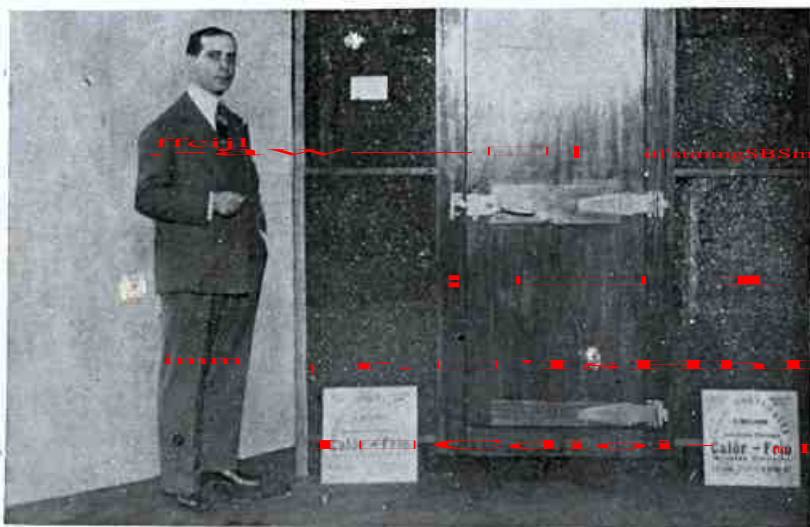
— Obrigada. Voltarei depois.

A porteira, perplexa, viu-a tomar o auto, precipitadadamente, e abalar.

Não havia mais a menor duvida: eram bem os seus parentes que Régis havia pintado com tão grande desprezo. Ao seu estupor se juntava a magoa da revelação que partia todas as suas esperanças. Jamais ella se baixaria a confessar a Régis que os ruidos incommodos dos vizinhos indesejaveis eram os seus parentes.

Escreveu, nervosamente, um frio bilhete de rompimento a Régis Fontaine, que não o pôde comprehender. E foi em vão que elle procurou aproximar-se della para uma explicação. Soube que a moça havia partido com a tia sem deixar o seu endereço.

Só tempos depois o pintor veio a saber da historia que motivára aquelle rompimento. Elle vendeu o seu atelier e tudo que havia no appartamento, e nunca mais quiz ouvir falar em immovel com duas entradas, para ruas differentes, que foram a causa de sua infelicidade amorosa.

Segunda Exposição Nacional de Leite e Derivados e Primeira Exposição Nacional de Horticultura

O cliché acima, mostra-nos o bello mostruario do carrapaticida «NEO-PASTORIL», com o qual os srs. SCHILLING, HILLIER & CIA., LTDA., conhecidos chimicos industriaes, estabelecidos nesta cidade, com fabrica á Rua Bella, n. 345 e escriptorio á rua Theophilo Ottoni, 44 se dignaram concorrer a este certamen.

DENTRE os mostruarios notáveis, expostos na SEGUNDA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE LEITE E DERIVADOS E PRIMEIRA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE HORTICULTURA, figura como expositor o sr. Arnaldo Cordeiro, conceituado industrial desta Praça, com fabrica á rua Alegria, 122 e escriptorio á rua Quitanda, 50 2º. A photographia acima, mostra o conhecido industrial, ao lado de uma camara frigorífica construída sómente com a afamada CORTICE «PORTUGALIA» de sua fabricação, e cuja originalidade foi altamente apreciada, por todos os que teem visitado a Exposição, tendo sido alvo dos mais francos e merecidos elogios. Camaras frigoríficas desta natureza, teem sido de alta vantagem para a congelação de: carne, leite, peixe, fructas, legumes, flores, chocolates, ácidos, etc. conforme demonstrações levadas a effeito com a mais inteira efficiencia pelo sr. Arnaldo Cordeiro. Ao lado daquella inovação, temos admirado outros productos de cortiça destinados ás industrias do CALÕR E FRIO em geral, de sua fabricação, assim como um completo mostruario de CORTICITE portugueza (BURGOS CORK) da que o sr. Arnaldo Cordeiro é o único depositário em nosso Paiz. Como premio, bem merecido, acaba de ser conferido ao jovem industrial o GRANDE DIPLOMA DE HONRA, pelo INSTITUTO AGRÍCOLA BRASILEIRO.

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 44

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 2 de Novembro de 1929

JURAMENTOS...

O que estraga o amor, é o juramento, o compromisso, são as garantias illimitadas os seguros de vida immemoriaes e desmemoriados, incompativeis com a espontaneidade e a intensidade de sentimentos que têm por objectivo a hora presente.

— Amar-me-ás sempre e sempre?

— Sim, para toda a vida e até mesmo além da morte...

Essa pieguice não está só nos romances de Escrich; não é o simples flagrante de um idyllio suburbano, porque representa a irremediavel fatalidade, o dialogo infallivel de todos os idyllios — em Paris, em Goyaz, ou no Afganistão...

Entretanto, o *nunc et semper* dos antigos poderá ficar muito bem nos juramentos de amizade. Nas declarações de amor é, apenas, um disparate, uma phrase ôca de comedia galante.

Porque, em amor, justamente a segurança do dia de amanhã serve para nos habilitar ao esforço e ao alviçareiro estimulo de renovar no dia seguinte o que nos parece a felicidade da vespera. Dessa renovação continuada, dessa encantada e encantadora desconfiança, resulta, sinão propriamente a eternidade (a eternidade é a comedia do infinito) pelo menos a necessaria e conveniente conservação do amor.

Do momento em que os amantes começam a assignar certos documentos de curso forçado, o amor ou morre ,ou mascára-se: passa de affeição a convenção...

Claro que o amor nem sempre é ephemero. Mesmo porque está em nós mesmos prolongar o ephemero de muitas cousas que nos sejam agradaveis. O abano foi feito para alimentar a labareda. Mas o destino da labareda é apagar-se...

Portanto, senhores namorados e namoradas, mais parcimonia nos juramentos e nos gastos verbaes, e não andem a garantir que o sabbado proximo será egual ao de hoje.

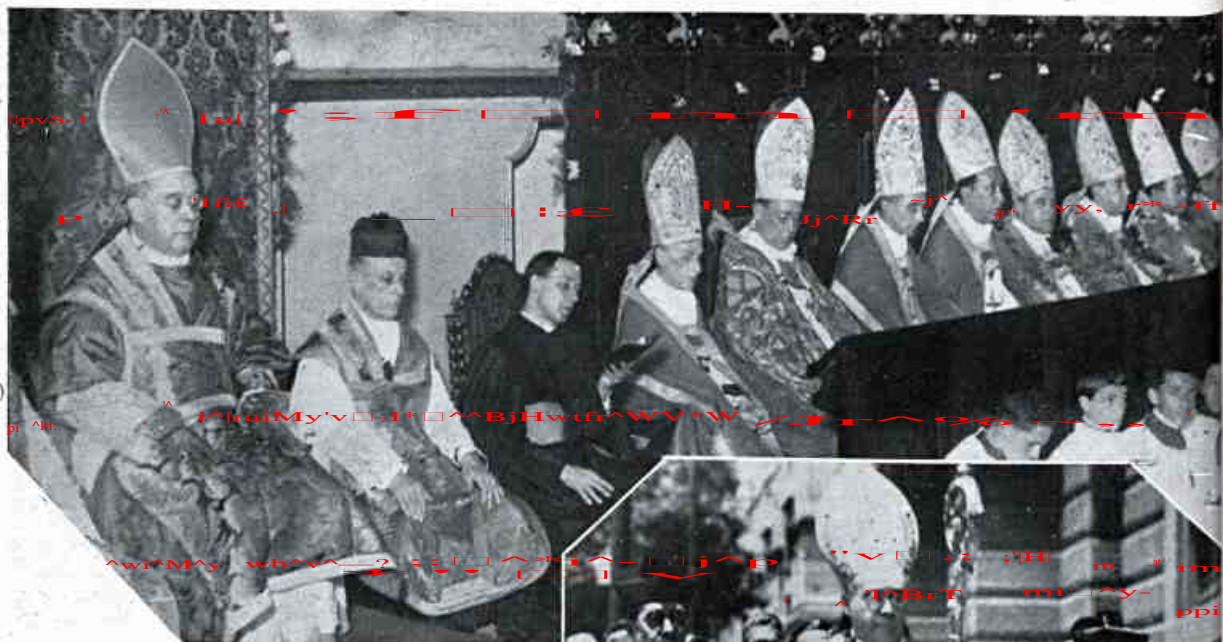
Em amor, o maximo juramento sincero só pode ser aquelle dos versos de Vicente de Carvalho, o da agonizante que, fingindo odiar o amado, exclama, quasi expirando:

— *E eu morro. E amei-o tanto! amei-o sempre! amei-o*
Até morrer de amor.

Sim. Até ahi, está certo. O amor é o passado e o presente. O futuro a Deus pertence...

— Quer dizer, dess'arte, que o casamento é pura convenção...

— Talvez. Mas não confundir com as convenções politicas. Porque, em politica, a eleição consagra depois o que as convenções insinuam antes. Em amor, não: A *eleição* faz-se antes. Vêm as convenções e estragam tudo depois.

HERMES FONTES

95 ANNOS DE VIDA SACERDOTAL

«Eu não poderia neste momento historiar, ainda que á pressa e a fugir, nos limites desta breve saudação, os trabalhos e os fructos da carreira do venerado Arcebispo, a magnitude de cujas obras só se póde medir pela do seu insigne e aturado esforço. Em tudo quanto se desdobra a missão sacerdotal, na vigilancia da Egreja, na pregação da doutrina, na propagação da fé, em tudo elle se tem multiplicado e engrandecido, a tudo emprestando os mais sublimes realces.

Hontem, era o professor de philosophia e theologia no Seminário Provincial de São Paulo, que nos discípulos derramava a verdade e a luz do estudo; era o Vigário Geral do clero paulista; era o Arcebispo de Olinda, que, promovendo o grande Congresso Eucharistico daquella cidade, corôou victoriosamente o seu episcopado.

Eil-o a seguir Arcebispo Coadjutor do Rio de Janeiro.

(Do discurso do dr. Aloysio de Castro na solennidade do Automovel Club).

REVESTIU-SE de uma expressão de eloquente e sincera consagração as homenagens com que o mundo catholico brasileiro celebrou, nesta capital, o Jubileu sacerdotal de s. ex. revma. d. Sebastião Leme, Arcebispo coadjuctor do Rio de Janeiro. Essa brilhante festa jubilar traduziu bem o sentimento de veneração que ao eminente e querido sacerdote devotam o nosso clero, a nossa sociedade e o povo em geral que, segunda feira ultima, na Cathedral Metropolitana, elevaram suas preces aos céos em acção de graças pelo benemerito e querido principe da Egreja.

A sessão magna que se realizou segunda-feira á tarde no Automovel Club do Brasil, para commemorar o 25º anniversario da ordenação sacerdotal de d. Sebastião Leme, teve a expressão de um acontecimento notavel. A nossa alta sociedade estava lá representada pelos seus elementos mais finos. Figuras do clero, altas autoridades, o representante do dr. Washington Luis, congressistas, militares, jornalistas, representantes, emfim de todas as classes enchiam o grande salão do Automovel Club, quando alli penetrou, para receber a homenagem da população carioca, o eminente arcebispo coadjuctor do Rio de Janeiro.

As photographias desta pagina foram tomadas no Automovel Club, na tarde de segunda-feira, e mostram d. Sebastião Leme com as altas autoridades presentes e membros do clero, e um aspecto da assistencia á solennidade.

DOMINGO ultimo, na egreja de Sant'Anna, realizou-se a procissão de Christo-Rei, em acção de graças pelo jubileu de s. ex. revm., o sr. d. Sebastião Leme, illustre arcebispo coajuctor.

Foi uma expressiva e eloquente demonstração do alto apreço em que o povo carioca tem o eminente antistite.

As nossas photographias fixam detalhes dessa grande fé catholica e constituem documentos significativos da homenagem de domingo passado a s. ex. o sr. d. Sebastião Leme.

EVANIDADE...

As Mulheres que nos interessam

HA duas categorias de mulheres: as que nos interessam e as que não nos interessam.

No primeiro caso, estão aquellas que ainda são o esboço de uma conquista amorosa. A conquista no amor que, no dizer de Julio Dantas, é "quasi tudo". Estão ainda nessa mesma categoria aquellas que, por um egoismo desinteressado, como bem definiu Machado de Assis, desejamos ver contentes e felizes, — embora não participemos, a seu lado, desse contentamento e dessa felicidade.

No segundo caso, podemos incluir aquellas que encontramos um dia, sem surpreza, e continuamos a vêr com indifferença.

Essas não nos fazem bater o coração. Não porque sejam feias. Não porque não reunam as qualidades que julgamos indispensaveis á sua personalidade. Não nos interessam porque o nosso instincto as repelle... Talvez porque essa repulsão seja o resultado daquillo que explica uma lenda espalhada no Oriente: — as almas são feitas aos pares.

Quando encontramos a parte que corresponde á nossa alma, — temos, então, encontrado a nossa "cara metade"...

PROFESSORA Heloysa Bloem Mastrangioli, que é uma illustre cantora, e deverá partir, brevemente, para a Europa, em viagem de aperfeiçoamento dos seus estudos. Antes disso, porém, a cantora patricia dará um recital de despedida, no Theatro Municipal.

* * *

Quantos são os casos em que ellas nos interessam?

Os casos são innumeraveis. E, sem duvida, seria melhor deixar a cada amante a interpretação desse segredo da esphynge, que dorme na Thebas mysteriosa de nossa alma.

Sim, é tão difficil dizer porque é que amamos ou não amamos...

"L'amour est un grand mystère — diz Jean Noel — personagem de Maurice Magre. — "On ne sait pourquoi les êtres sont attirés les uns vers les autres..."

Mas seja como fôr, sabemos que ha duas categorias de mulheres: as que nos interessam e as que não nos interessam. (Perdôem si sou forçado a insistir na mesma tecla).

Quanto a mim, posso assegurar que só me interessam as mulheres que, sendo demasiado superficiaes, me possam dar uma impressão sempre nova de si. Mulheres a quem se possa dizer os versos de Paul Géraldy:

Tu ne serais pas une femme
si tu ne savais pas si bien
te faire et te refaire une âme,
une âme neuve avec un rien...

Não lhes dispenso tambem uns certos defeitos graves, algumas imperfeições incorrigiveis. A preoccupação da mulher, em geral, é ser um poço de virtudes. De tal maneira esse conceito está generalizado entre ellas, que só ha um meio pratico e efficaz de ser differente das outras: possuir o maximo de defeitos.

Preferindo uma creatura cheia de deslizes, e qualidades negativas, a surpreza que nos póde colher é a de encontrarmos nella alguma virtude preciosa. Em caso contrario, a desillusão será grande.

E eu fujo, por principio, ás desillusões desconcertantes...

FARPAS — De Yves — "Agua molle em pedra dura tanto bate até que fura"... é o que diz o proverbio. E assim é.

Diz um escriptor italiano que o proverbio é "la ricchezza dei poveri di spirito..."

Na verdade, quando uma pessôa não encontra phrases para fazer valer um argumento, recorre ao seu *stock* de maximas e proverbios. Todos nós armazenamos essas phrases feitas da philosophia popular. De mais é muito mais facil reproduzir o esforço do cerebro alheio do que produzir e crear o que o cerebro alheio não se deu ao trabalho de pensar.

Mas, afinal de contas, o que desejo é apenas justificar a citação daquelle velho e estafado conceito.

Quando me servi delle, tive em mente a idéa de tornar patente que ainda tenho a esperança de conseguir o que desejo — embora para isso necessite da persistencia da agua molle batendo na pedra dura... Perceberam?

Com certeza ainda não perceberam... Mas o caso é facil de explicar...

Imaginem os senhores que anda por ahi u'a maltha de senhoritas, cuja unica preoccupação é troçar os infelizes mortaes que se dão á luta ardua pela vida...

Quanto mais a gente fala e reclama, mais a coisa é peor.

Machado de Assis affirmou que o capricho era o fundo do coração feminino. E tinha razão para dizel-o. Porque na verdade a mulher é caprichosa como uma formiga de assucar...

A gente diz: "Não me dê trote." Pois não julguem que ellas obedecem. E' ahi que duplicam o trote.

Está um pobre homem escrevendo. O telephone bate. O homem abandona a sua penna. Vae vêr quem é. E' uma indesejavel.

Em todo caso:

— Que deseja?

— Conversar um pouco com o senhor.

— Mas só attendo ás pessôas de minhas relações... Diga-me o seu nome.

— O senhor não me conhece.

— Pois então é um motivo para que não converse com uma pessôa que não conheço.

— Ah, não creio que um cavalheiro distincto commetta tal descortezia.

Oh, senhores! Tenho mesmo que ir á macumba — fazer um *despacho* contra essas mocinhas frivolas e impertinentes.

... e ellas duas seguiram serenamente...

TEDIO — Não sei bem si os senhores conhecem esta sensação exquisita: um desejo de não desejar.

Talvez digam que estou com a mania do paradoxo. Li Wilde, li Vargas Vila, li Pitrigilli ou Pirandello...

Mas não, meus senhores! Para sentir tão exquisita sensação não é necessario lêr tanta gente illustre. Basta acordar — como eu hoje, — nesta segunda-feira cheia de sol e alegria nas ruas e recordar a inutilidade de ter amado, amado muito, no domingo.

Sim... O nosso coração é, muitas vezes, como o famoso tonnel das Danaides: o que entra por um lado, sáe pelo outro.

No domingo, a gente embelleza a vida com o sorriso, a graça, o perfume de uma creatura adorada. E ah! como tudo nos parece mais bello! Por um momento sentimos que a vida é bôa, que o amor merece um hymno e que as mulheres devem ser endeusadas. Pelo menos são dignas da vassallagem dos homens, grandes e pequenos, ricos e pobres, nobres e plebeus, obscuros e illuminados, como os genios da antiguidade, Platão, Anthistenes e tantos outros, que vinham render as suas homenagens ás bellas Thaís e Aspasias. (Aqui póde haver erro de Historia. Escrevo de cór. Perdôem...)

Emfim, todos nós ficamos certos de que a mulher merece ser divinizada como a Beatriz do Dante...

Mas, na segunda-feira, quando o nosso optimismo se dilúe, e raciocinamos melhor, já em pleno *controle* de nós mesmos, fóra da influencia passional, que o domingo exerceu em nossos nervos — temos impetos, mais ou menos idiotas como o de Othelo, e nesse desejo de não desejar, gostariamos de berrar á nossa Ophelia, como o sombrio Hamleto: "Vae! Mette-te num convento! ..."

Alguem perguntará porque mudamos assim.

Ora, si eu não tivesse horror ás citações, responderia com aquella velha phrase do Pascal: "Le cœur a des raisons qui la raison ne connait pas."

De resto, é preciso notar que o homem aferrado sempre aos mesmos principios e idéas é um refinado imbecil.

A espiritualidade de um homem consiste em ser mutavel como as ventoinhas ou as mulheres. De mais a mais, estas não têm uma acção muito decisiva sobre o nosso coração e sobre o nosso espirito, senão quando não se tornam irritantes.

E uma mulher é irritante quando nos faz amal-a todo um domingo para, no fim, adiar para a segunda-feira aquillo que devia ser no domingo...

Ah, os senhores, decerto, não conhecem o que é esse desejo de nada desejar...

ESTRELLINHAS — A's vezes, eu me ponho a pensar na delicia que

seria um passeio nosso, num recanto de praia, vendo o mar render a sua vassalagem a teus pés.

Imagina... Como se trata de imaginação, como diria Eça, todos os absurdos são possiveis.

Assim, imagina que esse passeio seria feito numa baratinha marron. (Marron, não! Marron dá azar). Numa baratinha azul natier.

A baratinha seria guiada por mim — isso quando eu soubesse guiar. Lá vamos os dois correndo pela orla da praia, — correndo, correndo... até onde? E' verdade, nem me lembrei que não tenho carteira, e ali adeante ha um inspector de vehiculos. Certamente, elle prenderia a baratinha azul natier e os seus passageiros.

Vamos voltar, meu amor?

Esqueci de dizer que, durante a excursão, não houve entre nós nem um beijo. Foi uma bôa prudencia. Do contrario, — eu, que não tenho carteira de chauffeur-amador e não sei guiar muito bem, perderia a cabeça e a direcção.

Mas agora que já estamos de regresso, e o crepusculo vae começando a cahir, como uma vertigem de sombras, (esse crepusculo veio mesmo a calhar. E' a nossa salvação...) podemos parar a nossa machina, aqui, neste recanto cheio de arvores...

. . . .

Agora sim... Os beijos só se fizeram para explicar e justificar certos

passeios sentimentaes. Um passeio desses sem beijos seria uma comedia sem graça...

De resto, os beijos nos conduzem a idéas encantadoras. Por exemplo, eu me recordo dos versos de Rostand. Ou de estrophes como a Vallery-Radot.

O mon amour aimé, si tu
[pouvais comprendre
Que je cherche l'amour et
[non la volupté...

Sim, esses versos vêm muito a proposito. Porque com essa parada da baratinha, á sombra das arvores, e esses beijos, tu poderias receiar — e não repetir o passeio.

Mas, afinal, o crepusculo desceu de todo. Toda a cidade se illumina, n'uma faiscação quente e febril de luzes douradas...

Repara, meu amor, é a hora febricitante. Sabes qual é a hora febricitante? E' essa hora confusa, de meias tintas e sombras, de claro-escuro e desmaios da luz, em que os autos fogem, na corrida do amor, para o doce paiz de Cythera...

Olha, olha, cada automovel, que passa veloz, leva o seu casalzinho suspeito, encolhido no fundo das almofadas, num desespero de beijos e abraços.

Ah, querida! Si tudo isso não fosse imaginario, — como eu hoje não te beijaria!

ZIG-ZAG — Dr. Yves

... e ellas tres passaram indifferentes...

— E' muito difficil escrever estas notas de commentario frivolo, a proposito das creaturas de saia e labios vermelhos, á custa de *baton*. E' difficil porque os assumptos exigem grande maleabilidade de espirito e intelligencia; vivacidade, bom humor e, sobretudo, bôa disposição de trabalho.

Não é facil, garanto, escrever estas notas banaes de *Evanidade*. E si duvidam — experimentem. Pago uma caixa de bombons a quem chegar aqui á minha mesa e, deante do relogio, com os minutos contados, escrever um destes *sueltos*, com as linhas — imaginem! — com as linhas determinadas pelas officinas — para attender ao "jogo da paginação!"

Ah!, meus senhores! Que despotismo o dos senhores linotypistas!

— Escreva tantas linhas!

— Mas emoção, não é fita, nem renda de Bruges, nem mesmo do Ceará.

— Faça o que quizer. Precisamos de uma nota que contenha vinte e oito linhas.

— E si tiver trinta?

— Cortaremos as duas excedentes...

Autoritarismo. Arbitrariedade. Falta de camaradagem...

Mas a verdade é esta: não é facil fazer notas como as de *Evanidade*, nem como as *Filigranas*, as *Glycinias*, os *Lampejos* e as *Sombras chinezas*...

No emtanto, mais difficil ainda é a gente escrever sobre a fiscalização das nossas musas.

E' bom frisar que as nossas musas são apenas tres: Polymnia, a da poesia lyrica; Euterpe, a da musica e Melpomene, a da tragedia.

Quer dizer, as deusas que nos fiscalizam são creaturas lyricas, tragicas e musicaes.

Si escrevemos sobre uma gorda, a *fausse maigre* e a franzina protestam; si é ao contrario, a gorda se revolta.

Gostando de uma loura, não podemos elogiar morenas; e vice-versa, já se vê...

E no meio de tudo isso apparece sempre a musa da tragedia. Esta protesta por tudo. Nada corresponde aos seus desejos, tudo lhe desagrada. E quando dizemos que ella é "tragica", temos a nossa razão: si ella não nos ameaça com o seu revolver de cabo de madreperola, é certo nos amedrontar com a promessa de um suicidio original.

Evidentemente, o despotismo typographico é bem mais toleravel que essa fiscalização sentimental...

Até sabbado.

UM elegante modelo vermelho e branco de Jean Patou. Acompanha-o um «manteau wool flower» vermelho. (Photo Luigi Diaz, especial para FON-FON).

Elogio do fado

OH! A nostalgia esthetica dos fados!

Eu, quando canto fados ao piano, espero a hora crepuscular e, sonhando, espiritualizada, feliz, avanço pela treva a dentro, sem permittir que façam luz siquer no "abat-jour" doirado que dorme o seu sonho loiro embalado pelas brandas vozes do meu piano e de sua dona...

Para que luz, si a minha alma é o proprio fado e o fado é luz?!

Para que luz, si a musica sentimental nos illumina a alma e nos innunda o coração de luz sagrada, luz de Arte, luz de Sentimento?!

Não ha nada que mais docemente commova, que mais facilmente faça desabrochar o sorriso bom num rosto amargurado, nada que melhor suavize a tortura longa de viver...

O fado é a alegria magoada, é a tristeza commovida, a humildade gloriosa, o mal tornado bem.

Sua doçura mysteriosa e leve arrebata e extasia.

Sim! Eu tenho alma de fadista!

Quando, á hora sagrada do crepusculo, dedilho o meu velho piano e canto os tristes fados portuguezes, sinto com tal ardor sua belleza, sua dolorida gloria, seu nostálgico encanto, que me creio e faço portugueza!

E por que não?! Deus é unico; por que não ha de ser uma a Patria: o Universo?

Cantando "Lola", faço-me francezinha arrebatada como o foi a minha linda e trefega avózinha.

Desatando no ar a canção do "Torero", não ha mais ardente e alegre flôr de Hespanha!

"Baby" torna-me ingênua e travessa como uma joven americana do Norte.

"Piedad", "Cicatrizes", "Piegaria", "Recuerdo" e tantos outros tangos lindos, quasi me convencem de que sou uma "Rosa de fuego" amargurada...

Sinto que a minha Patria é o Universo inteiro, que somos todos irmãos, porque creio em Deus e na sua infinita perfeição.

Mas sinto que a emoção dos fados, mais do que tudo, é irmã gemea da emoção das minhas queridas canções brasileiras!

Desde pequenina, habituada a adormecer ao doce embalo da

voz grave e mansa de meu Pae, que é Portuguez, tangendo, calmo e sonhador, as cordas magoadas da viola ou da guitarra, nos mais lindos e fascinadores fadinhos — tornei-me uma brasileirinha portugueza ou uma portuguezita brasileira... nem sei bem!...

O fado tem alma... e tem alma de bohemio.

E' o mais lindo e o mais querido dos bohemios, porque é todo sonho e todo amor!

Dôe tão de leve a sua magoa, que essa dôr é quasi uma alegria ingenua. Machuca acariciando... Faz sorrir provocando lagrimas que não chegam a torturar... Martyriza extasiando, consolando, purificando... Oh! O fado! Eu o amo tanto!...

Eu devo ter sido, em remotas eras, uma gentil minhota trigueirinha, de ampla saia verde e verde lenço, pondo a descoberto tranças bastas negras e lindas arrecadas de oiro...

Eu te amo, ó velha Patria Portugueza, ó Mãe gloriosa de minha Patria, o meu Brasil! Eu te amo, ó inspiradora dos meus sonhos ingenuos, dos meus sonhos puros, dos meus sonhos virgens!

Eu tenho um coração muito fadista... um coração que inventou os seus fados:

Canto o fado da saudade,
Afim de adoçar a vida...
Tão cruel na realidade...
Tão delicada e sentida!...

A saudade nos envia,
Em ondas silenciosas,
Toda a noite e todo o dia,
Suas notas dolorosas...

Meu Deus! Como és sublimemente bom, tão complacente, que nos creaste á tua semelhança, que nos fizeste deuses, respeitando-te, a ti, que és o Senhor absoluto de tudo e de todos, a nossa liberdade!

Somos livres de fazer o bem ou o mal. Seja seguindo a estrada do mal, seja palmilhando a do bem, chegaremos um dia ao seio do Senhor!

Os que trilharem, sem vacillações, a senda do Bem, chegarão primeiro... e, embora tarde, os incautos chegarão tambem.

Nossa vontade é livre, podemos ser o que queremos, somos pequenos deuses indisciplinados, na infancia da divindade, e, por isso, eu quero hoje ser apenas... fadista!

BARONEZA DE BRANCCION.

TOILETTE em «tweed» beige». O «plastron» é de georgette branco — Modele de Jean Patou. (Photo Luigi Diaz, especial para FON-FON).

A MULHER CHIC

ADÃO & EVA

Amor que martyriza

NÃO, Paulo, não me culpes. A vida que eu levava não era toleravel. O prisioneiro se conforma com a escuridão de sua célula si tem esperança de tornar a ver a luz. O doente se resigna á immobilidade do leito si aguarda a hora em que de novo poderá andar. Mas não existe monstruosidade maior do que a sentença «nunca mais!» carimbada com o lacre fervendo do desespero sobre uma ferida... physica ou moral.

Meu soffrimento era uma chaga aberta no flanco de minha vida, a sangrar sempre, sob as vestes das esperanças.

Sei que aos olhos do mundo eras bom para mim: sei que eras fiel e correcto no teu procedimento externo. Mas basta acaso que um homem não ame outra mulher para necessariamente fazer a sua feliz? Alguns ouço dizer que acham meios de construir a ventura de deixar a da esposa e a da amante. São obreiros diligentes. Outros ha que nem a uma só conseguem dar alegria.

Acceito que a culpa não seja tua. Tambem o espinho que se nos enterra na carne não é responsavel pelo mal que causa. O que não impede que o procuremos afastar de nós.

Acceito que a culpa não seja tua, e creio que esta carta em nada esclarecerá a minha situação perante teu julgamento. Escrevo-a entretanto; apenas para que não culpes meu silencio de soberbo e insolente. Curvo a cabesa á praxe millenar dos rompimentos que é de responder «o ingrato» á carta de intimação do abandonado, por uma de explicação que nunca explica coisa alguma.

Pois si está no caracter, na massa do sangue de uma creatura proceder de uma fórma, como conseguirá comprehender siquer que poderia agir differentemente?

Tu me amavas. Mas era do teu genio, da tua constituição psychica amar na tristeza e na melancolia. Sentias talvez que minha alegria punha entre nós o abysmo que separa a noite do dia, as trevas da luz? Não reflectias que um e outro se completam. E é tão facil a lagrima succeder ao riso! Conhecias minha susceptibilidade doentia e instinctivamente não socegavas emquanto não me tinhas, prisioneira moral a teu lado, no reino das sombras de que teu espirito não sabia libertar-se.

Sei de uma historia para crianças em que dois ousados mosqueteiros vão desencantar um palacio onde tudo se transformára em pedra. Elles tambem já vão sentindo os effeitos do terrivel maleficio: um não enxerga mais, o outro já não anda quando se lembram de abrir uma janella. O ar e o sol que entram em abundancia curam-no instantaneamente: e elles se põem a gritar «Luz! luz!», escancarando todas as aberturas, emquanto os prisioneiros do palacio encantado vão lentamente voltando á vida.

Tambem eu jazia encarcerada no palacio sombrio do teu bem querer: o frio da pedra subia-me ao coração. Tambem eu gritei «Luz! luz!» e arrombei portas e janellas que tão cuidadosamente mantinhas trancadas, para que eu não visse o sol, para que eu não bebesse o ar.

Que distingue o amor do odio? Dizem que muitas vezes elles se confundem... Si um conto em que um homem que amava uma mulher sentia prazer em espetar-lhe as carnes macias com um alfinete como si estivesse fisgando petalas de flores. Sadismo. Haverá tambem o sadismo moral de quem ama e só está satisfeito alfinetando com palavras acres o espirito da creatura amada?

Seja como fôr, uma coisa te affirmo eu: O amor é caprichoso. Elle póde resistir a uma punhalada, mas não resiste á insistencia miúda de constantes espe-

(Conclúe na pagina 55).

Odio que redime

MINHA AMIGA

“VENHO communicar-te que estou novamente noiva. Como tudo passa neste mundo! Quem me visse ha tres annos, tão desamparada na primeira catastrophe moral de minha vida, nunca poderia suppôr que a alegria ainda reconstruiria meu destino!

Ha males que vêm para bem. Como é profunda a sabedoria popular! Minha amiga, tenho a certeza plena de que adquiri, pelo preço de dois annos de soffrimento calado, a felicidade para o resto da existencia.

Creio que não foi muito caro. Naquelle tempo em que tão carinhosamente te interessavas pela minha sorte, ignoravas por certo o que hoje não pódes deixar de conhecer de sobra, eu o sei: o genio volúvel, infantil, irresponsavel do Sylvio. Eu o conhecia e antes do teu facil triumpho já bastante padecera; mas amava-o, e bem sabes — si o sabes! — que o amor é cego: não olha a felicidade dos outros, o que não é nada, mas nem a sua propria, o que é mais grave.

Estremeço de angustia, hoje, ao pensar o quanto eu teria sido desgraçada como tu, pobre Martha, que todos lastimam, si me tivesse casado com elle.

Minha amiga, é com um prazer tão intenso que nem sei explicar-t'o, que te chamo assim: minha amiga... salvaste-me da infelicidade. Devo-te mais que a propria vida, pois sem a ventura de que serve a existencia?

Hoje em dia comprehendo como era grande a amizade que tinhas por mim; tão grande que te levou ao sacrificio de me roubares o noivo para contra a minha vontade me salvares da desgraça. E como eu fui injusta de, no intimo, te odiar... pobre amiga! Sim, no intimo, porque felizmente meu orgulho me impediu de romper comtigo, e de assim consumar minha horrivel ingratidão. Agora é que avalio o sacrificio que por mim te impuzeste. Sylvio não mudou, não podia mudar, e hoje, em meu lugar, és tu quem soffre para o resto da vida com a dedicação de teu altruismo, seus despresos e suas inconstancias.

Entretanto, eu, liberta á custa apenas de dois annos de amargura, refaço meu destino, e de que modo tão diverso!

Jorge me ama com um carinho, um desvelo que a sensualidade brutal de Sylvio jamais te poderá ter feito conhecer! Si soubesses que differença! De physico elle nada perde em ser comparado a teu seductor esposo, e como valor social — nossas amigas communs já te hão de ter contado que posição elle occupa na diplomacia e quaes seus recursos pecuniarios. Si ainda o ignoras, indaga, e facil será, ao interesse que sempre tiveste por tudo que me diz respeito, saber da vida de meu noivo actual.

Nós viajaremos... Nosso sonho — lembras-te Martha?, — de quando éramos companheiras inseparaveis antes do meu noivado com o Sylvio. Viajaremos muito. Assim que nos casarmos, o que terá lugar dentro de tres meses, o tempo apenas de prepararmos os enxovaes, embarcaremos para a Europa. E minha lua de mel se ha de reflectir nos canaes historicos de Veneza, nos lagos pittorescos da Suissa que tanto idealizavas em nossas longas palestras de outr'ora.

E, além dessa probabilidade de pouca permanencia aqui no Rio, outra explicação quero dar-te para o caso de, illudida por teu espirito de sacrificio e dedicação, pretenderes, erroneamente desta vez, juro-te, fazer minha felicidade induzindo-me á separação, tirando-me o marido depois de me teres tirado o noivo: Jorge tem um genio muito differente do de Sylvio. E' ponderado, perseverante nos seus propositos e nos seus affectos. Acaso tivesses ensejo de fazer a experiencia de sua constancia, e a tal te

(Conclúe na pagina 55).

FON-FON NA ALLEMANHA

A sociedade brasileira de Hamburgo commemorou a nossa grande data de 7 de setembro com uma linda festa artistico-dançante, que se realizou no salão branco do Curiohaus, naquella cidade allemã.

O grupo acima foi tomado por occasião dessa solennidade, que se realizou sob os auspicios da «União Brasileira». Nelle apparecem, sentados, da esquerda para a direita: Theophilo de Andrade, vice-presidente da «União» e director do magazine «A revista allemã»; dr. Raul A. de Campos, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil em missão commercial na Europa; dr. Filinto de Abreu presidente da «União» e cônsul geral do Brasil; cel Gaelzer Netto, commissario do Brasil para immigração; senhora Cerqueira Lima; senhora Lilia Emil-Wieraner, directora do «Brasilianischer Wirtschaftsdienst» (Boletim commercial do Brasil); sr. Cerqueira Lima, cônsul do Brasil em Leipzig.

«FON-FON» NA ARGENTINA

GRUPO de membros do Circulo Odontologico Santafecino, da Republica Argentina, quando o o dr. Carlos P. Berra communicou áquella sociedade a sua magnifica impressão do Terceiro Congresso Odontologico Latino Americano, recentemente realizado nesta capital.

MINHA!

VOCÊ pertence a outro homem. Mas eu a considero minha. Considero-a minha pelas affinidades que nos unem, pela semelhança humana das nossas vidas, pelos receios com que encontramos nossos olhos, pela prudencia com que nos falamos deante dos outros... Considero-a minha por tudo isso e, sobretudo, porque a amo

Stendhal sentenciou, com o seu alto e nobre pensamento, que uma mulher pertence por direito ao homem que a ama.

Você me pertence, pois. Pertence-me porque eu gosto de você. Porque seus olhos são meus, porque é minha sua alma. Porque você é triste como eu sou triste. Porque as suas amarguras são irmãs das minhas amarguras. E porque você sente os mesmos anseios lyricos que eu sinto.

Eu tenho, assim, o direito de possuil-a, ainda que seja espiritualmente. Você é minha porque eu amo toda a sua angustia feminina e toda a sua melancolia dolorosa. E' minha porque meu coração a resgatou com este grande amor que o invade. E' minha porque Stendhal o affirmou. E Stendhal, morto ha muitos annos, continúa, nas suas obras immortaes, continúa a ser o grande consolador dos apaixonados.

Ha tanta cousa que nos approxima. Tanta cousa... Nós vivemos separados por uma contingencia amarga da vida, por um capricho ironico da sorte. Porque nos conhecemos tarde e não tivemos a paciencia de esperar um pelo outro. Porque os nossos destinos, tão identicos, tão suavemente iguaes, tão parecidos na sua finalidade sentimental, estavam, apesar disso, em pontos oppostos, palmilhando estradas differentes... E os nossos destinos iam caminhando bem longe um do outro, para se encontrarem agora, só agora, quando você e eu temos medo do amor... Você ainda mais do que eu, porque deve conhecer aquella maxima de Fontenelle:

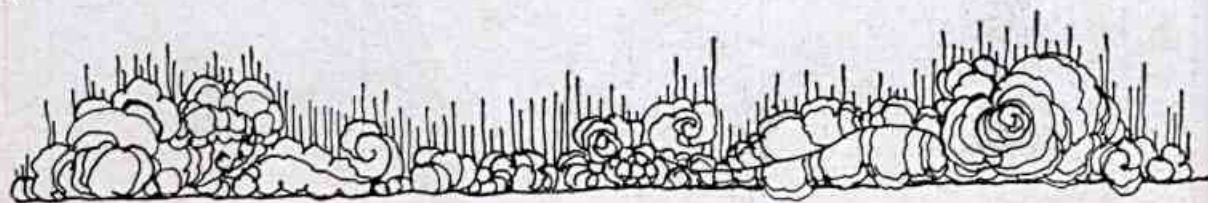
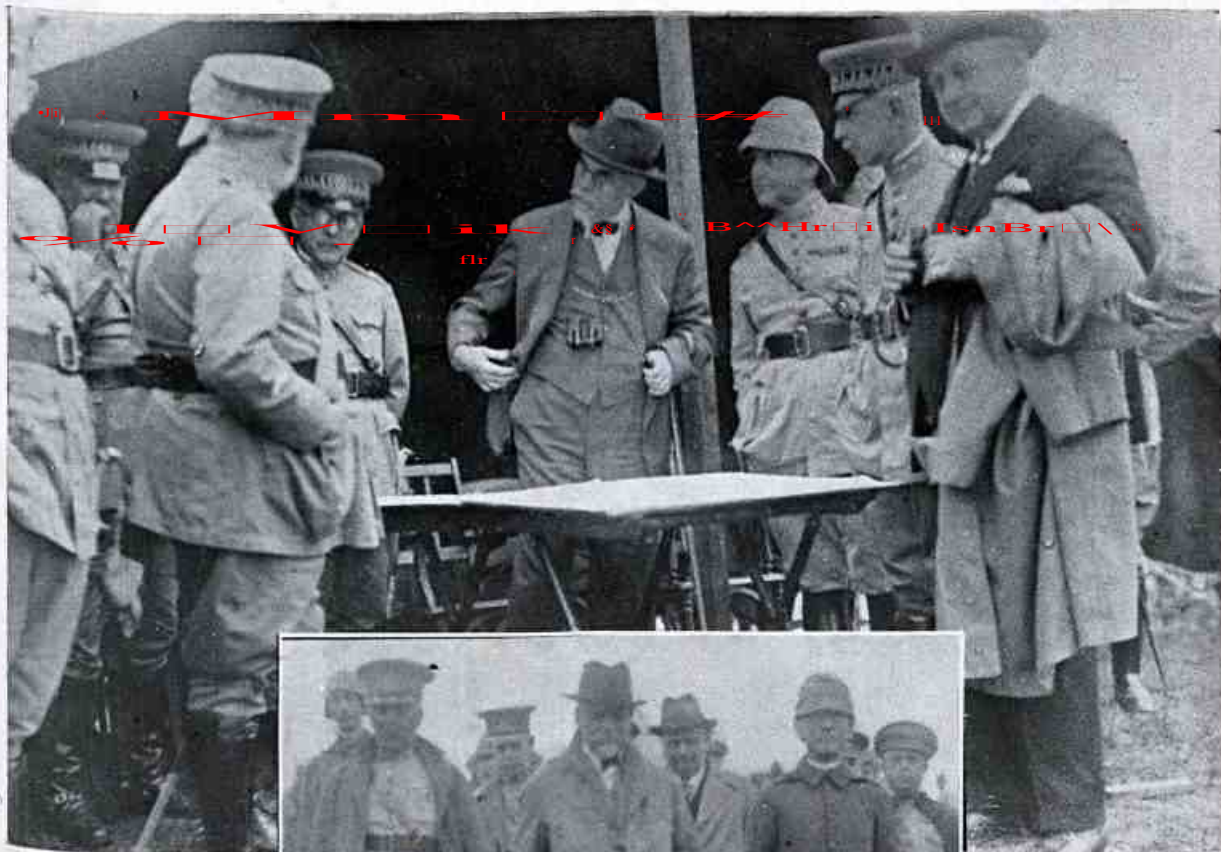
Uma mulher está em perigo desde que é amada com ardor. Em que se deterá um homem apaixonado para conseguir seus fins?

E você sabe porque tem medo do amor... Sabe tanto quanto eu, que acato as palavras de Stendhal e de Fontenelle e respeito a opinião dos dois grandes pensadores francezes...

Isso, entretanto, não impede que nos amemos e que, um dia, nos descubramos neste carnaval da vida. Ninguem póde fugir ao seu destino. E' da philosophia dos fatalistas.

Que importa o medo, si o nosso amor é maior do que o nosso receio?

Você me pertence por direito, porque eu a amo e porque sou dono de sua alma...

O outro possúe, apenas, a mulher...

...solidão

Sinto hoje um desmoronamento total no querido Jardim da minha alma. Como é caprichoso o coração!

Ainda ha pouco florindo em ternura e alegria... jaz agora devastado.

A incerteza, é ainda uma esperança... essa esperança é ainda uma felicidade. Mas quando a luz da Verdade abre, ex- abrupto, ás janellas da alma, o Simoun do Desengano por ellas jorra violento, indomavel, e varre, cruel, do coração, todas as flores de amor e de alegria! Nem resquicios volitam já, de roldão, pelo jardim deserto...

Fogo... cinza... nada...

Deserto no coração, morte na alma! Nem mais saudade!

Ha como que uma pungente e indefinida tristeza de não poder mais soffrer da sua tortura...

AS MANOBRAS DO EXERCITO E DA MARINHA

COM a presença do sr. presidente da Republica, dr. Washington Luis, e das altas autoridades do Exercito e da Marinha realizaram-se durante a semana passada, no litoral do Districto Federal e do Estado do Rio e na zona da Pedra e Sepetiba as manobras conjunctas das nossas forças de terra e mar. Apesar do máo tempo que fez, essas operações decorreram brilhantissimas, demonstrando, nos seus diversos e empolgantes aspectos, o gráo de preparo militar das tropas brasileiras que nellas tomaram parte.

Estão nesta pagina tres flagrantes tomados nos campo das manobras, em Sepetiba, vendo-se o dr. Washington Luis quando ali chegava e com as altas autoridades militares que acompanharam s. ex. ou que o receberam.

AS DUAS SOMBRAS

Eu vi dois vultos se encontrarem na hora scismarenta do crepusculo. Eram dois moços. Um vinha triste. Outro sorria.
Ouvi que se falavam.

Dizia o moço triste, um adolescente:

— Deves ter mais experiencia do que eu: é este o caminho que conduz á Felicidade?

O outro esboçou um sorriso ironico:

— Todos os caminhos são bons.

— E eu que não encontro...

— A Felicidade?

— E' a minha unica ambição... Ainda tenho esperança... Quem sabe si amanhã?

— Tenho pena de ti... Sou mais velho do que tu. Sou viajeiro tambem.

ARABESCOS

Tens todo o encanto e toda a frescura de uma flôr. Nunca tiveste, porém, uma delicadeza, um gesto subtil de flôr.

Vês? Aquella rosa — olha como se offerece á brisa, que a acaricia de leve — vê que se inclina para roçar brandamente as petalas setinosas no gramado verde...

Nunca vieste encostar a tua face na minha face, para sentires mais de perto a subtileza do meu amôr, que apenas conheces pelo fulgor dos meus olhos.

Nunca me negaste um beijo. Nunca me pediste um beijo.

Por seres tristonha e taciturna, penso ás vezes que soffres. Sinto, então, como que um prazer intimo, singular, estranho...

AS tropas que tomaram parte nas grandes manobras da semana passada, em varias phases das operações.

— E algum dia...

— Talvez. Não encontrei a ventura que ambicionei. Via-a. Sentia-a, quasi... Frui-lhe o sabor... Aspirei-lhe o perfume...

— Como?... Onde?... Ensina-me o caminho!...

— O caminho?... Todos os caminhos são bons. Não olhes, no emtanto, para a frente... Olha para trás... Vês?

— Vejo a Saudade — nada mais...

— Olha bem: já sorriu?...

— Parece bôa a saudade...

— Porque é o perfume da felicidade...

*

E as duas sombras se foram confundindo na sombra da noite...

O meu passado, ás vezes, se encontra com o meu presente, na hora scismarenta das recordações.

MATTOS ALÉM

Oh! eu bem sei que as almas que soffrem são capazes de amar...

FILIGRANAS

— Fui feita para sorrir, para o descuido e para a alegria — disse-me ella.

— Eu também, respondi.

— Entretanto — continuou a minha dôce amiga — o meu rosto mostra hoje os rastos do soffrimento e as rugas marcam o curso amargo das lagrimas.

— O meu tambem...

E quem ouvisse a nossa lenta conversa naquella tarde macia poderia accrescentar:

— Todos os rostos nascêram para o riso, para o descuido e para alegria, e em todos elles se vêm os rastos do soffrimento e as amargas ravinas das lagrimas...

E' a vida... Nada mais e nada menos do que a vida...

OUTROS aspectos interessantissimos das manobras do Exercito e da Marinha. O desembarque das tropas e da artilharia.

O perdão

Petite Source

SENTADA, os cotovellos apoiados á mesa, Leilá seguia com olhar indolente o incessante ir e vir do marido de sua prima.

Henrique andava de um lado para o outro, e de repente parava, a falar num desabafo:

— Bem sei que Marilia não póde comprehender certos lados da vida. A educação que teve deixou-a ingenua, excessivamente idealista... Mas, afinal, sua intransigencia se tem mostrado espantosa!

No silencio que succedia ás suas palavras, elle recomeçava a passear sem fito.

Depois, virando-se arrebatadamente para a moça, proseguiu na sua queixa:

— Que mais posso eu fazer? Ella não tem coração, eis a verdade!

E, procurando accender o cigarro, com as mãos tremulas, calou-se uns momentos, para logo explodir numa revolta má:

— Então, as theorias religiosas? E o perdão das offensas? Ella não olha o filho, nem reflecte que o vae crear sem pae...

Henrique recomeçou a andar mais de vagar, puxando fundas baforadas do cigarro, que se consummia rapidamente.

— Afinal, por muito ruim que eu seja, sou o pae daquella pobre criança... E, de mais a mais, que fiz, em summa? Qual foi meu crime contra Marilia? Deixei-a algum dia, no desconforto? Affrontei-a acaso? Nunca cheguei e casa a horas indevidas. Nu aventura passageira não ha ta nha offensa contra quem nem u minuto siquer deixou de consid rar como a unica, a esposa, a ad rada guardiã do seu lar, e q mais do que amor, me inspira um verdadeiro culto... Fui infe de ter vindo parar aquella ca aqui, por engano; mas o bom mão exito de uma acção não a fica em si mesma; a minha foi a nas uma leviandade que em na modificára meus sentimentos e q já venho pagando — de sobra! em todo este mez de angustias humilhações.

E repetia, revoltado:

— A verdade é que ella n tem coração... Não me ama. Nunca me amou.

Leilá persistia calada. Uma e pressão estranha, mixto de iro de tristeza e desdem, luzia fundo avelludado de seus ol castanhos, ao ouvir aquellas pa vras que lhe pareciam masculi mente egoistas na concepção d direitos e deveres conjugaes. C nhecia bem o homem de cujo c ração ellas transbordavam. Qu tas vezes haviam discutido n antagonismo latente e irreco liavel sob o freio da polidez!

Naquelle dia, ao receber, atmosphera do drama familiar, desabafo de seu constante adv sario, ao escutar protestos q ella julgava ingenuos á força serem inconscientes — um mu de reivindicações turbilhonava seu pensamento.

Lentamente, respondeu, ergu do a fronte:

— Acho que você tem razão. M rilia é a esposa. Devia, tinha obrigação de perdoar.

Henrique parára, olhando-a xamente. Mas, na voz que dizia aquellas phrases inesp das, elle não distinguiu, siquer mais surda nota da escala do tejo.

Leilá proseguia em tom re ctido, hesitante:

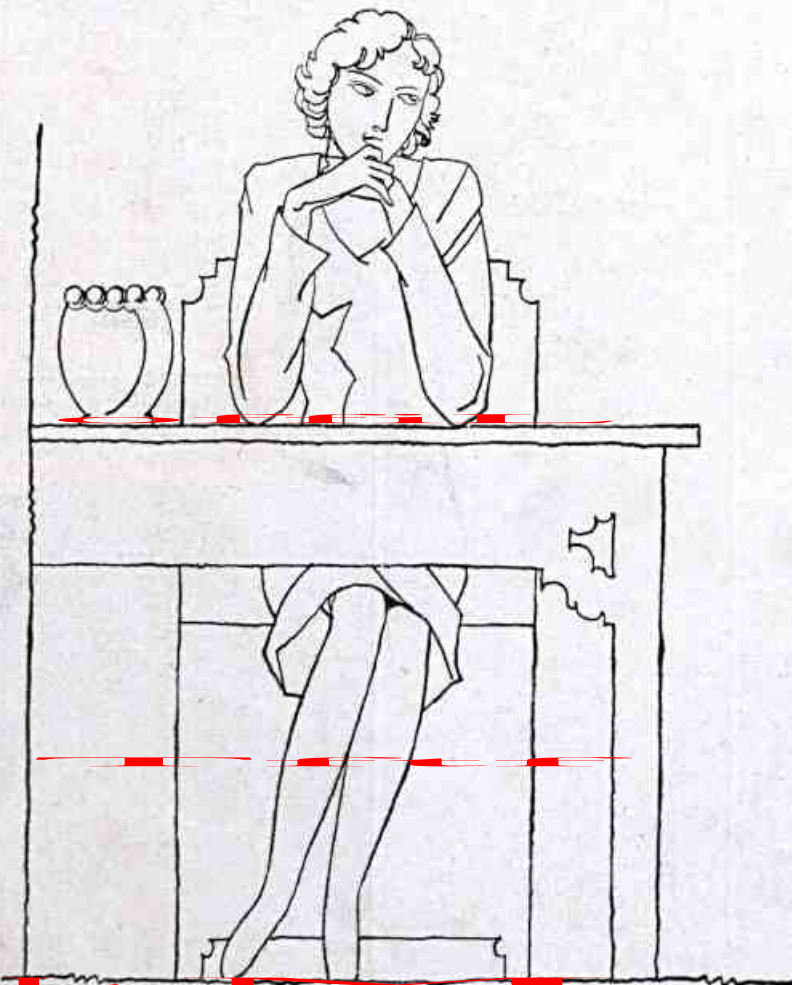
— O que você fez não tem g vidade alguma... Tanto m que...

Uma vacillação maior su nhou a expressão dubia da p sionomia da moça. Seu inter cutor fitava-a sempre, com ins tencia.

— Tanto mais que, si e houve, ella tambem já incorr em falta identica.

Reinou um curto silencio i incomprehensão e depois grito rouco, logo ensurdecido, r gou o peito do homem.

— Marilia?... — Marilia?... mentira sua!

Ella retrucou, francame mordaz:

— Mentira?... Por que? Você tambem não errou?

— Não é a mesma coisa! — rugiu elle.

Em seguida, mais calmo, com uma irritação incontida:

— Comprehendo. Você quiz ter o gosto de me ouvir dizer isso. Mas, na verdade, o momento foi mal escolhido para fazer espirito...

Ella se ergueu com um gesto felino, desdobrando seu corpo harmonioso de mulher consciente do proprio valor:

— Engana-se! Não quero fazer espirito. Talvez tenha procedido mal falando, mas não menti. Tenho a prova do que affirmei aqui bem proxima. O acaso m'a fez achar.

Abriu uma gaveta da mesa a cujo extremo opposto se apoiára até então, tirou um papel, que abriu e estendeu a Henrique. Era uma folha assetinada de carta:

"Meu amado — Em vão esperei, hoje, tua vinda. Por que faltaste? Não sabes o que és para mim, o que teu carinho representa na minha vida..."

A letra de Marilia!... Henrique nem conseguia lêr para deante. Apertava a fronte, congestionada, com ambas as mãos pallidas e tremulas, e repetia, numa obsessão:

— E' incrivel!... é incrivel!...

Leila o espreitava com uma expressão singular no olhar investigador, como o do scientista que observa o estrebuchar da cobaia no decurso de uma experiencia curiosa.

Foi um despautério contra a esposa trahidora.

— Infame! Miseravel! Eu a fazer um papel ridiculo! Has de me pagar, desgraçada!

Leila insinuou docemente:

— Não fale assim... Você tambem deve perdoar. Ainda mais porque não sabemos si isso foi apenas um sonho sem realização. Marilia é tão idealista! Um deve perdoar ao outro, e estão quites...

— Eu, perdoar?! — bradou elle. Nunca! Um homem lá perdôa uma coisa dessas?!! Nem que tenha sido um sonho! Um sonho... E o meu nome manchado? Não basta? Miseravel! Hypocrita!

A prima de Marilia continuava a observal-o com semblante ironico, perversamente satisfeito.

— Nesse ponto tem você toda razão: a hypocrisia com que ella recusou perdoar-lhe foi que me revoltou. Bem sabe o quanto preso a logica das attitudes.

Elle a interrompeu, brutal:

— Não se trata disso! Que me importa agora que ella quizesse ou não perdoar-me? Preferia que me odiasse para sempre e não me tivesse deshonrado! Sem o amor de uma mulher se vive, e não se vive apontado e escarnecido.

E com os dentes cerrados pelo odio, sacudindo a carta num gesto ameaçador:

— Mas aquella vibora me paga! Arrancar-lhe-ei o filho, com esta prova, e só não a matarei para melhor arrastal-a na lama.

Leila rejeitou a mascara. Sua physionomia, bella e expressiva, transmudou-se, fremente.

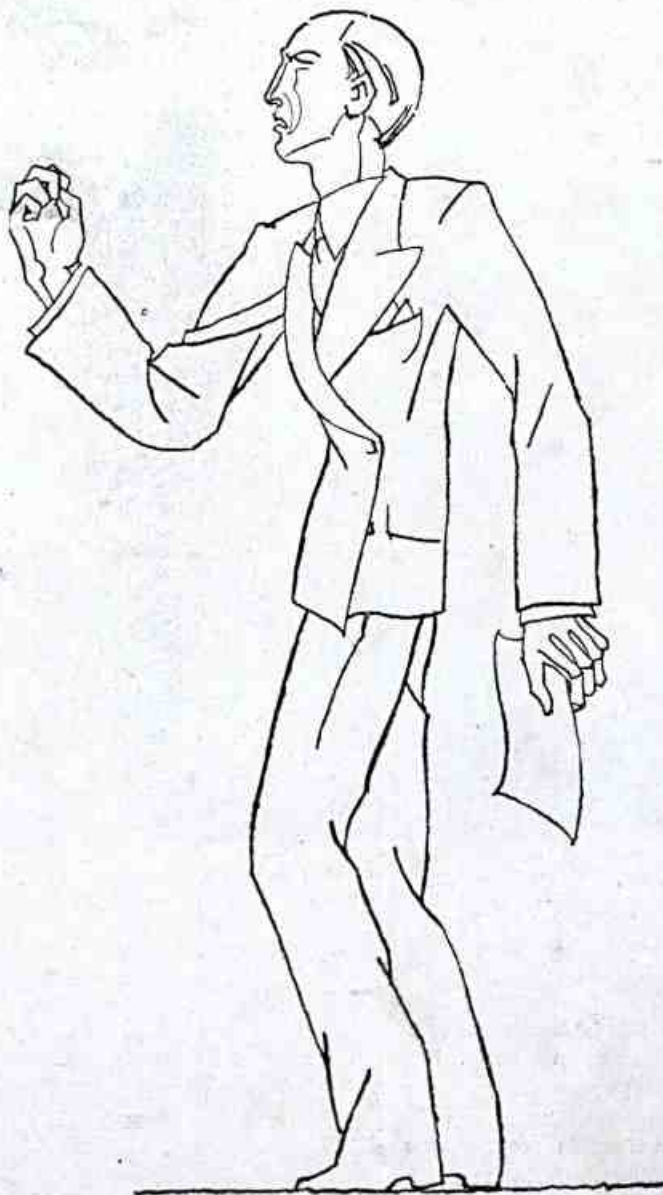
— Chega, chega! Como tão depressa acreditou e condemnou! Então, nem tendo errado tambem, era você capaz de comprehender o perdão?! Mas olhe a data dessa carta... Olhe-a ao menos... e veja seu nome, ahi, na segunda pagina... E' do tempo em que eram noivos. Marilia escreveu-a num momento de saudade, um dia em que você faltou á visita regulamentar. Depois, no seu meigo pudor de moça timida, não teve coragem de enviar-lh'a e hontem, achando-a entre papeis velhos, veiu, chorando, mostrar-m'a.

Henrique olhava surprehendido a data antiga e o seu nome, alternadamente apalermado, alliviado tão somente.

A lição não lhe calava n'alma e elle ia despejar sua irritação desmedida sobre a cabeça irreverente daquella mulher, quando um vulto entrou na sala.

Era uma creaturinha delicada e graciosa. Era loira, e estava pallida, immensamente pallida, com uns olhos fixos e angustiados absortos na requintada crueldade daquella segunda revelação.

Marilia, ha um quarto de hora parada na sala contigua, ouvira todo o debate.

Ella percebêra a chegada do marido, e descêra mansamente, resolvida a lhe conceder, emfim, o seu perdão.

FILIGRANAS

O homem passou pela Avenida, vagaroso e solemne, bem vestido e elegante, floreteando a bengala rica de castão de marfim.

Disse-me um amigo:

— Conheci aquelle camarada na Europa. Morou na mesma pensão familiar que eu em Paris. E é duma burrice pasmosa.

Fez uma pausa. Continuou:

— Fala francês como uma vacca espanhola. Certa vez, entrava em casa e fez barulho no corredor. A dona da casa indagou:

— *Qui est là?*

E elle:

— *C'est je...*

E eu ri de tal modo que os transeuntes se voltaram para traz...

A professora d. Marianna Porto Fernandes, por motivo de sua jubilação, após 29 annos de magistério, recebeu, ha dias, carinhosa homenagem das suas collegas e dos alumnos da Escola Francisco Manoel, da qual era directora. São aspectos dessa manifestação, a que assistiram varias autoridades do ensino e algumas familias, o que fixam as nossas photographias.

FILIGRANAS

Na manhã ensolada, a praia é de oiro e engasta na sua curva maravilhosa a esmeralda do mar. As mulheres vão ao banho nos *postos* elegantes. Quasi núas. Um palmo (e mesmo mais) de carne surge acima dos joelhos posto a descoberto pelo *maillot* curtissimo.

O amigo que caminha commigo a parolar pelo passeio mosaicado da Avenida pára e diz-me:

— Ellas são deliciosas, estupendas. Entretanto, nos omnibus e nos bondes têm tanto trabalho em tentar cobrir essas coisas com uma beiradinha de saia...

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

"Toda minha vida falhou; toda ella tem sido um interminavel rosario de desillusões, cujas contas venho desfiando amarguradamente, sem nunca sentir, entre meus dedos, o fio subtil e macio da illusão da felicidade.

Nem um, sequer, de meus sonhos, de minhas aspirações consegui realizar. Tenho horror, verdadeiro horror ás minhas decepções.

Se tu, que pareces ter a alma e o coração a cantarem de continuo a eterna canção de uma illusão sempre fresca e sempre confortadora; se tu, que continuas a cantar e a sorrir mesmo quando a sombra de uma desillusão desce sobre a tua vida, quizesses ensinar-me a arte de saber sonhar ainda, mesmo em meio aos escombros, ás ruinas de outros sonhos, como eu te agradeceria a consolação, o conforto que me traria o teu segredo de transformar em mel ou em agua fresca e pura a gotta amarga estillada nos vasos de teu coração..."

"Uma amiguinha desencantada" — é quem firma a carta de que extrahi o trecho acima, e a quem não sei que dizer, que responder, que aconselhar...

Saber, não comprehender, mas acceitar a vida tal qual ella se nos apresenta, é tarefa tão ardua, tão dura, tão cheia de provações na sua iniciação! Porque, não é no saber fruir-lhe os raros momentos de alegria que ella nos dá, mas no acceitar, alegremente, suas proprias desillusões, que está o segredo dessa velada e serena felicidade, em que uma especie de paz crepuscular, como um perfume envolvente de folhas seccas, enche de enlevecimento a alma e o coração da gente.

Para tanto, porém, antes de tudo, é preciso que se comece a receber, a acolher a dor não como uma inimiga, mas como uma irmã mais velha, desventurada e triste, que nos visitasse, como aconselha Maeterlinck. Porque a dôr tambem é, ás vezes, por mais paradoxal que pareça isso, uma fonte de consolação. E foi e tem sido a dôr a minha melhor e mais sincera amiga. Através della é que eu tive a plena revelação da vida e, através della, é que comecei a amar a propria vida, acceitando e recebendo sempre minhas desillusões como se ellas fossem "les premiers sourires de la verité."

Abro as paginas de "La Sagesse et La Dortinée" de Maeterlinck e leio para a minha "amiguinha desencantada": "aprendamos a fazer de nossas desillusões um grupo de amigas mysteriosas e fiéis, de conselheiras incorruptiveis. Se uma dellas, mais cruel que as outras, nos abate por um instante, não digamos, a nos lamentar, que a vida não é tão bella quanto os nossos sonhos, mas sim que alguma cousa faltava a nossos sonhos já que elles não foram approvados pela vida."

MLLE. Carmen Cardoso, com o seu lindo sorriso de mocidade e belleza.

Veja a "minha amiguinha desencantada" se os sonhos, de que se desilludiu mereceriam ou não a approvação da vida. Examine e estude uma a uma suas desillusões, sorrindo bondosamente para ellas e, talvez, de olhos fechados para o que a cerca, mas abertos para o lusco-fusco de sua alma, consiga obter as primeiras revelações da arte de alegre e serenamente cada um viver e acceitar sua vida...

SEARA ALHEIA

De Gaston Figueira.

... Y después de un momento de infinita Belleza,
qué me importa sentir el hielo eterno
de la Noexistencia!...

Si la razón entera de vivir
está a veces en un solo minuto
de excelsitud suprema... Lo demás
— hastio, indiferencia —
es la preparación o la acechanza
de esa hora. Y, en ella,
que te hizo trepidar
de emoción, de entusiasmo, de Belleza,
está toda la vida, está todo tu Yo.

. . . .

Después
tendrás que confundirte entre el mundano
torbellino, y serás como los otros;
y a veces, en tus pocas horas de apartamiento,
al sentir el cansancio
de errar inútilmente por el mundo,
te agobiará la angustia
de no haber perpetuado tu hora olímpica;
esa hora que vale
más que la vida misma;
esa hora en que debiéramos
aquietarnos en mármoles de pureza infinita...

SOCIEDADE

Recepções — O ultimo domingo foi um dia de gala e de festa para o pequeno Fabio e para o lar feliz de seus queridos progenitores, o illustre casal dr. Povina Cavalcanti.

Fabio, que já quer agir como gente grande, completando annos naquelle dia, deu uma recepção a seus amiguinhos e, tambem, ás suas gentis amiguinhas, junto ás quaes sua galantaria não se cançou de provar que elle era bem o filho de seu papae...

O distincto casal Povina Cavalcanti teve, assim, ensejo não só

As declamadoras senhoritas Marina de Padua e Ilka Labarthe, que, com o concurso do violinista Newton de Padua, realizaram, quinta-feira ultima, no Theatro Casino, um brilhante recital em homenagem á poetisa Carmen Cinira.

de proporcionar uma grande alegria a seu querido Fabio mas tambem encantadores momentos ás numerosas pessôas de seu largo circulo de relações na sociedade carioca, que foram cumpri-

. . .

mentar o pequeno anniversariante e seus dignos paes.

ESTRELLAS CADENTES

Na minha inquietação, sem saber que rumo tomar, agora, que a luz de teus olhos negros já me não guia, como um pharol salvador, pela estrada tortuosa da minha vida, ergui meus olhos afflictos para o céo illuminado, a ver se, na minha dôr, na minha tristeza e no meu abandono, encontraria, entre as estrellas que lá refulgem, serenas, alguma capaz de substituir a luz querida que me abandonou quando eu já tanto me habituara á sua caricia amiga e consoladora, quando eu sentia que não mais poderia viver sem ella...

Impassiveis, porém, no firmamento azul e infinito, todas as estrellas do céo fitam-me indifferentes, — como eu, tambem, indifferente fico a olhal-as e a sentir, e a comprehender que nenhuma dellas substituiria jamais a luz querida que já não brilha para mim...

A' noite immensa, que me cerca e mais e mais me envolve, junta-se a noite que desceu sobre minha alma e sobre meu coração, desde que as estrellas cadentes de teus olhos falsos, desprenderam-se, por um momento, de seu engaste, traçaram no céo azul de minhas pupillas, cheias de ti, a mentira illuminada do teu amor...

Divina luz da minha illusão, do sonho de amor e de felicidade que teci com os raios quentes das tuas feitiças e fallazes caricias; divina luz que te foste como surgiste, um dia, brusca, inesperadamente, bemdita sejas até pelo mal que me fizeste... até pela crueldade da certeza que me déste de que não eras a luz casta e pura capaz de illuminar o tabernaculo, o recinto sagrado de um coração em perpetua adoração áquella que elle collocava acima de tudo na vida...

Fizeste-me antever, vislumbrar uma miragem de felicidade, e eu ainda tenho alma para te perdoar...

BONECA NA AVENIDA

A ronda da graça e da elegancia, em pleno verão, ainda e sempre enchera de borborinho e de encanto a Avenida. Em meio á festa illuminada da tarde, tambem "ellas" mais fascinam, encantam e deslumbram com o esplendor irradiante de sua belleza tropicalmente cheia de sol.

Numa revoada alácre, em que ha estremecimentos, palpitações de azas, inquietação de aves que procuram um destino, que buscam um ninho, "ellas" vão passando deante de meus olhos distrahidos, perdidos ao longe, na noite da minha saudade.

Não sei porque, porem estou triste, e me sinto deslocado neste festivo ambiente, em que a volupia do estonteante perfume de uma primavera humana aberta em flôr, mistura-se, no ar, com o olor morno da tarde azul e clara, uma tarde quente, feita de beijos, cheia de rythmos indefiniveis, que entram a alma da gente a cantar a canção de amor que vibra e palpita nos anseios ardentes do espaço infinito...

ROSAS DE SANTA THEREZINHA

Meu principe e meu amor — Com uma vibração, uma palpitação de azas cortando o espaço illuminado e azul, minha alma, meu amor — a alma casta de sua "santa" Therezinha e a alma quente de peccado... mortal de sua Maria do Céo — vôa para você a cantar a canção festiva da minha exaltação mystico-pagã.

Porque, meu Principe querido, e sempre cada vez mais amado, a carta louca que me dirigiu, e através de cujas entrelinhas febricitantes e nervosas tive a suspeita de que outro amor, outra mulher o tivessem roubado a mim, quasi me fez enlouquecer de dôr e de tristeza!

Eu — a sua santinha, meu Principe, não me pejo de lhe dizer que, no meu desespero e na minha revolta interior, cheguei a duvidar até mesmo da clemencia e da misericordia dos céos!

Depois, depois chorei muito, muito, e descendo ao jardim deste velho solar sertanejo apanhei uma braçada de rosas, que levei para a capellinha da fazenda, com ellas enfeitando o altar de Santa Therezinha.

Ajoelhada, então, a seus pés, invoquei-a, pedi-lhe, suppliquei-lhe que fizesse descer sobre mim a paz, a serenidade de que tanto precisava.

Não sei que tempo estive assim recolhida e supplice. Sei que, como se fosse um milagre da bôa santinha que protege, ampara e abençôa o nosso amor, fui despertada do meu enlevo mystico por uma das rosas que, despetalando-se, se desfolhou sobre a minha cabeça cheia de soffrimento.

Não sei porque, fiquei profundamente emocionada, e, juntando uma a uma todas as petalas desfolhadas, guardei-as em meu seio, carinhosamente.

Seria um aviso de que a paz, a serenidade que eu pedia iria descer sobre mim?

Foi, sim, meu Principe Encantado, porque logo depois a voz de vovózinha chamava por mim. Corri a attendêl-a e qual não foi a minha surpresa ao vêl-a, a sirrir bondosa e um tanto maliciosamente para mim, acenando-me com uma carta na mão!

— Dá-me, dá-me logo essa carta, vovózinha querida!

Vovózinha, porém, comprehendendo a minha ansiedade, quiz tirar partido da situação e disse-me que só m'a daria se eu, antes, lhe désse um beijo. Dei-lhe não um, mas uns dez e, já de posse da carta, subi rapida para o meu quarto.

Minhas mãos tremiam de inquietação ao abril-a, meu Principe. Meu coração aos pulos era presa de uma angustia indizivel. A' proporção, porém, que ia lendo, minha alma se illuminava, feliz e tranquillizada. E acabei, terminei a leitura já a chorar, mas desta vez a chorar por me sentir demasiadamente feliz!

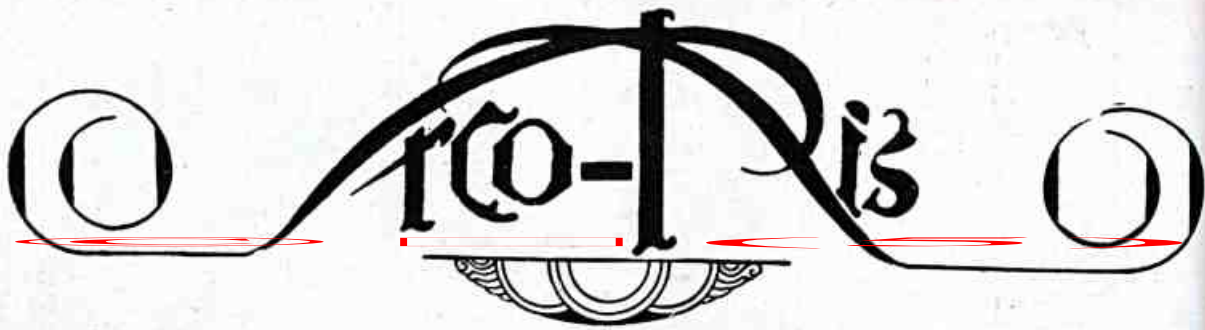
Meu Principe: nunca, nunca, como nesse momento, tive orgulho e vaidade de me sentir sua escrava, de me sentir tão sua... tão sua, como você era meu...

Madame Santos Maia, figura da nossa sociedade. (Photo Annunciato).

Envio-lhe as petalas da rosa do altar de Santa Therezinha. Guarde-as, que ellas nos protegerão; receba-as como se recebesse a alma, toda a alma pura de sua Maria do Céo.

E muito obrigada, meu Principe, pelo bem que me fez, tranquillizando-me.

Prometto-lhe nunca mais duvidar do seu amor. E' uma injuria a você, á sua lealdade, á nobreza de seus sentimentos qualquer duvida que eu lhe manifeste.

Até breve. De longe, através da minha saudade, beijo, doce, repetidamente, a esmeralda verde e tão cheia de carinho de seus olhos queridos — *Maria do Céo.*

FINADOS

Dois de Novembro. Finados.
Todos têm
entre os defunctos lembrados,
alguem
ou alguns dos mais amados
pobretões ou potentados,
Nababos ou Pedros-Sem.

Hoje, dia de Finados,
meu amor,
não vamos mais, braços dados,
depositar nossa flôr
nos tumulos enfeitados
dos nossos antepassados,
Marqueza ou Corregedor.
Pois hoje, neste Finados,
já não somos namorados...
Quaes são hoje os teus morgados,
morgadinha de Valflôr?

Finados. Finados, sim.
Para mim,
tudo chegou ao seu fim.
Neste dia
triste, em que a propria Alegria
baixa ao rosto um véo funereo,
procuro no meu jardim
alguns cravos orvalhados,
penso em ti, e o meu jardim,
neste dia de Finados,
é tambem um cemiterio.

E tão alegre, entretanto,
era, á tarde de Finados,
quando eramos namorados,
nossa ida ao campo-santo!
Tinha um verdadeiro encanto
e um prazer. Nem digas não.
Si os tempos estão mudados,
si os vivos, sobreviventes,
andam muito reservados
com os parentes,
isso é lá outra questão...

Quanto a mim, sondando o ambiente,
investigando o arredór,
nada estranho nessa gente.
Eras-me o unico parente,
o meu parentesco-mór
era comtigo, alma esquiva.
E eis-me nessa alternativa
que tanto me desconforta:
chorar uma viva-morta,
pensar numa morta-viva!

E hoje, dia de Finados,
não pranteio antepassados,
nem velhos sonhos fanados,
que nunca mais voltarão.
Nem ha pétalas, nem talos,
neste meu imaginario
jardim funereo,
murcho a qualquer floração.
Meus olhos, para orvalhal-os,
já não são o lacrimario
com que andei, poeta-chorão,
transformando em cemiterio
meu ingenuo coração...

TREPAÇÕES

DEPUTADO em fim de mandato e com pouca probabilidade de abiscoitar novamente a cadeira, por mais tres annos, é, sem duvida, um homem lançado ao mar...

Os jornaes supprimem-lhe os numeros, os correligionarios desapparecem, os pedidos que dirige aos ministros perdem-se na cesta de papeis inuteis...

E' um horror, coisa muito peor do que mordedura de cascavel, ou dentada de mulher velha, que envenena a gente para o resto da vida...

Pois um pae da patria muito nosso conhecido, e que está na imminencia de experimentar as agruras do ostracismo, por cumulo de azar, principiou perdendo um pedaço de mulher, que era uma morena do outro mundo...

Parece que o homemzinho precisou do subsidio para applical-o no aliciamento de alguns eleitores que o salvem do naufragio mais que provavel, e com isto, teve de encurtar as liberalidades que dispensava á morena.

Resultado: ella deu um *fóra* do tamanho de um bonde...

Agora é aguentar firme, porque para azar não ha mais remedio...

Nós preferiamos perder uma duzia de cadeiras de deputado, mas, com franqueza, teriamos intelligencia bastante para garantir a posse da morena, um pedaço de mulher, do outro mundo...

NÃO sabemos a razão por que a viuvinha se fez dactylographa de uma repartição publica.

Bella, seductora de physico, no meio burocratico a viuvinha provocou uma verdadeira revolução, pois o serviço publico nunca mais esteve em ordem, em virtude da desordem da cabeça dos collegas...

Entre os adoradores que a cercam, prestimosos e solicitos, ella elegeu o seu predilecto, que por signal é casado...

Mas, o movimento de sympathia entre ambos cresceu, assumiu taes proporções, que envenenou o ambiente.

A viuvinha goza, actualmente, de regalias especiaes do collega, sympathico, eventualmente no exercicio de cargo de direcção, e tudo corre ás mil maravilhas.

Apenas os burocratas despeitados não concordam com a situação. Pois dizem elles que apesar de ser a viuvinha uma simples dactylographa, quem manda e desmanda no serviço é ella, e quem cegamente obedece... é o chefe...

O nosso amigo é um tanto graphologo e não menos chiromante. Diz elle que se dá ao estudo de taes sciencias confusas e cabalisticas, por ter necessidade de conhecer a alma das mulheres. Estas ignoram o proposito do rapaz. E elle, então, vae tirando o partido que póde...

Numa sala, é infallivel não ler meia duzia de mãos rosadas e outra meia duzia de letras.

Ha dias, estava elle numa festa intima, quando foi assediado por uma multidão de criaturinhas leves e perfumadas. Todas queriam que elle lhes lesse a mão e a calligraphia. Elle a todas attendeu. Chegou, porém, a vez de uma cuja letra revela taes coisas, que elle resolveu guardar segredo sobre o que vira e lêra.

A mocinha ficou intrigada. Insistiu para que elle fosse franco. Mas o nosso heróe ficou firme.

No emtanto, si a formosa senhorita quizer saber o segredo que o graphologo occultou comsigo, nós lh'o revelaremos sem dó nem piedade...

E' verdade que nos causaria remorso a revelação que fizessemos. Ha tanta coisa consternadora na letra da graciosa senhorita, que, certamente, ella ficaria decepcionada comsigo mesma. Mas o diabo é que ninguem admitte que possa ter qualidades más. Todos desejam ser um poço de virtudes, um caracter cheio de perfeições e belleza moral.

Dahi o nosso receio de um remorso futuro.

Mas ao mesmo tempo estamos certos de que mlle. tem uma *pose* de princeza. A nossa revelação iria fazel-a ver que uma princeza deve ser mais *raffinée*...

MLLE. Carmen Miranda numa elegante «pose» balnearia...

EM barulho de marido e mulher, ninguem se deve metter. Porque depois fazem as pazes e o intromettido é que fica em má situação. E isso não só acontece com os esposos: tambem acontece com todos os que se amam...

Quem havia de dizer, por exemplo, que, depois daquella scena a "grand-guignol", em que o elegante medico e a formosa filha do Prata foram protagonistas, — elles se haviam de reconciliar?

Houve uma quasi tragedia entre elles. Ella, a geniosa creatura, por pouco não destruiu toda a "garçonnière" do medico e artista.

Romperam. Estavam irreconciliaveis. A causa? Não se sabe... Talvez o crime...

Pois não é que, agora, elles estão mais amigos do que nunca?

Em briga de quem se ama é prudente ninguem se metter...

UMA das debilidades de Maroca é a sua admiração pelo marido. Não se descreve a tocante homenagem que a honesta mulher presta a todas as horas, commovidamente, aos sentimentos raros do seu esposo. Lembrando o argentino Mendical, do conto de Eça, aquelle homemzinho escurinho e grotesco, cuja admiração por sua mulher — uma franceza encantadora — era doença justificavel, Maroca tem a superstição do elogio conjugal. Nunca se cansa de evidenciar os meritos do seu super-homem. Um archetypo, em summa. E ella é muito feliz! Tem tudo. E tudo lhe chega ás suas escassas aspirações. Saude, algum conforto, e o amor do marido. Isto é o que ella se ufana de possuir. Porque se suppõe muitissimo amada, a bôa criatura. Não chegando a ser alguma coisa, Maroca é a perfeição do quasi. Quasi gorda. Quasi bonita. Quasi intelligente. Quasi bondosa. E, se é verdadeira a phrase ancestral: a virtude está sempre no meio, Maroca é a virtude em pessoa, porque é o meio termo, o quasi de tudo.

Só lhe descobri, depois de uma investigação persistente em torno das suas possibilidades espirituaes, uma faculdade aproveitavel: a sua devoção africana pelo marido. O seu espirito, a sua comprehensão de esthetica, o seu criterio sobre as questões mais simples da vida são contingencias lamentaveis de desaprumo mental. Qualquer palestra, insinuada na esphera de um motivo artistico, politico, literario é uma occasião para Maroca demonstrar o seu espirito deploravel. Mas, serve-se sempre das opiniões do marido. E não se precisa dizer que esse h o m e m adoravel, feito por encommenda para a sua esplendida mulher, representa o conceito consagrador, em quaesquer emergencias que se pronuncie. O Antonico é a expressão real do todo. Quer se fale em harmonia, em belleza, em amor, em theatro, E Maroca, em monologo apologico, faz sem cerimonia, a todo proposito, a glorificação do seu esposo. E' uma criatura commovedora, essa Maroca!

Faz uns quinze annos que desfructo a sua consideração. E cada dia me enterneço mais, sentindo a estagnação do seu espirito, sem movimentos, parado, mineralizado sob a admiração effervescente do homem dos seus sonhos.

Francamente, eu não conheço outro caso mais singular. Não póde haver nada mais honestamente ridiculo, do que o fanatismo dessa mulher pimpona, e refestelada numa certa respeitabilidade social.

Ha poucos dias, fui visital-a. Maroca, soffrendo o influxo do seu mediocre destino, na eterna dominação do "quasi", é quasi "chic". Recebe ás quintas-feiras.

Eu não falto ás suas recepções. O Antonico reúne em casa pessôas de importancia no mundo representativo, e não é desagradavel o conversar a gente com as figuras da época.

A ultima vez, porém, que visitei a minha esplendida amiga, ella estava só, e a escovar a casaca do marido.

Elle deveria comparecer a uma festa, em que ella não gostava de o acompanhar.

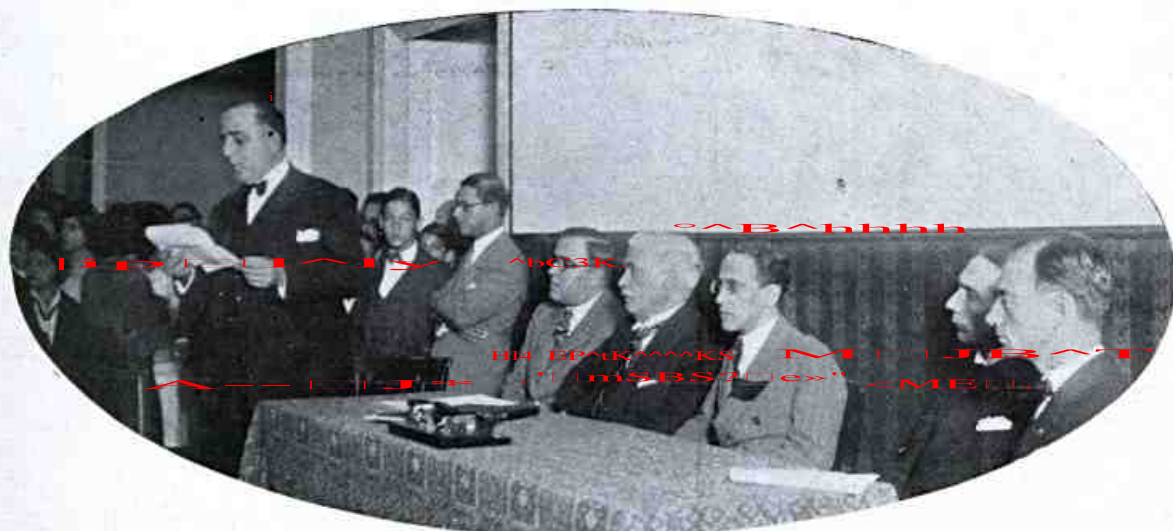
E, começando os dithyrambos famosos ao brilho, á elegancia, ao talento e á fidelidade do Antonico, Maroca deixou cahir sobre os meus ouvidos a torrente do seu louvor inestancavel, ás qualidades do seu esposo: Sahi invejando a felicidade da possuidora de tal homem. Sim. Evidentemente, não é facil uma criatura humana, frágil, imperfeita, pobre argila viciosa, reunir tantos predicados, assim, auspiciosamente.

E me perdi em considerações intimas, já sympathizando com o fetichismo de Maroca.

A' noite, havia festa num dos nossos clubes, e lá encontrei o Antonico, radioso, ao lado da sua amiga Heloisa. Heloisa é a personificação do mundanismo. Uma flôr de vaidade. Preoccupada eternamente com o seu "eu". Mantendo uma luta intelligente na defesa da sua personalidade de mulher conquistavel, ella aspira ao amor perfume trivial do prazer peripherico.

Mas, o Antonico recebe de Heloisa, o estipendio das suas ingratidões ás outras mulheres.

Encontrando-o, perguntei-lhe, ansiosa:

(Conclue na pagina seguinte)

NA Escola de Commercio Amaro Cavalcanti foi inaugurada officialmente, quinta-feira penultima á noite, a Caixa Escolar «Pereira Carneiro». A solennidade realizou-se com á presença do director da Instrucção Publica e membros do magisterio municipal.

TORRE DE BABEL

CONCLUSÃO

— E Maroca? Por que não veio tambem?"

— "Não gosta de festas. E' mulher de "interior". Vive para a casa, exclusivamente. E' uma quasi governante estylizada... Como sabe, Maroca é o meu habito domestico. A minha victrola. Toca sempre os mesmos discos. E na minha vida tem sido uma afortunada mascote... A Heloisa, sim. E' a minha fascinação. Tudo tem para me prender. Até um superior desdem pelos meus ciumes, pelas minhas aventuras."

Desde essa noite, comecei a acreditar na verdadeira felicidade das mulheres felizes... Maroca symboliza esse elan invejavel...

REALIZOU-SE na tarde de sabbado a sessão inaugural do Conselho Escolar da Escola Profissional Rivadavia Corrêa. As altas autoridades da Instrucção Publica tambem compareceram a essa festa, de que offerecemos acima dois detalhes photographicos.

LANTERNAS DE PAPEL

A CHAVE DE THEOBALDO

AMADEU Amaral, o poeta delicado e perfeito, o jornalista de pensamento e de pulso, o apaixonado do linguajar e das tradições folkloricas do nosso povo, que se sentara, como successor de Olavo Bilac, na poltrona academica patrocinada pelo nome augusto de Gonçalves Dias, e que a morte acaba de roubar ao convivio dos seus pares, ao carinho de sua familia, e á dedicação de seus amigos.

* * *

No museu de Veneza se vê uma grande chave de ouro que relembra uma historia tragica do seculo XVII. Ahi pelo anno de 1600, um sujeito perigoso, de origem allemã, foi estabelecer-se em Veneza onde se enamorou duma moça de familia fidalga, que já estava noiva de um nobre veneziano. Apesar disso, ousou pedil-a em casamento. E, ante a recusa della e da familia, ficou cheio de ira e decidio vingar-se.

Era um mecanico de rara competencia e levou algum tempo a planejar um meio de poder fazer desapparecer o seu rival sem comprometter-se. Inventou, depois de porfiado trabalho, essa chave de ouro, cujo annel está construido de modo que, torcendo-o rapidamente, descobre na outra extremidade pequena saliencia, da qual sae com leve pressão, um estylete finissimo que, penetrando no corpo, não deixa signal externo algum.

Theobaldo esperou, disfarçado, na egreja, onde o objecto do seu amor ia receber a benção nupcial, e durante a cerimonia lançou o fatal estilete dentro do peito do noivo. O ferido nada sentiu, mas atacado por fortes dores, desmaiou e teve que ser levado em braços para sua casa. Improficua foi a sciencia para averiguar a causa de tão estranha enfermidade, que em poucos dias o prostou cadaver.

Theobaldo pediu de novo a mão da donzella, e, como antes, foi-lhe recusada. Os paes, dentro de pouco tempo foram victimas da mesma chave. O alarme destas mortes occasionou uma rigorosa vigilancia dos magistrados, e quando, por meio de um minucioso exame, o pequeno instrumento de aço foi encontrado na parte gangrenada, estabeleceu-se em geral terror, pois todos começaram a receiar pela sua propria vida.

A infeliz joven, tão cruelmente isolada no mundo, encerrou-se num convento.

Theobaldo, esperando que a inclinaria a satisfazer ao seu desejo, falou-lhe e procurou persuadil-a; mas a cara do estrangeiro foi-lhe sempre desagradavel, e desde a morte dos seus seres queridos, mais odiosa se lhe deparava aquella figura, e a sua resposta negativa mais se firmara. Theobaldo, fóra de si, encolerizado, tentou feril-a por entre as grades, e o conseguio sem ser visto. A joven sentiu uma dôr no peito, e abrindo a blusa, viu uma pequena pinta de sangue. Immediatamente os medicos foram chamados, e com a experiencia do passado, não se ficaram em conjecturas; cortaram profundamente a parte ferida, extrahiram a agulha e salvaram a vida da joven.

A policia daquelle tempo recorreu a todos os meios para descobrir a mão homicida. A visita de Theobaldo ao Convento produziu suspeitas; sua casa foi detidamente revistada, o instrumento infernal encontrado, e o criminoso pereceu no patibulo.

Quantos Theobaldos não andam por ahi com uma unica differença: não saberem ou não poderem arranjar uma chave igual...

CLAUDIO FRANÇA.

A festa de sabbado ultimo, no Tijuca Tennis Club, foi uma expressiva homenagem que o velho gremio sportivo da rua Conde de Bomfim prestou á Escola Naval e aos seus collegas do Grajahú Tennis Club. Por isso mesmo se revestiu de grande brilho.

LAMPEJOS

Quando eu ando na rua, e não vejo os seus olhos côr de ouro, e não ouço a sua voz suave, e não sinto o perfume da sua mocidade em flôr, tenho a impressão de que estou sózinho entre a multidão que me olha indifferente.

Você é tudo para mim: é o meu mundo, é a minha vida... Eu já me habituei a amar a sua belleza triste, a amar essa ternura que só eu comprehendo, porque foi feita para os meus olhos dolorosos.

De maneira que a rua é um deserto para mim, quando você não reponta, como um oásis de consôlo, no meio dos transeuntes apressados.

Eu acho a rua solitaria, melancolica, si você não a illumina com essa graça luminosa que tanto a distingue das outras mulheres.

Meu amor, eu não gosto da rua quando você está em casa...

A bordo do «Arlanza», passou por esta capital, com destino a Santos e de regresso da Europa, o dr. Eduardo Pinheiro Lobo, um dos directores da S. Paulo T. Light & Power, e que, na photographia acima, apparece entre suas gentis filhas senhoritas Hilda, Olga e Suzana Lobo e cercado de amigos e jornalistas que o foram cumprimentar.

SOMBRAS CHINEZAS

PHOTO FILM DA CIDADE

NAS ultimas sombras chinezas com que minha alma se projectou e espalhou nesta pagina de melindres e almofadas, feita para guizarrear a garridice, a brejeirice, a maluquice e outras coisinhas em ice das melindrosas da cidade, eu — se me não engano — prometti tirar a prova dos nove ao amor da que faz a festa e tambem o desespero da minha vida.

*

E não pensem ser facil a tarefa, por que tirar a prova dos nove, mesmo seguida da real, do amor de uma mulher que, além das "fraquezas" peculiares a seu sexo tem, a augmentar-lhe a somma dos peccados, a esfusiante desenvoltura das melindrosas, é problema não só complicado como perigoso. Perigosissimo mesmo. Porque, mathematicamente falando, a mulher só é operavel, com licença do termo, nas operações propriamente negativas. Nas positivas, é uma droga o resultado geral e tão complicado que a justiça e a policia acabam intervindo fatalmente.

*

POR isso é que achei melhor, mais acertado e mais pratico tirar a prova dos nove, e não a real, do amor da que me traz a vida cheia, cheinha mesmo de noves fóra...

E, pondo em pratica o conselho de um meu amigo, velho e experimentado meneur de femmes — arte mais ou menos identica á do domador de féras — dei começo á operação.

Como? Ora, como! Namorando outra mulher, experimentando o ciume de Melindre, tocando o unico ponto vulneravel da sua vaidade pela "posse" do homem de quem ella julgou ter feito p'ra sempre uma "coisa" sua, de que usava e abusava.

Porque todo homem, quando se mostra apaixonado por uma mulher, é sempre por esta, mais cedo ou mais tarde, reduzido á simples expressão de uma "coisa".

*

E eu, que já tinha "coisado" á bessa nas mãos de Melindre, quiz experimentar-lhe o amor com um golpe de infidelidade, preparando-lhe um flagrante da minha traição.

Denunciado o facto a Melindre, por uma amiguinha commum, sabem o que ella disse? — que não acreditava, que botava a mão no fogo pelo seu Esauzinho...

A linda menina Elza Barbosa Lima Ciuffo, filhinha do casal Barbosa Lima Ciuffo, no dia da sua primeira communhão, na matriz do Engenho Velho, a 8 de setembro ultimo.

Fiquei desconcertado, mas levei avante a idéa. E, um dia, á hora em que sabia encontrar-se Melindrosa em certa confeitaria, lá estourei tambem calma e superiormente, com o meu amor de contrabando ao lado. Sentámo-nos á uma mesa e pedi sorvete, procurando desmanchar-me em attenções com a linda pequena que arranjara.

Melindre lá estava e tudo viu. Fitei-a um instante e acenei-lhe, com a mão o mais semvergonhamente possivel, com uma displicencia á propos. Ella deu de hombros e momentos depois flirtava de modo cynico e revoltante com o bandido de um almofadinha todo dengoso e atrevido, sentado a uma mesa proxima. Fiquei inchando, com uma coisa a me roer por dentro, mas aguentei firme, nada dando a demonstrar da minha decepção.

*

QUAL não foi, porém, a minha surpreza, quando, á noite, ao lêr os jornaes, leio, horrorizado, o seguinte: "Por motivos desconhecidos, tentou suicidar-se, hoje, ingerindo uma mistura de agua de colonia com iodo a senhorita Melindre, etc."

*

NÃO acabei de lêr a noticia fatidica. Tomei um taxi e voei para a casa de Melindre. Encontrei-a já fóra de perigo, mas a chorar, inconsolavel.

— Melindre, minha filhinha louca, que fizeste?

— Esaú, Esauzinho, que te fiz para que me enganasses, me trahisses? — disse-me, enlaçando-me o pescoço com os seus braços fininhos e frios.

— Não te enganei, minha queridinha, quiz apenas experimentar o teu amor, tirar-lhe a prova dos nove...

— E viste o que ias fazendo?

— Sim, querida, perdôa-me com este beijo.

E dei-lhe um daquelles beijos doidos que põem a gente a vêr estrellas em toda parte...

— Perdôo-te, Esauzinho, como tambem te peço que me perdôes. Não procures, porém, nunca mais tirar a tal prova dos nove, que nem sempre dá certo...

— E qual é a que dá certo, Melindre?...

— Nestas coisas, somente uma, Esauzinho — a... real, a do casamento.

Vejam só em que encrenca fui metter-me!

ESAÚ & JACOB

Odette, filhinha do sr. Thomaz Serpa e de d. Alexandrina Serpa, tambem no dia em que fez a primeira communhão.

Enlace da senhorita Dália Adéle de Castro Góes com o sr. Waldemar Costa da Silva Porto realizado ultimamente nesta capital.

ADÃO

(Conclusão)

tadelas. Porque é de sua essencia mesma ser grandioso e violento.

Que me culpes embora, não te amo mais e quero libertar-me. Talvez não seja feliz nunca mais. E' possivel. Mas ou ao menos viver. Vou fugir do castello sombrio em que minh'alma se petrificava. E vou ver si meu coração perde o habito de estremecer a cada instante do medo de uma alfinetada.

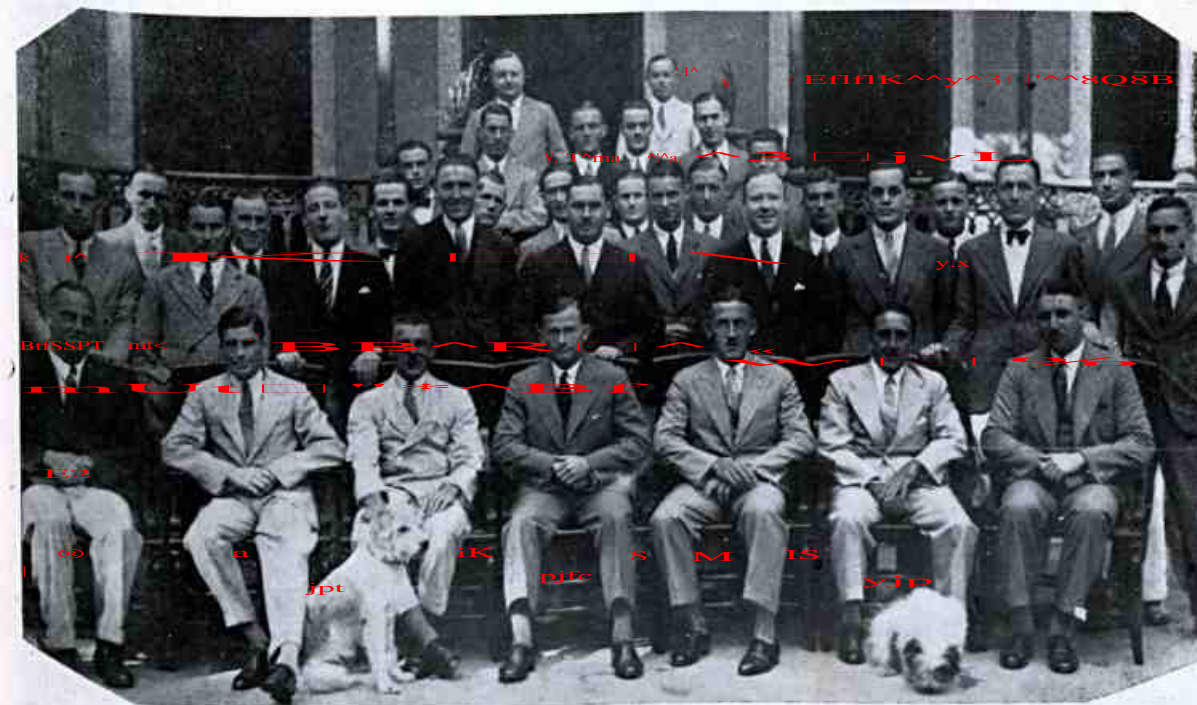
LENA.»

EVA

(Conclusão)

abalançasses — por certo unicamente na ansia amistosa de averiguares minha felicidade — expunhas teu coração á triste certeza do quão differente são alguns homens do teu volúvel esposo, augmentando assim a amargura de teu destino de abnegada. E não tens o direito de te martyrizares mais ainda, pobre amiga!

Certa da alegria que te causei com a bôa noticia de minha felicidade, obra tua, fica-te eternamente grata a

CARMEN.»

Grupo tomado na chacara da The Western Telegraph Cº., em Nictheroy, por occasião da festa que os funccionarios inglezes daquella companhia ali promoveram na manhã de domingo passado.

MOXINIFADA

OS SETE PECCADOS MORTAES

SOBERBA. A soberba paga-se por suas proprias mãos e não consente que lhe fiquem a dever coisa alguma, ainda mesmo nas occasiões em que está desacompanhada da vaidade. — LA ROCHEFOUCAULD.

AVAREZA. A avareza é irmã bastarda da ambição, mas esta envergonha-se do parentesco. — WALTER SCOTT.

LUXURIA. Não compro tão caro um arrependimento... — DEMOSTHENES.

IRA. A ira é como a loucura. Incapaz de conter-se, esquece affectos de familia, arremette fogosa a tudo que emprehende, não attende a razões nem conselhos, sobresalta-se por coisas fantasticas, não póde distinguir verdade e justiça, e parece as ruinas que se despedaçam sobre as coisas que esmagam. — SENECA.

GULA. Contenta-te, ó estomago, com o necessario e não te importes com o demasiado! — SENECA.

INVEJA. A inveja é o peor dos males e aquelle de que mais se compadece a pessôa que o causa. — LA ROCHEFOUCAULD.

PREGUIÇA. A preguiça é a sepultura dos vivos. — SENECA.

Vistos, assim, os sete peccados pelos olhos dos grandes homens, contemplemol-os através das lentes do nosso matuto:

SOBERBA. Quem tem orgulho é bêsta...

AVAREZA. Mortalha nunca teve bolso...

LUXURIA. Em terra onde homem não briga por causa de mulher não se móra...

IRA. A raiva é como a caxaça.

GULA. Triste do bicho que outro engole...

INVEJA. Praga de urubú não mata cavallo...

PREGUIÇA. Cadê tempo?...

DIALOGO FEMININO

— Será certo que beijar um homem sem bigodes é o mesmo que beijar um ovo?...

— Não sei. Nunca beijei um ovo...

DIALOGO MASCULINO

— Por que será que os homens ficam calvos e as mulheres não?

— Você não vê que ellas têm o cabello mais comprido?...

REPRESENTANDO a Faculdade de Direito do Ceará, no concurso de oratoria promovido, nesta capital, pelo Instituto dos Advogados, sahiu-se com muito brilho nesse torneio, em que conquistou o 3º. logar, o talentoso academico Hermes Barroso, tambem nosso digno collega da imprensa de Fortaleza.

MULHERES BARBADAS

Já houve mulheres barbadas! Não como as que hoje, por excepção, têm cabellinhos na venta, no labio ou no queixo; porém mulheres barbadas de verdade e por exigencia da moda.

Foi em Roma, no fim da Republica e começo do Imperio. Ellas barbeavam-se diariamente e usavam cosmeticos especiaes, afim de criarem barbas e bigodeira. Mas os romanos não gostaram dessa moda e combateram-na como puderam. Por fim conseguiram uma lei que prohibisse esse uso. E' Cicero quem nos conta essa historia e não ha razões para descrermos da palavra de Cicero. Ha sim, e bastantes, para affirmarmos que mulher, desde que a moda o exija, é capaz de tudo...

A FAVOR DO FUMO

O maior fumante da Inglaterra foi Isaac Lamb. Além de fumar constantemente charutos e cachimbo, mascava como um desesperado! Passava as noites com uma mécha de fumo de rôlo na bôca. Só a tirava para cachimbar e comer. Segundo elle proprio declarou, começou a praticar o seu vicio aos onze annos de idade.

Sabem com quantos annos morreu?

Com 106 feitos.

E ainda ha quem condemne coisa tão bôa!...

OS SELVAGENS CIVILIZADOS

Um jornal europeu publica esta noticia, que transcrevemos sem commentario: "Annuncia-se o fechamento do Jardim Zoologio Municipal de Budapesth, no qual, em pouco tempo, gente malvada e anonyma fez morrer, um atraz do outro, varios animaes exoticos, dando-lhes a comer objectos estranhos dentro de alimentos gostosos. No estomago de uma das victimas, o hippopotamo Jonas, encontraram-se latas de conservas, pedaços de carvão, pedras, botões de metal e até cartuchos de fusil carregados. E o bicho, que,na sua insaciavel voracidade, engulio tudo isso, morreu entre soffrimentos horrorosos. A um outro quadrupede jogaram um pão, no qual haviam escondido um pacote de alfinetes. O pobre animal teve morte espantosa. Um avestruz morreu com o esophago furado por um prego ponteagudo. Uma macaca foi envenenada. Os guardas dizem que se não passa uma semana sem que morram varios animaes, victimas dos selvagens que gosam em vêl-os soffrer. O municipio que, por motivos economicos, não póde augmentar o numero de guardas, decidio fechar o jardim zoologico."

Selvagens civilizados...

D. JAYME

Paysagem cearense

UMA paizagem typica da terra de Alencar. O melancolico e lindo carnahubal do Cocó, entre Fortaleza e Mecejana. Nos leques gementes das palmeiras nativas, ainda cantam, pela frescura da manhã e na saudade do crepusculo, as graúnas negras e as jandaias de Iracema...

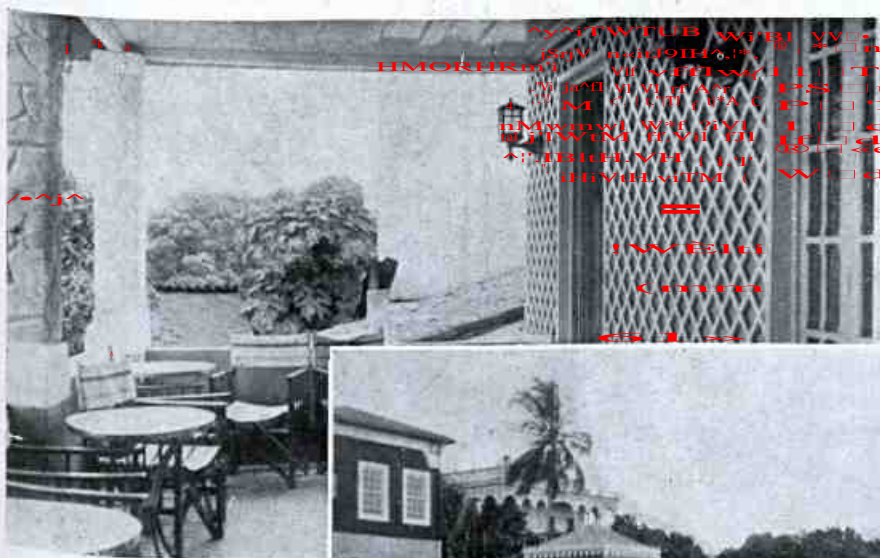
A POESIA

A poesia é uma planta livre; cresce em toda parte sem ter sido semeada. O poeta não é mais do que o botanico paciente que galga montanhas para ir buscal-a.

AZAS

Creio que, si olhassemos sempre para o céo, acabariamos por ter azas. Mas não basta ter azas; é necessario que ellas nos possam alçar.

FLAUBERT.

A 7 de setembro ultimo, foi inaugurada solennemente a séde do Penedo Tennis Club, fundado ha um anno, na cidade que lhe dá o nome, no Estado de Alagôas. E' uma sociedade sportivo-dançante da «elite» penedense, que a deve ao grande industrial sr. José Peixoto, antigo presidente do S. Cruz F. C., campeão alagoano de 1922 e seu principal organizador. As nossas photographias mostram dois aspectos da séde do Penedo Tennis Club: o terraço e o «court» de tennis.

CICATRIZES...

"Cicatrizes"... Velho tango, sempre lindo!... Deitei-me, longo tempo, em completo abandono, ouvindo a mana, que, com a sua dolente suavidade, desferia ao piano a grande dôr sonora e bella que é "Cicatrizes".

Não sei si cicatrizes sangraram de novo na minha alma... Sei que as lagrimas começaram a deslisar cariciosamente pelo meu rosto sereno...

Pensava em ti... Cicatrizes...

NOTAS SOBRE A BAHIA

* * *

ATE' o governo do sr. Góes Calmon, a capital da Bahia teve gravemente compromettidas as suas finanças. Serviços desarticulados. Emprehendimentos sumptuarios. Mais de duzentos mil contos de réis despendidos. E a receita normal do municipio, entre 8 e 9 mil contos, não chegava para o pagamento dos juros de suas enormes dividas.

O resultado foi a pasmaceira, a burocratização, a suspensão de obras, a desorganização dos serviços e a simples esperança no auxilio providencial do acaso.

O governo Góes Calmon correu em soccorro do municipio e o' do sr. Vital Soares completou a sua obra. Despendeu o Estado em auxilio da capital 18 mil contos e desembaraçou-a. Depois, a administração intelligente do prefeito Francisco de Sousa conseguio o augmento auspicioso da receita para 20 mil contos. Retomou a actividade em todos os ramos dos serviços publicos, pagou as dividas em atrazo e conseguio vida desembaraçada.

E' uma obra de benemerencia que deve servir de exemplo aos nossos administradores.

Entre outras coisas, trata-se agora de transformar o largo do Theatro em bella praça moderna, duplicam-se as communicações entre a parte baixa e a parte alta da cidade, alargam-se as ladeiras de accesso, desapropriam-se casarões, rasgam-se "boulevards" e pavimentam-se as ruas que levam as Docas, completando-se as obras do porto com esse esplendido melhoramento.

Desta sorte se reflecte sobre a cidade-mãe do Brasil o governo operoso e honesto do sr. Vital Soares.

* * *

O Estado da Bahia é o quinto na escala da contribuição para as rendas federaes, contando acima de si unicamente S. Paulo, o Districto Federal, o Rio Grande do Sul e Pernambuco. A nação arrecada ali 62 mil contos, emquanto que recebe de Minas 61 mil. Despende o governo federal na Bahia 28 mil contos e em Minas 51.

* * *

Estatua do grande Chanceller Rio Branco na capital da Bahia.

A rua de S. Bento, uma das mais interessantes da capital bahiana.

O forte de Monte Serrate, edificio colonial recentemente restaurado.

todos os prelios de nossa historia, tem direitos pela sua historia, pela sua tradição e pelo seu trabalho e riqueza ás mais altas posições do regimen. Coube a vice-presidencia na chapa conservadora ao seu eminente chefe do executivo e isso é a prova provada da sua incontrastavel valia e do prestigio politico que gosa o sr. Vital Soares.

Está assim a Bahia no logar que lhe compete *par droit de naissance et de conquête*. E nem de outra maneira poderia ser achando-se á sua testa um homem publico da envergadura, da intelligencia e do valor do sr. Vital Soares.

Um dos lindos parques da capital da Bahia com o monumento commemorativo da Independencia.

nal. Vê-se bem, portanto, que importancia tem a antiga provincia no concerto nacional.

. . .

Na carta que escreveu a proposito da successão presidencial ao illustre deputado Simões Lopes, documento de rara lealdade e de altiva integridade de caracter, o governador Vital Soares frisou que ao seu glorioso Estado não podia caber papel de bagageiro no scenario politico. Com effeito, a Bahia, cujos talentosos estadistas dominaram o segundo reinado, cujo sangue foi generosamente vertido em

O carro do Governador do Estado da Bahia dirigindo-se á rua Chile e ao palacio do Governo.

O "FOOT-BALL" DA VIDA...

PAULO DE MEDEYROS

NA minha rua anda todo o dia uma farandula de garotos.

Da janella do meu quarto vejo-a sempre brincar, cheio de tristezas porque não posso fazer o que ella faz, gritando, alegre, atraz de uma bola pequena, que joga o dia inteiro.

De vez em quando um grita um ponto que fez. "Goal!" E fico horas inteiras, olhando a garotada a gozar os esplendores da edade livre, em que o mundo é um brinquedo...

* * *

Mas a tristeza passa logo... A tristeza é um estado dalma... E fico a comprehender que a vida inteira somos garotos, em outras ruas, em outros bairros, com outros brinquedos, outros enthusiasmos, jogando a bola do destino.

E' maior. Mais pesada. Em vez de ter um recheio de papel, num pé de meia velha, tem, dentro de si, um mundo de cousas — os nossos anseios, as nossas esperanças, os nossos desejos de obter um ponto, no quadrado da felicidade.

Um eterno *foot-ball*, contra todas as equipes que nos desafiam, e raras vezes a gente deixa o gramado, o campo da competição, carregado pelos applausos de uma victoria.

Glorifica-nos, ás vezes, o silencio...

PAULO DE MEDEYROS, nosso collega da imprensa paulista e autor da presente chronica.

Ora, o mundo é uma bola — como a terra, o sol, tudo redondo, e tudo a rolar...

A maçã, a fruta com que se iniciou o drama do homem, é quasi redonda... e com ella pae Adão jogou o grande *match* do seu destino, com aquelle que aprendemos a chamar Deus.

Os olhos das mulheres são redondos, duas espheras cheias de tudo, e com elles a gente joga, sempre, partidas e mais partidas, de "ganha-perde"...

As lagrimas que delles brotam são redondas tambem... e atiradas para a enseada das orbitas marcam pontos e pontos de alegrias, de tristezas, de mentiras...

Ah! mas deixemos tu-do isso, esse "match" que começa com um sof-riso redondo, infantil, — a bola côr de rosa, re-cheiada, e termina com outro riso de creança, tô-lo, — a bola vazia e chei-a de pregas...

* * *

Minha rua é alegre, e vendo a garotada brinca-r eu a comprehendo e sin-to-a adestrando-se para os grandes torneios, os embates de amanhã, no campeonato da vida, disputando uma taça cheia de illusões.

Olha a bola — vae de um lado para outro. E na-da de "goal"...

Mas, de repente, um alarido. Um enthusiasmo! Todos gritam de alegria, isto é, de um lado, de um partido: Manequinho fez um...

E fico com pena delle. Não sei por que... co-meço a pensar que, mais tarde, elle ha de sentir crepusculos na sua cora-gem, a "shootar", "shootar", e a bola a ba-ter nas traves... e a vol-tar... Sim, porque essas traves, estou vendo, são as injustiças dos homens, a manopla que esmaga todas as aspirações...

Manequinho não pen-sa nisto. Não vê nada dis-so — e grita: — "Sou cam-peão!"

O PARANÁ E SUA EXPANSÃO ECONOMICA

O dr. Affonso de Camargo, presidente do Estado do Paraná, vem realizando uma administração deveras notavel pela multiplicidade e simultaneidade das realizações.

Nenhum aspecto da vida economica e cultural do grande Estado sulino escapa á actuação efficiente, vigilante e incansavel do illustre estadista, cujo programma de governo — todo elle votado ao bem de sua terra — vem sendo cumprido com admiravel pertinacia e invulgar segurança.

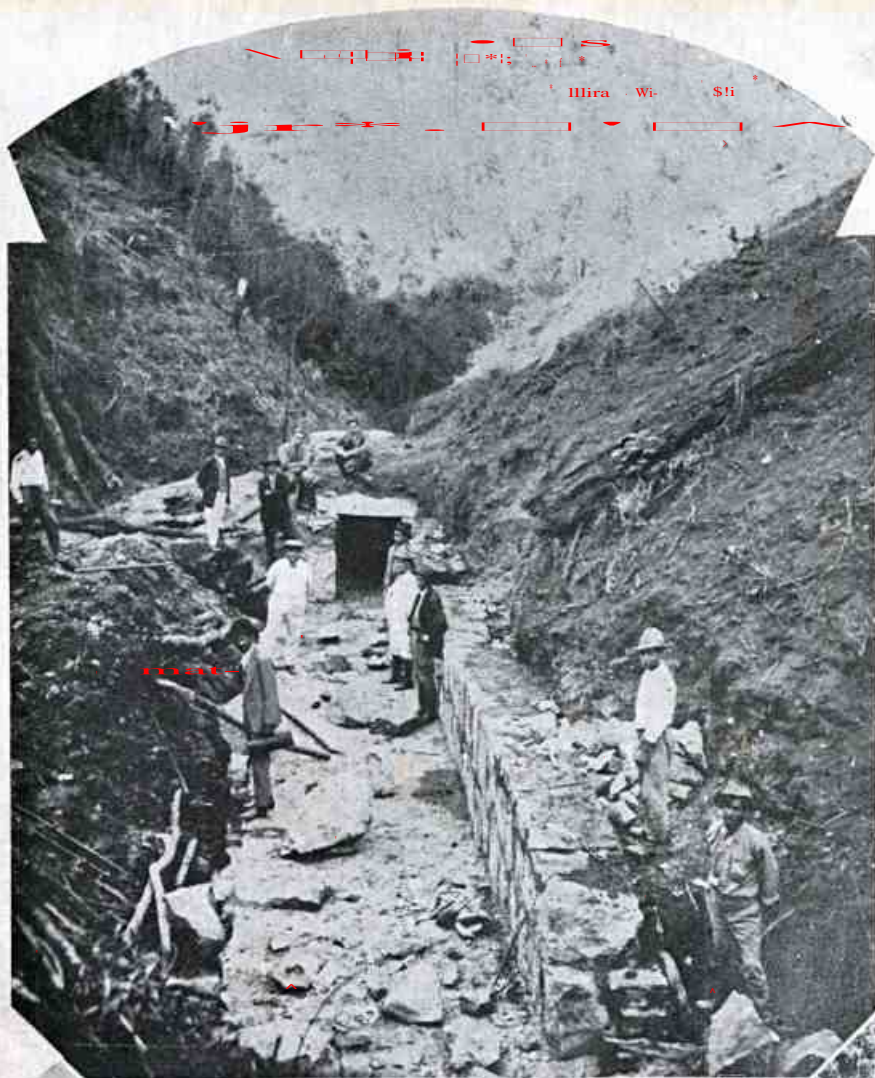
O problema dos transportes, como parte integrante da sua politica economica, tem merecido de s. ex. um interesse especial, que se revela, dia a dia, seja no projecto, estudo e construcção de novas estradas, seja na melhoria das já existentes.

Graças a essa patriotica actividade, o Paraná de hoje offerece esplendidas perspectivas ás actividades economicas, especialmente na esphera da lavoura, que alli se desenvolve com raro esplendor e formosa prosperidade.

E ainda ha outros serviços importantes attestando a capacidade realizadora do eminente estadista que preside aos destinos do Paraná. A reforma do ensino é um delles. Outros são: a dragagem do Iguassú, a defesa sanitaria, a remodelação do serviço hydro-electrico de fornecimento de força e luz á capital. Só citamos os que nos parecem mais notaveis. Porque o dr. Affonso Camargo tem sido um grande propulsor do progresso de sua terra feliz.

As madeiras, que constituem uma das fontes de riqueza do Paraná, mereceram igualmente a attenção de s. ex., que creou o serviço de defesa das mesmas, installando estações, postos zootechnicos, campos demonstrativos para selecção e

S. ex. o dr. Affonso Alves de Camargo, presidente do Estado do Paraná.

Um lago junto á cascata que fica á margem da Estrada de Rodagem Paraná-São Paulo.

distribuição de machinas, sementes e mudas, e para desenvolver a pecuaria. Tambem intensificou o plantio de café, trigo e outros cereaes, proprios das zonas de cultura proximos dos centros de consumo do Estado.

A situação economica do Paraná é a mais lisongeira possivel. O Estado produz para as despesas e ainda para resgatar os seus compromissos de ordem financeira.

A' frente dos negocios da Fazenda paranaense está o dr. Lysimaco Costa, que é gestor dos dinheiros do Estado, e possúe a honestidade que todos lhe reconhecem. S. ex. é um dos auxiliares mais dedicados do presidente Affonso Camargo.

A rodovia Paraná-São Paulo, a cargo da importante Empreza Constructora Paraná Limitada, vem attender a interesses economicos de grande relevo na vida dos dous

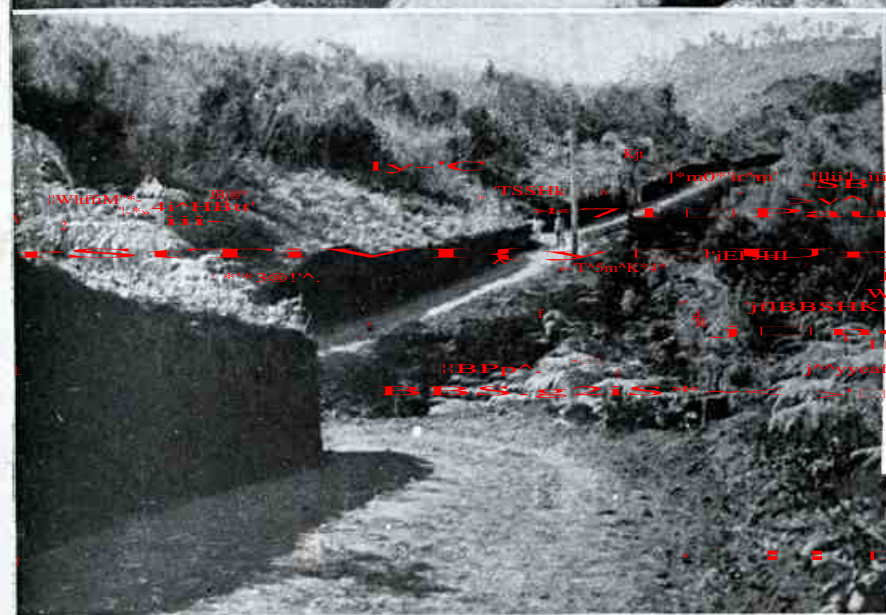
Aspectos das obras da Estrada de Rodagem que liga o Estado do Paraná ao Estado de São Paulo. Um boeiro em construcção, em cima, e uma turma de trabalhadores em serviço, em baixo.

Estados do Sul a que, technicamente, serve.

Percorrendo regiões de incomparavel fertilidade, ella attende a velhas aspirações da vida rural do sul, onde se concentram, em larga escala, a riqueza, o bem estar e a prosperidade em nosso paiz.

Executada com absoluta proficiencia, essa nova rodovia, que vem enriquecer a já consideravel rêde de bôas estradas de São Paulo e do Paraná, é um modelo de traçado e de execução. No trecho de Campinho a Capella da Ribeira, ella é custeada pelo Estado do Paraná.

A grande empreza que a constróe neste momento tem como director gerente o dr. Mario Castilhos do Espirito Santo, como director secretario o dr. Jayme Soares de Souza Castro e como director commercial o senhor Amadeu Macedo.

Dois trechos da rodovia Paraná - São Paulo. O de cima, em Salto das Torneiras, tem a metade do leito prompto. O de baixo, em um córte de 8 metros de altura, está com toda a largura do leito já prompta.

OUTROS aspectos das obras da Estrada de Rodagem Paraná-São Paulo.

Um córte em pedra em encosta, no Salto das Torneiras.

Trecho semi-concluido no eixo da Estrada definitiva, entre Salto da Torneiras e Poço Grande.

Uma vista de Poço Grande.

SENHORITA FUTILIDAD

MINHA querida Mary: — Escrevo-lhe para que me auxilie a decidir um dos actos mais importantes da minha vida: o meu casamento. Parece um sonho, minha amiga, que dentro de um mês eu eu serei a esposa do Antonio. Oh, Mary, eu tenho tanto medo do Antonio, do seu genio, da sua attitude reservada e altiva, com uma preoccupação de ser em tudo — nos gestos, nas palavras, nas acções — um irreprehensivel! Serei feliz?! Será possivel ser-se feliz com um homem, cujas idéas discordam completamente das nossas, cujo temperamento e cujos gostos são tão diferentes?!

O Antonio, educado nos principios rigidos, severos, pois descende de uma familia antiga, aristocratica, o que a titia não se cansa de dizer a todo o instante (esquecendo-se de acrescentar que antiga, mas arruinada, e que eu, apesar de burguesa, lhes levo, como dote, umas centenas de contos de réis!), é contrario a todos os habitos modernos. E' o maior inimigo da moda actual: não supporta os cabellos «a la garçonne»; tem horror aos vestidos curtos, decotados ou apertados; não pode ouvir o jazz-band; não vae aos chás-dançantes e aos casinos; não bebe «coktail»; não dança; não joga... Em summa: uma creatura detestável, que qualifica de ridiculas todas as minhas acções, porque levo a passear commigo a Poupée, minha cadelinha cinzenta, e porque, ás vezes, o beijo em publico; que me faz uma scena medonha, porque me encontra fumando no «hall» de um casino; e que briga, se zanga, fica furioso, porque danço tres vezes em seguida com o Luis! Um noivo que é todo ciúme, todo seriedade, todo conveniencia, e que não parece ter vinte e poucos annos — é mais um preceptor do que um noivo! E que creio que gostou de mim (si é que gostou!) justamente porque uso vestidos decotados, curtos e apertados; porque uso o cabello «a la garçonne»; porque faço festas á Poupée; porque fumo; porque danço; porque adoro o jazz-band como um idolo; pois se foi assim que elle me conheceu...

O que não posso comprehender, minha querida Mary, é que eu, que brigo com o papae, que lhe contrario as vontades, que respondo á titia, ouço-o calada, timida, fragil, sem dizer uma unica palavra, como um condemnado ouvindo a sua justa sentença; que o deixo chamar-me Mlle. Futilidade, Mlle. Jazz-Band e outros saforos horriveis! E quando, passado tudo, no sile deste meu quarto, me recordo da scena que elle me sinto o desejo de esbofeteal-o, de dizer-lhe tam muitas coisas abominaveis, e, então, doida, rólo e ch de raiva.

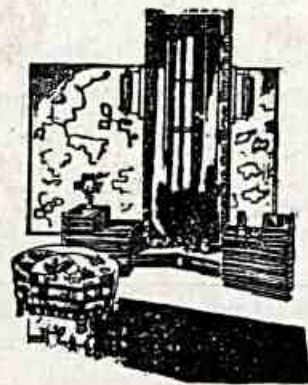
Sabe o que elle me disse hontem, Mary? Que levar-me á Europa na nossa viagem de nupcias, e di que ha de ser um encanto vermos os museus, as ar as antiguidades, e visitarmos os logares historicos. Mary, que horror! Tive desejos de chorar. Imag você, ouvir narrações de factos historicos, cheirando mofo (como si não bastassem aquellas odiosas aulas historia, lá do Collegio — lembra-se?), que são tão ab recidas, e muito menos interessantes que o ultimo esc dalo social. Por que não esquecer o passado? Eu, você sabe, já tive occasião de dizer-lhe tantas vezes, desejo visitar as estações balnearias: Monte Carlo, Riviera, e nas grandes capitaes, como em Paris, visitar os «maganizes», e ir aos hotéis, aos chás-d çantes, ao Bois, ás reuniões «chics», aos theatros. é impossivel, Mary, eu o odeio! Elle não é o noivo eu devia aceitar. O Antonio diz que eu hei de mu Então, hei de ser a sua escrava? obedecêl-o? Si sonhei justamente o contrario: ser uma rainha, e, tal, mandar na minha casa e no meu marido?

Mary, você acha mesmo que mudarei? Que poderem ser felizes? Diga-me, resdonda-me, você que é tão s sata, tão perspicaz, e que me conhece melhor do eu mesma. Sabe? O Antonio seria um optimo mar para você.

Confio, nas suas mãos pallidas e finas, mais pall e mais finas que as de uma fidalga, a minha felicid

Envia-lhe muitos carinhos a sua pobre amiga — LU

P. S. — Esquecia-me de contar-lhe que o meu v tido de crepe setim, azul claro, chegou, na semana p sada, de Paris. Ultima creação de Jean Patou. Vest pela primeira vez, ante-hontem, no baile do Club X. um successo! Soube-o pelos olhares e murmurações mulheres. O Antonio achou-o detestável!»

Cyrino Va

O Môlho de

LEA & PERRINS'

PARA TODAS
AS MEZAS E
PARA TODOS
OS PRATOS

P.3

Escreve sem esforço

A macia penna de Parker, de jóia na ponta, escreve sem pressão.

TOQUE o papel com uma Parker Duofold e ella deslisará de módo suave e uniforme, com a sua penna de ponta de iridium supprindo a tinta com toda a regularidade.

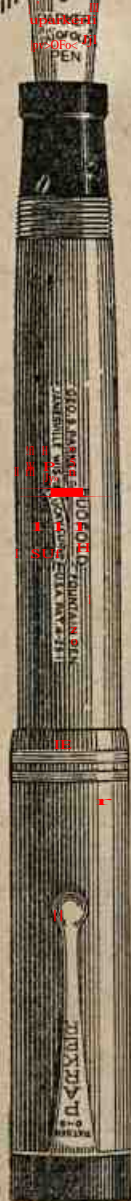
Escreve sem pressão, pois o peso atomico da propria caneta, —28% mais leve do que a de borracha,—basta para iniciar e manter uniforme o correr da tinta, sem exigir a menor pressão dos dedos. Nao carece de esforço algum, por isso, não fatiga.

Eis a efficacia moderna para a calligraphia, offerecida em estylo moderno na variedade de cinco seductoras côres—Vermelho de laca com as extremidades negras, Amarello da China, Azul Lapis-Lazuli, Verde escuro e a brilhante combinação de negro luzidio com Ouro.

Procure, porém, a inscripção, "Geo. S. Parker—DUOFOLD". É esta a *unica* marca de caneta legitima.

Duofold Tamanho Grande Rs. 70$000;
Duofold Jr. Rs. 50$000;
Lady Duofold Rs. 50$000

Lapiseiras Parker Duofold para fazer jogo com as canetas.

Unico distribuidor no Brasil: A. Cardoso Filho
Rua Buenos Aires, 141, Rio de Janeiro

Parker Duofold

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

UM CALICE DE LICOR

DA F. B. O.

Cinema PATHE' — Houve tempo em que estes films policiaes, com os roubos mysteriosos por ladrões elegantes chegavam a apaixonar o publico. Mas esse tempo passou com a época dos films em série que só cerebros atrazados tentariam renovar nos "écrans" cariocas. Não é que a pellicula seja de todo em todo recusavel. Ha situações interessantes, logica sequencia, um trabalho technico, bastante louvavel. O que descamba é o assumpto, que ultrapassa as linhas do bom senso. George O'Hara é um artista demasiadamente norte-americano. Isto dá-lhe uma forma artistica sem relevo, mas o seu trabalho não póde deixar de merecer um justo elogio dentro das possibilidades do film.

Cotação = SOFFRIVEL

RUA ALEGRE

DA FOX

Cinema PATHE'-PALACE — A Fox arranjou um scenarista maluco e agregou-lhe um grupo de rapazes e raparigas não menos malucas e fez um film. E' curioso que no momento em que estamos registando estas impressões se exhibam nas télas, do Quarteirão nada menos de tres films do mesmo ambiente social: "O novo campeão", "Rua Alegre" e "Fogo nas veias", respectivamente da Metro, da Fox e da First. Dos outros já ahi está o nosso modesto parecer. O primeiro dos tres é o da Metro; o segundo o da Fox, o terceiro é o da First, se bem que este fica muito longe dos outros dois. "Rua Alegre", ou melhor dito "gente alegre", é um film com vivacidade, que serviria, se os homens de films se dessem ao estudo de cousas sociaes para se considerar a educação americana muito inferior á educação europêa. Felizmente aquillo não é mocidade americana, mas uma parte apenas da mocidade americana. A musica é interessante e original, sendo bem curiosa a dança que acompanha a musica "Rua Alegre". O film tem o maior interesse, a par da sua realização technica, em ser um bocadinho... realista.

Cotação = BOM

FOGO NAS VEIAS

DA FIRST NATIONAL

Cinema GLORIA — N'um dos primeiros letreiros d'este film diz-se que a acção se passa no estado de Coma. N'um "estado de côma" se viram os espectadores desta charopadazinha, em que apenas ha a destacar um trabalho perfeito na interpretação, por parte de Louise Fasenda. Estes films, d'uma futilidade além dos limites, com umas creanças sem nome artistico (exceptue-se Alice White) a crear almas ainda mais futeis, com uns ambientes que o publico carioca não comprehende, não aceita, por demasiado desregrados, deviam merecer um pouco mais de cuidado da censura. Esta pellicula da First não tem ponta por onde se lhe pegue, nem mesmo quanto ao gramophone. Felizmente, a C. B. A. colle-

Esmalte Seccante Rapido "Sapolin"

O predicado mais apreciavel deste producto é a rapidez com que sécca e endurece dentro de quatro horas. Pense-se na grande vantagem que isto representa tanto para o pintor amador como para o profissional.

Eis finalmente um esmalte que sécca rapidamente e que pode ser applicado, dando bom resultado, por qualquer pessoa, sobre qualquer superficie, com a firme certeza de que o trabalho acabado será satisfactorio.

Feito em lindas côres e em preto e branco, é fornecido prompto a ser usado, sécca deixando um acabamento lustroso, pode ser diluido com agua-raz e tem cheiro agradavel.

É proprio para todos os artigos dentro e ao redor da casa, seccando rapidamente.

ESMALTES — TINTAS — DOIRADOS — VERNIZES — POLIMENTOS
CERAS — LACCAS — PINTURAS

Recuse imitações

SAPOLIN CO. INC., New York, E. U. A.

3066

Chi Namel

ESMALTES, TINTAS, LACAS E VERNIZES

ESMALTE DE COLOR
MARFIL 39

Com CHI-NAMEL é facil renovar tudo em casa

O Esmalte «CHI-NAMEL» de côr, é melhor para renovar e embellezar, economicamente, todo movel que tenha perdido sua linda côr original.

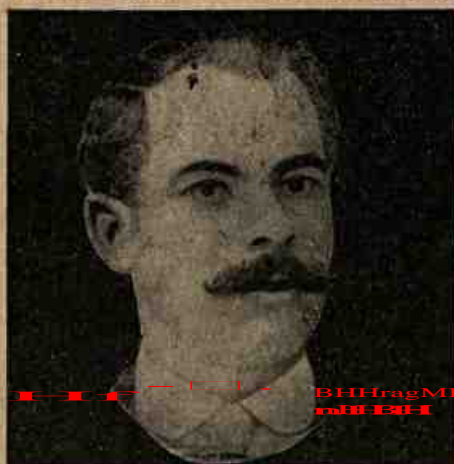
Sua applicação, é um passatempo agradavel. Os resultados são sempre magnificos.

O «CHI-NAMEL» é o esmalte mais economico, pelo seu grande rendimento. E' muito duravel e resistente.

Ao necessitar um esmalte, peça pelo seu nome, esmalte «CHI-NAMEL»; é o melhor e mais barato em seu uso.

A' venda em todas as lojas de ferragens e de tintas, casas de automoveis, etc.

Fabricado pela The Ohio Varnish Co., Cleveland, O. — E. U. A.

CHEGUEI A FICAR CÉGO

... «apparecendo-me Venereos, Ulceras, Hemorrhoides, Paralysia, Palpitações, acompanhados os soffrimentos recebidos, de uma Dor de cabeça durante 90 dias. Fastio horrivel. Fraqueza extrema. Potencia nenhuma.

Usei mercurio, 298 injecções e uma de 606, sem resultados satisfactorios.

Cheguei a ficar cego!

Com o

"Elixir de Noguira"

do Pharm. Chim. João da Silva Silveira, estou completamente curado. Pesava 53 kilos e hoje 75!

Bemdicto sejas ó extraordinario benemerito da humanidade, João da Silva Silveira.

Rio Grande do Sul — Bagé.

Pompilho Ortiz.

Attestado (resumo) confirmado por um medico.

NOS CINEMAS DA AVENIDA (Continuação)

cou no programma dois numeros de arte, compensando o publico da semsaboria. O film poderá agradar aos meninos de calças de pata de elephante, porque ninguem com uma gramma de massa cinzenta no cerebro o acceita. Salve-se o trabalho de Louise Fasenda, e a technica para merecer a

Cotação — SOFFRIVEL

O CRIME DO SILENCIO

DA UFA

Cinema RIALTO — Film cultural, é, em geral, como os "studios" germanicos costumam classificar esta especie de trabalhos. Como taes, o seu valor artistico é muito secundario. Não quer isto dizer que a sequencia da acção (excellencia do valor directivo), a parte technica e a interpretação sejam inferiores. Muito pelo contrario, este genero de film exige um detalhe mais rigoroso. Como obra de arte, no emtanto, é que as faculdades lhe falham. O melhor elogio que se póde fazer a esta pellicula é de que os elementos scientificos do Rio o deviam escolher como um modelo para uma efficiente campanha anti-syphilitica, de preferencia a essas nauseantes pelliculas que o Phenix explora... sob as vistas grossas da censura amiga. Como aqui temos a considerar, o cinema apenas como uma manifestação de arte, lhe concedemos a

Cotação — SOFFRIVEL

FACES ROSADAS

Para que sua face pareça naturalmente corada, não use nunca "rouge", carmin, nem outras pinturas, senão exclusivamente carminol em pó, que se póde obter em qualquer pharmacia ou perfumaria. O carminol não tem effeito nocivo algum sobre a cutis; dá á face um tom rosado tal que ninguem póde perceber que não é natural. As mulheres de face descolorida, notarão a enorme e benefica differença que produz em seu rosto um pouco de carminol. Tanto em pleno sol, como sob luz artificial, o rosado que produz o carminol é de effeitos encantadores.

O NOVO CAMPEÃO

DA METRO

Um film alegre, com um scenario muito agr[adavel] aos amadores de "sport", com a acção d[e]correr nos meios universitarios norte-americ[a]nos, com certa elegancia e bom gosto. As du[as] circumstancias mais apreciaveis n'esta pellic[ula] são os seus trabalhos technicos, com maravilh[as] de focagem, verdadeiramente impressionant[es] como no grande jogo de box. A outra circum[s]tancia valiosa consiste na synchronização dos di[a]logos, ruidos e cantos, que é dos trabalhos ma[is] perfeitos e mais originaes que tem vindo ao Rio. Da interpretação, Haynes e Joan Crawford n[ão] tiveram de empregar grande esforço para rea[li]zarem um trabalho agradavel. Tudo aquillo é muito simples e muito natural. O *Novo Campeão* é um film que vale as duas horas que se gasta a aprecial-o.

Cotação BOM

ra reflectir. Ha divorcio no ar... Ora! Ella se sahirá bem. Colette casará novamente. E' bem feito. E adivinhem com quem casará ella? Com Roberto? Com Bernardo? Não sabem? Casará com o seu marido. Irei ver a cerimonia. Será uma coisa comica! E com tudo isso, Carlos não chega.

Mas, menina, tu combinaste mal. A que hora é que elle te devia tomar? A's cinco?

E' cinco e vinte. Espero que tu lhe farás sentir... Seria engraçado si Rolando tambem não chegasse á hora certa... Si querem vêr, tomarei uma outra chavena de chá, uns doces, um grande *baba*...

— Bem, madame.

* * *

Um silencio de extase cahiu no salão. Depois, ao fim de um momento, o monologo recomeçou mais animado. Voltei as costas ao grupo, mas não perdia uma só palavra. A voz da joven era de uma nitidez admiravel. Que seja louvado o seu professor de dicção.

Sob um chapéo de glycinias...

(*Conclusão*)

— ... Quanto á minha irmã casada, ella espera o seu terceiro bebé. Será uma filha; ella não sabe fazer senão isso. Quando tiver uma duzia, estará arranjada. Precisará de doze dotes, doze maridos, doze...

— Oh, querida!

— Que tem isso?

— Nada! E' o Carlos. Oh, elle está com uma cara. Bôa noite, principe da Exactidão, marquez da Precisão, barão Pontual.

— Madame...

Aquelle que se chamava Carlos deixou cahir o seu monoculo, curvou-se em dois, beijou a ponta dos dedos da senhora corôada de alfinetes, e depois se sentou.

— Como vae a aviação, caro amigo? disse a moça palradora.

— Ah, você, já soube?

— Como já? Você é polido. Não encontrou o meu marido? Elle está furioso.

— Sim, porque? Por causa do seu chapéo?

— Ahi está! Você não é nada... lo. Sempre dá para alguma coi... E como acha o meu chapéo?

— Lindo.

— Então, venha ajudar-me a pôl-o, no automovel. Estou m... atrasada. Esperam-me para o ... de Mathilde.

Adeus, meninas. Eu lhes m... darei o Carlos, depois...

* * *

Quando a pequena dama pass... deante, de mim, notei, novam... sob o seu vasto chapéo, o seu li... rosto, a sua formosa bocca, o ... queixo redondo. Os seus gra... olhos côr de malva luziam ... dantes, — cheios de uma en... tadora ingenuidade.

Não me enterneci mais co... sua sorte. A linda "santa" se t... sformara em "demonio", e cujo caminho não era bom ... gente encontrar-se muitas vez...

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

Telephone Norte 4424

AVENIDA PASSOS, 120 - RIO

32$ Fina pellica envernizada, preta, com fivela de metal. Salto Luiz XV, cubano, médio.

42$ Em fina camurça preta.

Pellica envernizada preta, com talão cinza ou beije, salto baixo:

Os ns. 28 a 32........	25$000
Os ns. 33 a 40........	28$000

Todo preto, menos 2$000.
Porte, 2$500 em par.

32$ Fina pellica envernizada, todo preto, ou combinação de naco Rosa ou Cinza, Luiz XV, cubano médio.
Porte, 2$500 em par.

Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typo meia pulseira, com florão na gaspea:

Os ns. 17 a 26........	8$000
Os ns. 27 a 32........	10$000
Os ns. 33 a 40........	12$000

Em naco beije, mais 2$000.
Porte, 1$500 em par.

Catalogos gratis, pedidos a
JULIO DE SOUZA

Elegante
Pratica
Economica

Camisa não sunga

TYPO SPORT

UMA SO' PEÇA - EXCLUSIVO DA

CASA VIEIRA NUNES

Patente: 18.524 — AV. RIO BRANCO, 142

Preços: brancas, 20$, 25$ e 30$ — Côres, 22$, 28$ e 35$000.

Em S. Paulo: CASA D'OESTE — Rua de São Bento, 78-C.

SELECTA
A RAINHA DA ARTE MUDA

ESPIRITO ALHEIO

— E tu acreditas na felicidade? Parece mentira que tenhas illusões aos doze annos!

— Unicamente a autópsia poderia dizer que enfermidade tem seu marido.
— Então, por que não lhe faz a autópsia, doutor?

— Que poderei offerecer a minha noiva no dia de seu anniversario, si além de não ter um real, estou com contas de oito credores?
— Ora... Offerece-lhe um collar de... contas...

— Esse homem é um herõe. Dizem que em um naufragio salvou uma vida.
— Sim, a propria...

A GRANDE SURPRESA

A avó. — Teu pae não sabia que eu chegava hoje?
O neto. — Não, vovó. Mamãe não se animou a dizer-lho.

AS INNUNDAÇÕES NO RIO

A esposa. — Parece-me que vem um ladrão nadando pela escada. Veste depressa o traje de banho e defende-me!

Ouviu vozes na sala de jantar. Seus nervos crisparam-se: procurou distrahir-se com um livro qualquer. Tomou um volume ao acaso, e lançou um olhar ao titulo: "O direito de matar".

Um pensamento atravessou-lhe rapido o cerebro.

Teria o direito de matar?

Dera á esposa o carinho ou a palavra de amor a que a mulher tem direito?

Raras vezes a avistava, occupado até altas horas da noite na sua faina doentia de ganhar dinheiro.

Negocios, só negocios, sempre negocios...

E' criminosa a mulher que procura companhia, cansada emfim da solidão a que um homem egoista a condemnára?

Poderia Elza descobrir o amor de Sergio quando elle mesmo só agora o descobrira ainda ardente como havia muitos annos atraz?

Levantou-se, hesitando ainda.

Pensou no filho, que internára no collegio para poder trabalhar melhor em casa.

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

Decidiu-se pelo perdão. Via claro o seu erro e dispunha-se a reparal-o. Começariam vida nova.

Estacou, porém, ao pensar no "outro". Ser-lhe-ia impossivel conter-se ao encontral-o em sua propria casa.

Ouviu, então, um arrastar de cadeiras.

Encostou-se á porta, horrorizado. Nada mais poderia deter a marcha implacavel da sua vingança injusta e cruel.

E uma sêde irresistivel de vêr, pedir perdão a Elza, apoderou-se de todo o seu ser.

Abriu bruscamente a porta... parou atonito.

Elza, em pé, reprehendia o filho que estouvadamente quebrára a jarra de crystal.

Sergio Percival sentiu um rapido deslumbramento. O "outro" era Carlos? Seu filho?

E comprehendeu o gesto da mãe que, abandonada pelo esposo, havia procurado no amor do filho a ternura que seu coração exigia naquelle anniversario feliz.

Correu então para Elza, encantada pela presença do marido, e abraçou-a com amor, com muito amor, emquanto o filho, puxando-o pelo paletó, reclamava a sua parte, o carinho que sempre desejára.

E, desastradamente, ao voltar-se para abraçar o filho, Sergio Percival entornou a agua que enchia o copo collocado deante de Elza...

BAILE DE MASCARAS

De Armengol P. Fo

ENCONTRARAM-SE sem saber como, um em frente ao outro, arrastados pelo vae e vem buliçoso dos mil pares que dançavam na grande sala do theatro. Tropeçou um no outro.

Estava ella fantasiada de odalisca, o rosto occulto por um *loup* verde; elle se occultava sob um traje de cavalleiro antigo, muito elegante, aliás.

Pararam em um extremo da sala, rodeados de marcaras por toda parte. Encontraram-se como dois naufragos, que o vae e vem das ondas reuniu-se na mesma taboa de salvação.

Fitaram-se com estranheza e curiosidade, desconhecendo-se através do artificio. E ambos riram alegremente do imprevisto daquelle encontro.

— Quem és? — perguntou ella.

— Vaes vêr... Um cavalleiro antigo, — respondeu elle, para não responder nada.

— E tu? — perguntou por sua vez.

— Vaes vêr... Uma odalisca — respondeu ella, que tambem parecia pouco disposta a satisfazer a justa curiosidade do cavalleiro.

Elle insistiu:

— Como te chamas?

— O que menos interessa em uma mulher é o seu nome... Por que deseja saber o meu? Não te basta, por acaso, saber que sou mulher?

— Acaso — respondeu elle, num comico gesto de tristeza e que fez rir á odalisca.

Misturado com as pilherias dos que bailavam, chegava até elles o rumor do "jazz-band".

Elle perguntou então:

— Danças?

— Ainda não aprendi. E tu?

— Já me esqueci de como se dança.

— Velho? E' velho?

— Que te importa? O que menos interessa em um homem é a sua idade. Deixa a minha em paz... como o teu nome...

Ella voltou a rir de bôa vontade, e ajuntou:

— Pois si não danças, que vieste fazer aqui?

— O que vieste fazer. Acaso tambem danças?

— Ninguem vae aos bailes para dançar — commentou ella.

— Trocemos, então — propoz o cavalleiro.

— Como queiras.

— Vem até cá...

— Por que não?

Deram-se os braços como dois bons amantes e lá se foram. Uma vez no *buffet*, elle perguntou:

— Queres champagne?

— Por que não?

Era a segunda vez que a Odalisca respondia desta fórma. Por que não?

Acaso havia alguma coisa que não se devesse fazer num baile de carnaval? O cavalleiro mirou-a então com interesse. Na sala onde dançavam os mascarados, não pudera reparar na mulher com attenção.

Em troca, naquelle ambiente socegado, onde estavam, se contemplavam amplamente.

Notou que ella tinha uns hombros morbidos e branquissimos e uma bocca fresca e adoravel.

Beberam alegremente, emquanto pilheriavam e riam como dois rapazes que tivessem fugido uma noite de casa e celebrassem a sua aventura.

— Sabes que és sympathico? — disse a odalisca.

— E tu, és formosa — affirmou o cavalleiro e ajuntou em seguida:

— Tira a mascara.

— Não quero... Tira a tua.

— Não posso.

— Por que?

— Pela mesma razão que apresentas.

Afinal ambos insistiram no mesmo proposito. Bebi-ram mais champagne. Ambos estavam um pouco su-focados. Elle desabotoou alguns botões da casaca d cavalleiro antigo, e ella tambem desabotoou algu laços do seu bello traje de odalisca.

— Tira a mascara? — tornou elle a pedir.

— Acaso te parece tão indifferente o meu cor que só te interesses pelo meu rosto?

Essas audaciosas palavras incendiaram ainda ma o animo do cavalleiro. Inclinando-se para ella, qua bafejando-a com o seu halito de champagne, pergu

— Por que não queres tirar a mascara? Que receia tou:

— Que sejas algum amigo do meu marido — respo deu ella deliciosamente séria.

— Ao contrario! — commentou elle, sorrindo. — Is asseguraria a minha discreção.

Os melhores amigos são sempre os melhores ama tes de nossas mulheres.

— E tu, por que não tiras a mascara?

— Pela mesma razão: temo que conheças a min mulher.

— E assim que és tu?

— Sim. Sou como tu és...

Ambos festejaram, ruidosamente, a grande situ ção. Beberam mais champagne. Elle terminou p desabotoar todos os botões da sua fantasia. Ella ta bem já estava se sentindo mal com aquelle traje d odalisca.

— Meu marido partiu, urgentemente, esta noite, pa Buenos Aires. Creio que foi a negocios... Enco trei-me só e livre e aproveitei. E' tão ciumento q não me deixa ir a parte alguma sem elle. E, depo o mesmo homem, sempre cansa. E' preciso variar.

A odalisca havia bebido demais.

— Não falemos de minha mulher. Ella me qu como Desdemona a Othelo, e o meu zelo é como o d Othelo por Desdemona. Imagine o que será da min vida... Por sorte, a sua mãe adoeceu hontem, e teve q ir tratar della... Por isso, vim até aqui. Faz um an que lhe sou absolutamente fiel. E sempre a mesm mulher, sabes? Não creio que seja preciso variar.

— Sim, sim, egual a mim...

Voltaram a rir e beber. Estavam quasi ébrios, m dessa embriaguez voluptuosa e elegante do cha pagne.

E beijou-a no pescoço, e ella celebrou com uma ga galhada a sua audacia.

— Que perfume usas?

— Qualquer um serve.

O cavalheiro inclinou-se sobre a nuca da odalisc para aspirar mais intensamente aquelle estranho pe fume que a sua carne exhalava, saturda de pó, d aguas e ao seu proprio corpo.

Um perfume analogo ao que deixam as mulher limpas entre os lençóes, quando abandonam o lei

Elle voltou a beijal-a, agora na bocca, e depo sobre os hombros e outra vez sobre a bocca...

Mas tarde, correram discretamente a cortina do ga nete do *buffet*, aquella hora silencioso.

* *

Depois daquella noite, nunca mais se tornaram encontrar. Ella nunca soube quem fosse o cavallei Elle tambem nunca soube quem era a odalista.

Porém tiveram sempre o intimo desejo de se to narem a encontrar em outra noite de carnaval, e um baile de mascaras, como aquelle em que, dean de uma taça de champagne, se haviam, elles, cavallei e odalisca, despojado de tudo, — menos da masca que traziam...

A FUGA DE ANGELITA

DE CLAUDE JOUQUIÉRE

Eu estava seguramente ha um anno, na pampa, quando, certo dia, vi u'a mão de um moreno rosado levantar a lona do meu rancho.

Um homem entrou e me fez uma reverencia, á maneira dos indios. E num sotaque de castelhano incorrecto e bastante hesitante, falou:

— Venho do coração da matta. Desde a nossa infancia, eu e minha irmã, vivemos entre os selvicolas. Temos tudo quanto possa fazer a nossa felicidade. Do começo de um anno ao outro, fazemos as nossas creações pastarem no campo. Durante o verão, entregamo-nos aos prazeres da caça. Quando chega o outomno, fazemos a péga dos nossos animaes para augmentar a fortuna da tribu. No inverno, preparamos as pelles para construir as nossas cabanas portateis, fabricamos as nossas armas, os nossos apparelhos de pesca e de caça. Levamos uma vida de aventuras e independencia que não se poderia desejar melhor. Sendo uma moça, minha irmã não acha a mesma satisfação na existencia. Ella tem apenas vinte annos, e o seu coração, diz ella, não saberia palpitar por um indio. Quer regressar á Santa Fé e viver como uma argentina. Não teria você alguem que a pudesse conduzir á cidade, isto é, á casa dos nossos paes?

O homem que assim me falava era joven e robusto. A sua pelle morena estava suja de barro vermelho. Poderia ser tomado por um selvagem. Mas, observando-se melhor, via-se que os seus cabellos eram pretos, compridos e ondulados e os seus traços eram de individuo da raça branca.

Respondi-lhe:

— Vou a Santa Fé dentro de tres dias, com o meu *sulky*. Traga-me a joven, que eu a levarei na carruagem.

A FUGA DE ANGELITA

Conclusão

— Gracias! — disse o homem, repetindo a sua reverencia.

E elle se eclipsou.

Tres dias depois, a mesma mão, que havia erguido a lona do meu rancho, reappareceu.

O homem, desta vez, trazia á sua frente, uma rapariga de uma belleza maravilhosa. Ella se havia recusado a pintar a sua pelle com barro vermelho; mas esta espelhava em clarões metallicos. O seu olhar era imperioso, e na sua seminudez tinha um porte altivo de rainha.

— Eis a que nos abandona — disse tristemente o irmão, que entrava.

Minutos depois de haver contemplado a irmã em silencio, falou bruscamente:

— *Basta luego!*

E desappareceu mais rapido, que da outra vez.

Então interroguei sua irmã, num hespanhol um pouco infantil, mas sem embaraço. Ella me fez a seguinte revelação:

— Chamo-me Angelita. Tinha apenas doze annos, quando os indios nos roubaram, a mim e ao meu irmão. Meu pae, que era proprietario de varias estancias, havia comprado cavallos e aproveitou a occasião para visitar as suas terras. Nós lhe haviamos pedido que nos levasse comsigo. Os nossos peões, montados nos seus cavallos, puxavam outros, amarrados por uma corda. Havia quatro dias que viajavamos, quando a nossa caravana foi atacada. Os gentios conseguiram capturar os nossos cavallos, depois de terem morto e ferido os nossos peões, e elles nos levaram na sua fuga. O nosso pae escapou. E creio que nossa mãe não terá morrido de desgosto e que os encontrarei ainda. Eu vos agradeço muito o favor de querer conduzir-me até elles.

O bagageiro veiu prevenir-me de que o carro estava atrelado, e foi em caminho que a moça, respondendo ás perguntas que lhe fazia, completou a narrativa de sua aventura.

— Meu irmão — disse ella — é um indio perfeito. E' agil, forte, e a vida barbara lhe agrada. Eu, porém, nunca esqueci um minuto que a gente em cujo meio fui obrigada a viver, não passa de raptores. Sempre me mostrei furiosa, deante delles. Assim que completei quinze annos, eu os dominei integralmente. São homens que não respeitam senão aquelles que admiram. E o que elles admiram é a audacia. Disse de mim para sombrio:

— E' um renegado.

De novo fez silencio. E, subitamente, faz vibrar, com os olhos inflammados, a sua voz ardente.

— Mas estou vingada! estou vingada!

Deante daquella exaltação, do seu olhar de ameaça, da sua fronte altiva e das suas mãos crispadas de odio, retorcidas de rancor experimentei um mal estar e uma certa mim: elles não são insensiveis á belleza. Mas certamente essa garota ignora que é formosa.

— Eu lhes falava em hespanhol — continuou ella — para os insultar. Foi assim que consegui conservar a minha lingua, ao passo que o meu irmão quasi que a esqueceu completamente.

A moça fez uma pausa, e depois ajuntou, com ar ta inquietação.

— Mas que fizestes para vos vingardes?

— Elles me haviam promettido a um dos seus chefes, que chamavam Wa-Taw-Tok. Desde muito tempo, consegui ir adeantando a cerimonia do noivado. Mas havia chegado o momento em que me queriam contrariar. Foi por isso que disse a meu irmão: "Fica aqui, si quizeres. Por mim voltarei á Santa Fé. Vê si encontras alguem que te queira levar até lá". Quando soube que me ver livre, fiquei louca de alegria. Mas uma cousa me atormentava: é que um indio ousou crêr que eu seria sua mulher. Agora que entrevia a possibilidade de tão grande felicidade — ser amada por um homem branco — considerava um ultraje intoleravel a impudente pretensão daquelle selvagem. Minha irritação foi ainda maior quando percebi que meu irmão me abandonava e renegava o nosso pae e a nossa mãe, para se fixar entre aquelles monstros. Antes da minha fuga tomei um excellente partido. Entrei na tenda de Wa-Taw-Tok e disse-lhe, carinhosamente: "Venho aqui para ser tua mulher, Falcão-Vermelho. Deita-te no solo e cruza os braços sobre o peito, afim de que a tua noiva possa se estender a teu lado e pronunciar o juramento de fidelidade". E quando elle se deitou no chão, ajuntei: "Fecha os olhos", e arranquei a sua navalha, objecto de suas rapinas, e, de um só golpe, lhe rachei a cabeça. Depois, fugi, sem que ninguem me visse, nem percebesse nada.

Um fremito de horror me percorreu o corpo.

— Mas, desgraçada, exclamei, pronunciaste a condemnação do teu irmão! Logo que elle chegue ao campo, será estrangulado.

— Uma vez que elle prefere aquelles selvagens aos seus parentes, que se arranje com elles.

Isso é lá com elle.

Por seu turno, essa argentina não era menos barbara que os selvicolas de quem fugia indignada.

Depois de longas investigações, descobrimos a residencia dos seus paes em um arrabalde de Santa Fé. Mas oito dias depois, quando voltei ao rancho, encontrei a cabeça do irmão della, enfiada em uma vara, deante da minha porta. Os Indios haviam seguido a pista do rapaz até lá.

· · ·

VERSOS

CASCATA

Na transparencia branca das entranhas,
o teu dorso se estende e se dilata!
e emquanto a alma das cousas se arrebata,
vaes orchestrando musicas estranhas...

Imaginando heraldicas façanhas,
eu te admiro, intrepida Cascata!
E' phantazio a idéa mais sensata
de seres a alma viva das montanhas

se despejando transformada em agua...
Cascata de gemidos tão tristonhos!
o teu destino e o meu não são diversos:

Nesta vida, tambem a minha Magua
quiz que a caudal immensa dos meus sonhos
se despejasse transformada em versos!...

AGENOR DE SOUZA.

· · ·

HA cincoenta annos que os medicos recommendam mingáos de Quaker Oats ás creanças de cólo. Como alimento muito nutritivo, capaz de desenvolvel-as e fortalecer-lhes a saude, Quaker Oats é insubstituivel.

Os elementos nutritivos que, por natureza, constituem Quaker Oats, concorrem efficazmente para o desenvolvimento dos ossos, dos musculos, dos dentes, do sangue e dos nervos. As creanças que se alimentam com Quaker Oats adquirem logo a energia indispensavel ao seu crescimento.

Demais, todas as pessoas, deste ou daquelle sexo, em todas as edades e até mesmo na velhice, necessitam de um alimento saudavel e fortificante, isto é, de Quaker Oats. É o alimento insubstituivel para todos, de sabor delicioso, facil de ser preparado e muito economico.

Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter genuino Quaker Oats.

Quaker Oats

ADEUS RUGAS

1.000 dollares de premios se ellas não desapparecerem

A mulher em toda a edade póde se rejuvenescer e embellezar. — E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto em pouco tempo. — Experimentae hoje mesmo o RUGOL. Creme scientifico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza Mlle. Dort Leguy, que alcançou o premio do Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha, e faz desapparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recem-nascida poderá usal-o.

RUGOL dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA — *Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.*

Mlle. Leguy offerece mil dollares a quem provar que ella não possue oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de cura não são espontaneos e authenticos.

AVISO — *Depois desta maravilhosa descoberta innumeros imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não aceite substitutos, exigindo sempre:*

RUGOL

Mme. Hovry Vigier escreve:

"Meu marido, que em sua qualidade de medico é muito descrente por toda a sorte de remedios ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio"...

Mme. Souza Valence escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeiavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desapparição não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessôas que me conheciam.

Encontra-se nas bôas pharmacias, drogarias e perfumarias. Se V. S. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queira cortar o coupon abaixo e nos mandar, que immediatamente lhe remetteremos um pote.

Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS. Escrip. Central: Rua Wenceslau Braz n.º 22 — Sobrado — Caixa, 1379. S. PAULO

COUPON

Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 — S. Paulo.
Junto remetto-lhes um vale postal da quantia de 10$000, afim de que me seja enviado pelo correio um pôte de RUGOL:

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

(QUEIRAM ESCREVER COM CLAREZA)

Basta de experiencias !

Use a

UNDERWOOD

A vencedora em todos os campeonatos. A machina cuja reputação de excellencia e durabilidade a acção do tempo comprova e consolida.

Peçam prospectos a

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — RIO.

S. Bento, 35 — S. PAULO.